

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ÉRICA MARTELINI MESSIAS BORIN

**TRAJETÓRIAS DE EXCLUSÃO:
O ALUNO DO SUPLETIVO E SEU COTIDIANO ESCOLAR**

Sorocaba/SP

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ÉRICA MARTELINI MESSIAS BORIN

**TRAJETÓRIAS DE EXCLUSÃO:
O ALUNO DO SUPLETIVO E SEU COTIDIANO ESCOLAR**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eliete Jussara Nogueira

Sorocaba/SP

2009

ÉRICA MARTELINI MESSIAS BORIN

**TRAJETÓRIAS DE EXCLUSÃO:
O ALUNO DO SUPLETIVO E SEU COTIDIANO ESCOLAR**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba.

Aprovado em: 07/12/2009

BANCA EXAMINADORA:

Ass.: _____

Pres.; Prof^a. Dr^a. Eliete Jussara Nogueira
Uniso – Universidade de Sorocaba

Ass.: _____

1º Exam.: Prof^a. Dr^a. Flavinês Rebolo Lapo
UCDB – Universidade Católica Dom Bosco

Ass.: _____

2º Exam.: Prof^a. Dr^a. Vânia Regina Boschetti
Uniso – Universidade de Sorocaba

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao Rogério
pelo companheirismo e compreensão;
para minha família, incansável na arte de educar;
e a todos que como eu ainda acreditam na educação.

AGRADECIMENTOS

Mais uma etapa da minha vida está se encerrando e neste momento de profunda emoção só tenho a agradecer a Deus, razão de minha fé e busca por um mundo melhor. Agradeço somente a Ele por ter colocado pessoas tão maravilhosas em meu caminho e que muito me auxiliaram na execução desse trabalho. Creio que qualquer trabalho que façamos só é completo quando existem outras pessoas envolvidas e esses que agora recordo, com certeza, muito mais do que a contribuição no trabalho, deixam lições para a minha vida:

-meus pais que mesmo com tantas dificuldades, sempre me incentivaram a estudar;

-Rogério, meu esposo, companheiro de todas as horas, pela torcida, carinho e atenção;

-professora Eliete por ser muito mais que uma orientadora e por sempre acreditar em mim;

-professora Maria Lúcia por ter sido a primeira a me ensinar a enxergar o mundo com outros olhos;

-aos alunos que sempre animados se dispuseram a ser entrevistados;

-as equipes gestoras das escolas em que leciono, por compreenderem e autorizarem minhas abonadas;

-minha família, por entender minhas ausências e as vezes em que tive que ir embora mais cedo;

-a Ioná (que ainda me presenteou com a “Bia” como afilhada), a Selma e ao Ari, por ajudar nas correções e formatação deste trabalho;

-todos os colegas do Mestrado da Uniso - turma 2007, mas especialmente Cleide, Walquíria, Cláudia, Cecília, Gilberto e Marinete pelo apoio e companheirismo;

-todos os professores da Uniso com quem tive contato desde 1994 na Graduação, na Pós-Graduação e no Mestrado;

- familiares e colegas de trabalho sempre otimistas e torcendo por mim;
- os colegas de trabalho da FIB, principalmente Terezinha e Robertinho, sempre animadores e conselheiros;
- o Ademar pelas dicas iniciais;
- o Claudemir, a Valéria e a Maria Cristina por me auxiliarem na parte burocrática;
- a Raquel pelas sessões de fisioterapia;
- a Secretaria de Estado da Educação do estado de São Paulo, que viabilizou economicamente esse investimento em minha formação acadêmica.

E a todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente (espero não ter esquecido ninguém, pois sou muito grata a todos), só peço a Deus que os ilumine e os abençoe em cada dia de suas vidas.

EPÍGRAFE

AOS ESFARRAPADOS DO MUNDO
E AOS QUE NELES SE
DESCOBREM E, ASSIM
DESCOBRINDO-SE, COM ELES
SOFREM, MAS, SOBRETUDO,
COM ELES LUTAM.

(Paulo Freire)

RESUMO

Esta dissertação tem como foco de estudo o cotidiano escolar de alunos do supletivo, investigando como ocorreu a trajetória destes. O objetivo geral foi refletir sobre aspectos do mundo contemporâneo, presentes no cotidiano escolar e, por meio da trajetória dos alunos, conhecer, desde sua exclusão do período regular, até seu retorno à escola, os motivos relacionados por eles que fizeram abandonar os estudos, assim como os que os levaram a retornar. Utiliza como referencial teórico de análise o conceito de “refugo humano”, desenvolvido por Baumam. Como procedimento de pesquisa foram realizadas entrevistas individuais com dez alunos dos ciclos III e IV (equivalente da 5ª à 8ª série) de uma escola municipal de Porto Feliz. A maioria dos alunos trabalha, reside na zona rural e urbana, é casada e a faixa etária variou entre dezessete e sessenta e três anos. Como análise dos resultados, foi possível identificar que; de modo geral, a maioria dos alunos que deseja retomar os estudos, ainda o deixa incompleto. Os alunos entrevistados apontam uma trajetória no ensino regular de dificuldades pessoais associada à falta de oportunidades concretas oferecidas pelo Estado. Ficou evidente, nos entrevistados, o sonho em estudar, porém são muitos os obstáculos colocados ao longo de suas trajetórias de vida. Na comparação com o previsto em lei, para alunos que não conseguiram cumprir escolaridade regular, as condições de sala de aula, horários, entre outros, são obstáculos para a continuidade dos estudos. O refugo humano é identificado nesta população por sua exclusão da realidade social, por uma inadequação definida pela própria sociedade.

Palavras-chave: Cotidiano escolar. Trajetórias de vida. Ensino Supletivo. Exclusão

ABSTRACT

This essay has as its focus on the daily school routine of supplementary course students, investigating how their track has occurred. The general purpose was to ponder over the aspects of the present-day world, existing in the daily school routine and through the students' background, get to know, since their being excluded out of regular school, until their returning to it, all the reasons which took them to quit studying, as well as the ones which got them to resume it, as reported by themselves. This essay uses as a theoretical analysis reference the "human refuse" concept, developed by Bauman. Ten students from the cycles III and IV (equivalent to the 5th to 8th grades) all of them from a municipal school located in Porto Feliz, were individually interviewed as research procedure. Most of the students work, live in the farm and urban area in town, is married and their ages vary from seventeen to sixty-three years old. Analyzing the results, I was able to identify that, on average, most of them who actually want to resume studying, still let it unaccomplished. The students have pointed out to a background full of personal problems in the regular school period, together with lack of serious opportunities offered by the State Government. It was quite clear, due to what the interviewed ones have said, that they still dream of studying, yet, there are so many roadblocks put ahead them all along their life paths. In comparison with what is requested in the law for students who still have not accomplished regular education, the classrooms conditions, schedule and other items are obstacles to the continuity of their studies. The human refuse is identified among this population by means of their exclusion from social reality, for an inadequacy of the very society.

Key words: Daily school routine. Life paths. Supplementary teaching. Exclusion.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 UM CONTEMPORÂNEO	14
2.1 Um mundo líquido.....	17
2.2 Os excluídos.....	19
3 O ENSINO SUPLETIVO NO BRASIL.....	23
3.1 Políticas públicas educacionais para o Ensino Supletivo.....	23
3.2 Jovens e adultos excluídos da educação.....	29
4 ALUNOS DO SUPLETIVO: TRAJETÓRIAS.....	33
4.1 Trajetórias de exclusão: os alunos do supletivo.....	33
4.2 Características da escola dos alunos entrevistados.....	35
4.3 Objetivos: geral e específicos.....	42
4.4 Procedimento.....	42
4.5 Perfil dos entrevistados.....	44
4.6 Resultados.....	45
4.7 Análise.....	52
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	58
APÊNDICE A – Termo de consentimento.....	63
APÊNDICE B – Tabelas.....	66
APÊNDICE C – Roteiro de entrevista.....	68
APÊNDICE D – Transcrição das entrevistas.....	70
ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa.....	116

1 INTRODUÇÃO

Acredito que a escolha de um tema para estudo é influenciado entre outros motivos, por nossa história de vida. Então, quando todos os caminhos me levaram a escolher o Ensino Supletivo, retorno a minha trajetória. Há vários anos leciono para classes do Ensino Supletivo (EJA – Educação de Jovens e Adultos), nos cursos correspondentes ao Ensino Fundamental e ao Ensino Médio. Tenho contato com alunos de diferentes idades, gênero, histórias e trajetórias. Por meio dessa proximidade, nas interações em sala de aula, nas conversas informais, os alunos contaram de suas dificuldades do dia-a-dia, com o trabalho, a família, a esposa, o marido, os filhos, pais, e seu percurso até a escola. Algumas histórias falavam sobre a retomada dos estudos, pela exigência do trabalho ou para melhorar a vida.

Dessa forma, fui envolvida pelas histórias que me sensibilizaram, pois revela o lado mais humano e real desses alunos. A possibilidade de compartilhar essas histórias nessa dissertação, motivou o desenvolvimento da pesquisa que apresento, ampliando meu interesse em desvendar nessas histórias o papel da escola para jovens e adultos.

A principal hipótese é que as histórias de vida dos alunos do supletivo revelam condições sociais excludentes, e a escola não observa suas necessidades para estudar. Essa dissertação justifica-se pela necessidade de dar voz a essa população que foi excluída do ensino regular, e apontar no supletivo, que agora tenta reparar uma situação de exclusão, quais as questões relevantes para oferecer oportunidades verdadeiras de escolarização para essas pessoas.

A sociedade em que vivemos é imediatista. O mais grave de tudo isso é constatarmos que nós paramos de questionar, talvez por causa do medo de não acompanhar as mudanças, empobrecer, ser esquecido, do estranho, do desconhecido. O que nos resta, então para “sobreviver” a esses tempos pós-modernos? Continuar seguindo os padrões comportamentais impostos pela elite? Ou lutar com as nossas precárias armas do subdesenvolvimento que os governos oferecem através da educação nas mais diversas modalidades? Voltar à escola para

tentar reverter essa situação? O chamado “refugo humano” se revolta, quer ser notado, desafiando a lei e a ordem e volta à escola para tentar se adequar.

Lampert (2005, p. 31) lembra que:

A pós-modernidade exige um novo perfil de profissional, ou seja, com visão ampliada, capacidade de liderança, de trabalhar coletivamente, que seja criativo, flexível e permanentemente atualizado, para atender as exigências do mundo capitalista.

Porém alerta para o lado perigoso e perverso da educação permanente, que, segundo Lampert (2005, p. 32), intoxica continuamente o trabalhador com a formação puramente técnica e científica, impossibilitando o homem se interrogar sobre si e o trabalho.

Às vezes questões éticas acabam sendo deixadas de lado. E o humano, cada vez mais se torna mercadoria. Como ficam, então, as pessoas que não possuem instrução formal ou convencional?

Muitos daqueles que por algum motivo não tiveram a oportunidade ou não puderam estudar na idade regular, sequer se consideram cidadãos, pois é comum associar esse termo apenas ao sujeito escolarizado; a ordem política e social do mundo moderno atribui à educação escolar a função de preparar os educandos para o exercício da cidadania (RODRIGUES, 2001). O acesso a conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades são parte do processo de formação humana, mas não se pode afirmar que é a totalidade do processo.

Pensar em uma educação para jovens e adultos deve conduzir, em primeiro lugar, a reflexão e a investigação do que os levou a abandonar a escola na época regular e quais fatores fizeram com que retornassem anos mais tarde. É também conhecer o histórico dessa educação no país, o contexto em que ela surgiu, os interesses envolvidos, quais os desdobramentos desse ensino ao longo das décadas, bem como os planos, no presente, para esses estudantes.

A organização desse trabalho está em capítulos, iniciando-se, com a concepção da vida contemporânea, e o referencial de mundo líquido como leitura para o atual contexto. Bauman é o teórico escolhido para apoiar conceitos, como do

excluído e do “refugio humano”, investigando os aspectos que podem levar a produção ou a reprodução do “lixo humano”, na sociedade, incluindo a escola.

Em um segundo momento tenta-se contextualizar o Ensino Supletivo de acordo com o seu histórico e sua legislação no Brasil, até os dias de hoje, para depois passar para o lócus dos alunos entrevistados. A pesquisa de campo ocorreu por meio de entrevistas e se concentrou nos alunos do Ensino Supletivo, de uma escola municipal do município de Porto Feliz, ciclos III e IV (5^a à 8^a séries).

Alunos estes, que não puderam estudar na idade regular por motivos individuais/sociais, de trabalho, por que não gostavam, ou não apresentavam desempenho acadêmico satisfatório para a escola; ou por que moravam muito longe; ou porque, no caso das mulheres, engravidavam ou se casavam, enfim situações que não mobilizaram nenhum órgão governamental competente para priorizar a educação. Esses alunos ainda hoje enfrentam dificuldades para estudar porque já trabalham, tem filhos e casa para cuidar, muitos residem na zona rural, mas resolveram tentar de novo.

Para a entrevista com os alunos, foi investigada sua trajetória: seu passado escolar, os motivos que levaram a abandonar os estudos e posteriormente a retornar, os relatos de seu cotidiano e suas experiências. A questão geradora da pesquisa foi: “Qual o percurso ou a trajetória escolar de alunos do ensino supletivo?”.

O procedimento de investigação se deu por meio de entrevistas individuais, com um roteiro flexível, com questões de identificação pessoal que incluem: idade, estado civil, escolaridade e identificação de moradia e trabalho. Em um segundo momento da entrevista, as questões foram referentes ao cotidiano escolar e a trajetória do aluno na idade regular de entrada na escola até chegar ao curso supletivo. Os dados coletados foram analisados, pretendendo-se mostrar as histórias de possíveis exclusões ao longo da trajetória escolar e refletir o papel da escola neste contexto. Foram entrevistados dez alunos, que escolhidos aleatoriamente seguiram o procedimento ético de participação em pesquisa, com consentimento livre e esclarecido.

2 UM CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

Compreender a realidade significa buscar um autoconhecimento, uma compreensão de nossa historicidade. Antes de entender um pouco sobre as características do mundo atual, que nos influencia, denominado por alguns teóricos de mundo líquido (Bauman, 2001), condição pós-moderna (Harvey, 1989), hipermodernidade (Lipovetsky, 2004), modernidade tardia (Guidens, 1997), entre outras denominações que revelam a necessidade de diferenciar uma época, um período histórico, na tentativa de delimitar um tempo, e mostrar que estamos vivendo um mundo com características diferentes do chamado mundo moderno, precisamos entender brevemente o que é o período chamado modernidade.

O advento da modernidade apresentou expectativas de uma sociedade mais igualitária, mais fraterna e com mais liberdade. Regida pela fé na inteligência e na razão humana, a Modernidade trazia a promessa de melhor condução da vida humana (PEREIRA, 2003).

Segundo Lampert (2005), a modernidade refere-se a um momento histórico que emergiu com o iluminismo, e tinha a intenção de organizar a sociedade de acordo com a razão ou os valores da racionalidade. Com o advento da Revolução Industrial, Revolução Francesa, grandes marcos da modernidade, a sociedade se opunha aos dogmas e regras da igreja introduzindo uma maneira científica de pensar. Igualdade, fraternidade e liberdade, eram os princípios do ideário moderno, pautado no conhecimento científico e na razão como forma de alcançar um mundo com paz, menos miséria, capaz de oferecer direitos iguais a todo cidadão:

O projeto e o sonho da modernidade de uma ordem econômica e política pacífica, de uma ordem social mais afortunada para a humanidade e mais equilibrada para os seres humanos, fundados na ordem racional, estão longe de ter sido alcançados. (PEREIRA, 2003, p. 128)

Mesmo com o avanço da ciência e da tecnologia, não estamos mais felizes, não terminaram as guerras, as diferenças sociais e as misérias continuam, portanto vivemos uma crise da modernidade, da razão, da ciência, que questiona as verdades universais, a objetividade, a ciência neutra, metanarrativas, enfim, todas as

estruturas rígidas, e fragmentárias que tentaram explicar a realidade objetiva, estão em crise. (LAMPERT, 2005)

A globalização com suas causas e conseqüências sociais confirma que os ideais modernos não foram atingidos em sua totalidade. Por globalização entenda-se, segundo Santos (1995) o processo de internacionalização, intercâmbio entre os países, dando a impressão de que todos teriam acesso aos bens, riquezas e aos conhecimentos produzidos pelas sociedades humanas mundo afora. Mas as diferenças de crescimento econômico, capacidade tecnológica e condições sociais entre as diversas regiões do mundo fazem com que a globalização seja um processo desigual, injusto que distancia ainda mais as diferentes regiões do globo (LAMPERT, 2005, p. 2). Na verdade o privilégio do acesso aos bens produzidos na sociedade global é reservado apenas a um pequeno número de agentes, os grandes bancos e empresas transnacionais, alguns Estados, as grandes organizações internacionais, (SANTOS, 1995). A grande maioria da humanidade resta a exclusão econômica e social.

Pensava-se, então, que com a modernidade mais pessoas teriam acesso aos bens que a sociedade estava produzindo: informações, tecnologias, bens de consumo, etc.; a vida das pessoas melhoraria, com a igualdade, a emancipação humana e a fraternidade reinando (BAUMGARTEN, 2005). Foi um engano. O progresso, uma das promessas da modernidade, era sinônimo de mais felicidade para um número maior de pessoas, mas com ele veio a tecnologia e passou a ser necessário cada vez menos pessoas para movimentar o mundo (BAUMAN, 2005, p. 24). A História vem mostrando que quanto mais as sociedades evoluem em termos científicos, ou tecnológicos, mais aumenta a distância social e econômica entre as pessoas.

Mais ou menos no final do século XX, uma mudança paradigmática se apresenta e uma transição de uma cultura de certezas (do iluminismo) para uma era de incertezas. Necessidades de sistemas abertos para explicar o mundo, pois a realidade é relativa e questionável são características do mundo que vivemos. Segundo Baumgarten (2005) é o fim das utopias, o avanço das tecnociência, a globalização como estratégia econômica, faz com que o capital mova-se livremente em diferentes mercados, enfim uma nova ordem social.

Analisar o contexto atual é sempre difícil, sem os devidos distanciamentos, e com informações por vezes incompletas, pode-se ocorrer em erros, portanto definir, ou explicar a contemporaneidade leva a leituras diversas, para falar do nosso tempo, e encontramos definições e terminologias diferentes, uns chamam de: condição pós-modernidade, modernidade tardia, modernidade líquida, Gilles Lipovetsky (2004), define assim hipermodernidade:

Antes, tínhamos uma modernidade limitada, agora é chegado o tempo da modernidade consumada, pois já faz tempo que a modernidade se exhibe sob o signo do excesso, da profusão de mercadorias, agora, isso já exacerbou com os shoppings e hipermercados hipermodernos, gigantescos. 'Sem limites'. (LIPOVETSKY, 2004, p. 54).

Na cultura do excesso, a quantidade é supervalorizada, a opinião mais do que a informação científica, um tempo supermoderno, ou seja, é a época moderna no seu excesso, supera o período de pós, fase de transição, e que segundo Lipovetsky (2004), já não é mais nosso, vivemos a crise do futuro, menos romântico e que se dedica a torna possível o impossível. Os debates contemporâneos são a maioria sobre o futuro, mesmo que as ações visem o imediato, os resultados em curto prazo, existe uma atmosfera de estresse permanente, convivendo com a ociosidade.

Harvey (1989), no seu livro a "Condição Pós-moderna", diz que uma nova condição ocorre no mundo, uma mudança, um novo tipo de discurso estaria sendo implantado, e que na falta de uma terminologia adequada, ou algo melhor para denominar esse período ele usa o termo pós-modernidade, mas entende que é um termo transitório. Harvey (1989, p. 257), denuncia que o ritmo dos acontecimentos é muito rápido, ditado pela urgência e velocidade das informações dentro do mundo capitalista, o que tem tido forte impacto sobre a vida social e cultural. Ou seja, a velocidade dos acontecimentos tem sido tão grande e em um espaço de tempo tão curto que a impressão é de que o mundo tem diminuído e as distâncias ficaram mais curtas.

À medida que o espaço se encolhe para se tornar uma aldeia "global" de telecomunicações e uma "espaçonave planetária" de interdependências econômicas e ecológicas _ para usar apenas duas imagens familiares e cotidianas _ e na medida em que os horizontes temporais se encurtam até ao ponto em que o presente e tudo que existe, temos que aprender a lidar

com um sentimento avassalador de compressão de nossos mundos espaciais e temporais (Harvey, 1989, p. 240).

Neste período muitos são os indícios de uma condição pós-moderna: o hedonismo, o imperialismo do gosto, sistemas de comunicação rápida, novas hierarquias de valores e significações da vida, desconfiança de todos os discursos universais, as experiências de tempo e espaço são redefinidas. Os ambientes e experiências modernos cruzam fronteiras da geografia e da etnicidade, da classe e da nacionalidade, da religião e da ideologia.

2.1 Um mundo líquido

Para o presente trabalho escolhemos o conceito de mundo líquido de Zygmund Bauman, como expressão do nosso mundo atual. Bauman é um dos pensadores que mais tem publicado livros sobre os tempos contemporâneos. Polonês, radicado na Inglaterra, sociólogo de linha humanística, atualmente professor emérito de sociologia da Universidade de Leeds.

Bauman, propõe o termo “modernidade líquida”, segundo Santaella (2007, p.13), “não haveria título mais sugestivo para dar conta das incertezas que rondam as condições cambiantes, maleáveis, fluídas, excessivas, transbordantes, fugazes das complexas contradições das sociedades contemporâneas”.

Diferente dos sólidos, os líquidos não mantêm sua forma, estão vulneráveis ao espaço que ocupam, segundo Bauman:

Os líquidos se movem facilmente. Eles fluem, escorrem, esvaem-se, respingam, transbordam, vazam, inundam, borrifam, pingam, são filtrados, destilados; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. (BAUMAN, 2001, p. 8)

Bauman utiliza a metáfora de líquidos pra descrever o mundo contemporâneo, estabelecendo as mudanças do que ele denomina fase “sólida”, da modernidade, a qual as relações humanas, os valores, o conhecimento, a verdade, podiam ser concretizados, permanecia por muito tempo. Em contraposição, a fase “líquida”, tudo

é relativo às circunstâncias, é incapaz de manter a forma, o autor refere-se a todas as coisas, por exemplo: o amor, o tempo, os relacionamentos, o emprego, o conhecimento, o medo, tudo fica desregulado e flexível. (BAUMAN, 2001, 2005, 2007, 2008)

As mudanças que vem ocorrendo apresenta uma sociedade cada vez mais em “rede”, em vez de “estrutura” social. Bauman (2007) descreve uma sociedade, como uma matriz de conexões e desconexões aleatórias, infinitas, portanto, uma sociedade aberta, vulnerável, obcecada por segurança, com pessoas felizes e ocupadas demais. Bauman questiona como as mudanças influenciam na maneira das pessoas se relacionarem, na maneira de viver suas vidas, e acrescenta que, um dos nossos medos de cada dia é o da não adequação, por isso cada vez mais as pessoas se preocupam com a sua imagem, realizam o seu marketing pessoal, são como mercadorias (BAUMAN, 2008). Basta observar os currículos formulados para conquistar um emprego, para constatar que cada vez mais as pessoas se oferecem como se fossem mercadorias colocadas em exposição para serem adquiridas, onde se tem a impressão de que estamos diante de um produto que está sendo oferecido: quem tiver a melhor aparência, estiver mais atualizado, será “levado para casa”. Esse é o efeito de um mundo globalizado, competitivo.

Uma sociedade carente de certezas, segurança, proteção, é uma grande oportunidade de medos. Segundo Bauman (2008), os políticos utilizam e propagam o medo da violência, do filho ficar sem educação, entre outros argumentos para assegurar o próprio trabalho, na verdade estão alimentando o medo generalizado. A mídia com programa de “reality” assegura a normalidade do medo e da exclusão, colocam como regra “eliminar” pessoas sem motivos significativos, ou seja, todos estão vulneráveis a serem excluídos, e devemos aceitar tal fato como inevitável. O questionamento de tal situação, não carrega a discussão de injustiça social, a qual todos estão submetidos.

O poder, a elite se move para qualquer lugar, mesmo sem sair do seu local e é igual às outras elites espalhadas pelo mundo, e se existe elite tem população que não conseguiu acompanhar, e nem adquirir poder, esses são tratados como lixo, como refugio humano (BAUMAN, 1999).

2.2 Os excluídos

Os excluídos, tratados por Bauman (2005) como “refugo humano” estão em toda parte. Para onde olharmos podemos vê-los: na televisão, nas revistas e jornais, enfim, nos meios de comunicação, de modo geral; nas ruas, no trabalho, em qualquer cidade e, como não poderia ser diferente, na escola, onde a sociedade é reproduzida.

Bauman (2005, p.12) afirma que os seres humanos refugados, são os que não puderam ou não quiseram ser reconhecidos, não obtiveram permissão para ficar, e são produtos inevitáveis da nossa sociedade. Não há espaço para eles na modernidade; eles são os inadaptados, expulsos, marginalizados, o “lixo humano” produzido pela sociedade de consumo. São pessoas que não tem para onde fugir, não tem futuro.

Essa produção de refugo humano intensificou-se ainda mais com o processo da globalização e esse é também um problema para o Estado que não pode mais enviá-los para as antigas colônias (BAUMAN, 2005, p. 13):

A nova plenitude do planeta significa, essencialmente, uma crise aguda da indústria de remoção do refugo humano. Enquanto a produção de refugo humano prossegue inquebrantável e atinge novos ápices, o planeta passa rapidamente a precisar de locais de despejo e de ferramentas para a reciclagem do lixo.

É possível associar o termo refugo humano utilizado por Bauman com o miserável de Geremek que faz uso desse termo (1995, p. 7), lembrando que em diferentes épocas ele está inscrito, modificando-se a avaliação ética e estética dessa personagem. Ele pode suscitar desprezo ou admiração, indiferença ou atenção, provocar compaixão ou escárnio. Possuem uma desordem excludente, uma presença inquietante, pois são os vadios, os miseráveis e os rejeitados pela cena urbana da modernidade. Por esse motivo, são excluídos não apenas socialmente como culturalmente também, pois são considerados medíocres pela elite cultural, ideia absorvida pela elite social.

Paulo Freire, também já tratou do excluído, do oprimido: “o demitido da vida, medroso e inseguro, esmagado e vencido. Mão estendida e trêmula dos esfarrapados do mundo, dos condenados da terra.” (Freire, 1987, p. 31). No sistema capitalista, não há espaço para todos, portanto teremos sempre excluídos.

De modo geral a humanidade tem contado sua história pela versão dos vencedores, inclusive utilizando de teorias, para explicar uma possível seleção natural, por exemplo, utiliza da teoria de Darwin (teoria da evolução das espécies), que propõe uma mudança de paradigma, em que a competição entre as espécies; as mudanças bruscas nas condições do ambiente, clima, alimentação, e a variedade genética, provocariam uma seleção natural, gradual e com modificações orgânicas. Essa complexa teoria foi reduzida pela máxima: só os mais fortes sobrevivem só os que conseguem se adaptar, reforçando a idéia de que quando uma pessoa não é incluída socialmente a culpa é dela mesma, ou que é da natureza humana, excluir os mais “fracos”.

Na época das Grandes Navegações, principalmente durante os séculos XV e XVI, as novas terras encontradas, as colônias, serviam como depósito para os infratores, criminosos, indivíduos que já não eram mais bem vindos em sua sociedade; eram expulsos de sua terra natal, tinham que migrar a procura de um lugar ou eram degredados para terras distantes. Atualmente não há mais terras novas a serem descobertas, e o refugio humano é expulso para a periferia das grandes cidades. São excluídos socialmente já que fogem do padrão, das expectativas de um mundo aceitável, organizado e ordenado racionalmente.

Como na cidade de Leônia, uma das “cidades invisíveis” de Ítalo Calvino (2006), as coisas se renovam diariamente e o que é lixo deve estar fora do alcance da visão, pois não se deve pensar em coisas que já foram rejeitadas, que já foram descartadas e não interessa saber para onde o lixo é levado, apenas queremos que fique afastado de nós. Jogar no lixo é expurgar uma impureza recorrente (CALVINO, 2006, p. 105).

O lixo se acumula nos depósitos e em algum momento pode se precipitar de volta para a cidade, assim como as pessoas que se acumulam nas periferias das cidades e podem, quando menos se espera voltar para o centro da cidade. Pessoas não podem ser aterradas como o lixo. E o que resta aqueles que não se enquadram

nos modelos exigidos pela sociedade? Na maioria das vezes a exclusão, pois não podem ser vistos, devem ser removidos, não há mais lugar para eles.

Na maioria das vezes é na escola que as pessoas buscam esse conhecimento. Não é diferente com os alunos que frequentam o Ensino Supletivo. Eles estão dispostos a correr atrás do tempo perdido. A educação, muitas vezes é vista por eles como a “tábua de salvação”, o caminho para participar do mundo que os cerca. Mesmo para aqueles que possuem um pouco mais de conhecimento, é comum aceitar que o objetivo da educação é preparar os indivíduos para a vida social, como um parâmetro universal, que se complementa com o discurso paralelo de formar os indivíduos para o exercício da cidadania (RODRIGUES, 2001).

Apropriando-se do termo “refugo humano” utilizado por Bauman, deslocamos o olhar para os alunos do ensino supletivo, caracterizados por não cumprirem o ensino regular dentro da norma etária, por motivos diversos são pessoas que não se adequaram ao padrão e no percurso educacional não tiveram permissão para ficar, e aos poucos vão sendo expulsos da escola regular. Sem espaço na escola regular, se tornam “refugo humano”, mas, teimosamente, voltam, precisam se “reciclar”. Em muitas situações somos todos refugos, vivendo a margem e essa situação é consequência inseparável de um mundo globalizado, o efeito colateral da construção da ordem e do progresso econômico (BAUMAN, 2005).

Não há espaço social para o excluído, o refugo humano produzido pela sociedade de consumo; e não há para onde fugir; não há uma lei que se aplique ao excluído. O excluído fica então segregado nas periferias, nos subúrbios das grandes cidades; são os moradores dos guetos, dos bairros problemáticos, das ruas perigosas, que procuramos evitar; são os imigrantes, refugo que vem de lugares distantes em busca de melhores condições de vida e precisa ser descarregado em países onde também não são bem vindos; são os refugiados, sem pátria, sem identidade que vivem (sobrevivem) na incerteza de um futuro; são os desempregados que se vêem sem possibilidade de elevar seus níveis de educação e prosperidade; são as pessoas que entram em depressão como consequência dessa exclusão (BAUMAN, 2005).

Em uma época de relações humanas líquidas o consumo exacerbado, descontrolado e acelerado evidencia que buscamos satisfazer desejos e não

necessidades. E esses desejos nem sempre são nossos de fato: são o que a sociedade exige de nós. Esse fato reflete também o medo de ser excluído. O humano é o ter e não o ser. Para ser aprovado socialmente, para ser aceito, para ser incluído precisamos apresentar e nos apresentar da forma convencional que se espera naquele momento como se fôssemos uma mercadoria, ou seja, de fato estamos passando de consumidores a mercadorias (BAUMAN, 2008). E quando pensamos que estamos adequados, surgem novas mudanças e precisamos novamente recompor, transformar nossa figura, como se fôssemos uma vitrine que muda a cada estação ou a cada data festiva.

Será o jogo da inclusão/exclusão “a única maneira pela qual se pode conduzir a vida humana em comum concebível que nosso mundo compartilhado pode assumir – receber – como resultado”? (BAUMAN, 2005, p. 164) Ainda não temos a resposta. Enquanto as incertezas continuam buscamos alternativas para tentar acompanhar as mudanças que ocorrem no mundo e não nos sentirmos mais excluídos. E a escola ou o voltar a estudar tem sido uma dessas alternativas.

3. O ENSINO SUPLETIVO NO BRASIL

Este capítulo tem como objetivo entender um pouco sobre o ensino supletivo, e também conhecer o histórico dessa educação no país, o contexto em que ela surgiu, os interesses envolvidos, quais os desdobramentos desse ensino ao longo das décadas, bem como os planos, no presente, para esses estudantes.

3.1 Políticas públicas educacionais para o Ensino Supletivo

Desde o início quando começou a se falar em educação no Brasil, no período colonial, a escolaridade de jovens e adultos foi relegada a segundo plano, isto quando ela nem sequer entrava em questão, demonstrando a condição de exclusão dessa modalidade de ensino. No período colonial os religiosos já realizavam uma ação educativa missionária com os adultos, primeiro os indígenas, depois os negros, mas visando a difusão do evangelho. Posteriormente, se encarregaram da escola de humanidades para os colonizadores e seus filhos (HADDAD e DI PIERRO, 2000).

Entretanto após a expulsão dos jesuítas do Brasil em 1759 pelo Marquês de Pombal (SAVIANI, 2005), há uma lacuna no que diz respeito à educação de jovens e adultos e esse assunto só volta a ser tratado com a Constituição de 1824, mas quase nada foi realizado, pois a referência a uma “instrução primária e gratuita para todos os cidadãos” (HADDAD e DI PIERRO, 2000, p. 109) era compreendida como uma educação para atender somente as crianças.

Após a proclamação da República, em 1889, a Constituição de 1891, foi marcada por uma educação dualista: uma para a elite outra para as camadas populares, inclusive excluindo os adultos analfabetos da participação do voto.

Com o crescente êxodo rural, ou seja, com o país incentivando a atividade industrial, as pessoas migrando da zona rural para cidade, fez-se necessário preparar o trabalhador rural, para essa nova realidade. A educação supletiva, então por razões de trabalho, de necessidade de mercado, foi oferecida para alunos com cultura rural, mas que estavam vivendo na cidade e que não tiveram oportunidade

de estudar. Mas quem acabava ingressando eram alunos mais jovens e das cidades (MAGAGNA, 2004).

O número de matrículas foi aumentando consideravelmente para os adolescentes e adultos analfabetos, antes excluídos do sistema de ensino, o que reduziu o analfabetismo no país, mesmo este continuando elevado. Mas ficou o questionamento sobre o significado dos índices de alfabetização, no entanto, quanto ao número de vagas abertas, o aumento foi incontestável. Embora Beisiegel (1986), chamasse a atenção para os instrumentos de medição “discutíveis” utilizados na época, devido ao conceito de alfabetização funcional, apenas para efeito de leitura e escrita, não se pode negar que foi um período em que foram estendidas as “oportunidades de acesso a educação comum a amplos setores da população antes completamente excluídos do sistema escolar” (BEISIEGEL, 1986, p. 386).

O ensino supletivo não só permitiu que um número maior de estudantes tivesse acesso a educação, como ampliou o ensino de nível médio, possibilitando um aumento do número de candidatos ao ensino superior. Ao longo da década de 1930 a democratização do ensino no país é evidenciada pela extensão das oportunidades de acesso à escola à maioria da população, com aumento do número de matrículas nos vários níveis de ensino e um modelo único de escola no lugar de vários tipos de ensino médio, destinados a clientela variadas. Até esse período o ensino atendia minorias privilegiadas, era seletivo, elitista.

E educação na Constituição de 1934, sob influência européia, foi reconhecida como direito de todos e dever do Estado e já prevendo um Plano Nacional de Educação que deveria ser estendido aos adultos. Foi a primeira vez que a educação para jovens e adultos foi reconhecida e tratada de forma particular (HADDAD e DI PIERRO, 2000), mas essa modalidade de ensino só ganhou ênfase realmente a partir da década de 40, com ações do governo tanto no âmbito municipal, quanto no estadual, quando ela é reconhecida como um problema de política nacional.

Em 1938 foi criado o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), que instituiu em 1942 o Fundo Nacional de Ensino Primário. Este deveria realizar um programa progressivo de ampliação da educação primária que incluísse o Ensino Supletivo para adolescentes e adultos, inclusive destinando recursos para essa finalidade (HADDAD e DI PIERRO, 2000).

Merece destaque nesse período a Campanha Nacional de Educação de Adultos empreendida por Lourenço Filho em 1947, com valorização do ensino nas comunidades, enfatizando a importância da educação de adultos e sua influência na educação de crianças para um “projeto de elevação cultural dos cidadãos” (DI PIERRO; JOIA; RIBEIRO, 2001, p.59).

Criada em 1945, a UNESCO chamava a atenção para as desigualdades existentes no mundo e indicava a educação, em especial a de jovens e adultos como a saída para as nações consideradas atrasadas. O Brasil necessitava então de uma política pública educacional efetiva que atendesse as necessidades dos jovens e adultos sem escolaridade, pois já estava bastante com os níveis de escolarização quando comparado com a média dos países do chamado primeiro mundo e mesmo com vários países vizinhos da América Latina (HADDAD e DI PIERRO, 2000).

Em 1947, atendendo ao que estava disposto na Constituição de 1946, é criado o Serviço de Educação de Adultos e é lançada a Campanha de Educação de Adultos, que embora criasse uma infra-estrutura nos estados e municípios para atender a educação de jovens e adultos, ainda não possuía uma proposta metodológica voltada para essa clientela (DI PIERRO; JOIA; RIBEIRO, 2001).

Em 1952 têm início a Campanha de Educação Rural, e em 1958 a Campanha Educacional de Erradicação do Analfabetismo, ambas com vida curta uma vez que, com o crescente êxodo rural e conseqüente urbanização do país, o trabalhador brasileiro, antes rural, passa a ser o trabalhador operário das cidades e precisava estar capacitado. Estender as oportunidades educacionais a parcelas cada vez maiores da população tornou-se, então um mecanismo para acalmar as tensões que cresciam entre as classes sociais nos meios urbanos nacionais, além oferecer uma qualificação mínima a grande massa de trabalhadores existente nas cidades (HADDAD, DI PIERRO 2000).

Rever as práticas educacionais para os adultos fez parte de um processo político em que era necessário contar com o apoio das camadas populares. O Brasil vivia um momento histórico de turbulência na política e proporcionar uma educação para esse grupo significava reproduzir na escola as relações de produção e de

exploração da sociedade capitalista, uma vez que a educação oferecida pelo Estado estava nas mãos das classes dominantes, reforçando sua ideologia (PAIVA, 1982).

No início da década de 1960, destaca-se o importante trabalho de Paulo Freire na educação de jovens e adultos. Para Freire, todo processo educativo era um processo político, ou seja, a escola deveria ter a intenção de libertar as pessoas oprimidas pelo sistema capitalista. Para isso ele elaborou o Programa Nacional de Alfabetização em 1963, cujo objetivo era "... alfabetizar despertando no jovem e no adulto um processo de conscientização sobre a realidade vivida, pela transformação dessa mesma realidade." (VALE, 2005, p. 38)

Para Freire, acreditava na educação como um instrumento de libertação, de transformação e de conscientização da realidade e por isso, centrado em uma ética pedagógica libertadora, Freire buscava em seu projeto resgatar o oprimido, torná-lo crítico e participativo dos acontecimentos da sociedade.

Outras campanhas foram realizadas pelo governo, mas com o golpe militar de 1964 todos os movimentos de educação e cultura popular são reprimidos, interrompidos e desmantelados. Paulo Freire então no exílio difundiu no exterior sua proposta de alfabetização. No Brasil, as idéias de Freire continuaram em ambientes não oficiais, como igrejas, associações de moradores ou outros espaços comunitários.

Durante o período militar foi implantada uma concepção compensatória de educação de jovens e adultos, entendendo essa concepção como um instrumento de reposição de estudos não realizados na infância ou na adolescência (DI PIERRO, 2005). Essa concepção ou paradigma compensatório atrelava a educação para jovens e adultos ao currículo e conteúdo próprios para crianças e adolescentes sem considerar as vivências desses alunos, as especificidades desse grupo, as particularidades e necessidades dos mesmos.

Em 1969, o governo federal organiza o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) que se espalha pelo país, porém este se caracterizava pelo controle político pedagógico do período militar, propondo um programa de alfabetização funcional, visando à aquisição de técnicas de leitura, escrita e cálculo. O MOBRAL utilizava também as "palavras geradoras", mas elas eram padronizadas para todo o

país, desconsiderando as realidades locais e a intenção de Paulo Freire. Desacreditado nos meios políticos educacionais, por suas falhas pedagógicas e por seus números contestáveis, o MOBRAL foi extinto em 1985 (DI PIERRO, JOIA, RIBEIRO, 2001).

Mesmo com os primeiros movimentos relacionados à educação de jovens e adultos tendo ocorrido desde a década de 1930, foi somente em 1971, por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 5692, que foram elaboradas as regras básicas para a educação supletiva, com um capítulo específico para esta modalidade de ensino, constando de suplência, relativa à reposição de escolaridade; o suprimimento, relativo ao aperfeiçoamento ou atualização; a aprendizagem e a qualificação, referentes à formação para o trabalho e profissionalização, a cargo basicamente do SENAI e do SENAC; além da flexibilidade, oferecida através dos cursos supletivos, centros de estudo e ensino a distância, entre outros (DI PIERRO, JOIA, RIBEIRO, 2001). Era a educação do futuro voltado para acompanhar a modernização econômica pela qual o Brasil estava passando. Mesmo assim, a educação de jovens e adultos ainda não era um direito assegurado por lei, pois a obrigatoriedade do Ensino de Primeiro Grau (agora denominado Ensino Fundamental) referia-se a faixa etária de 7 a 14 anos.

Durante a década de 1980, com a abertura política, a democratização das relações sociais e das instituições políticas brasileiras, a sociedade civil começa a se organizar em busca de seus direitos, o que culmina com a promulgação da Constituição Federal de 1988, que entre outras conquistas reconheceu os direitos da população de jovens e adultos ao Ensino Fundamental.

O reconhecimento da educação como direito, passou a ser assim considerado na Constituição de 1988 que diz que todos têm direito ao ensino fundamental gratuito adequado à sua condição de jovens e adultos trabalhadores:

Art.208º. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

- I. ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;
- II. progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio;

Porém, o que estava reconhecido por lei era negado pelas políticas públicas educacionais, que se voltavam para o Ensino Fundamental regular, então denominado Primeiro Grau, no que diz respeito aos recursos financeiros (HADDAD, DI PIERRO 2000).

Outro problema é que o Ensino Supletivo criado para atender os adultos que não puderam concluir seus estudos na idade regular passou a servir como aceleração de estudos para os adolescentes com baixo rendimento na escola regular, ou que abandonaram os estudos para trabalhar (DI PIERRO, JOIA, RIBEIRO, 2001).

No início da década de 1990, os programas voltados para a educação supletiva, que passam a cargo dos estados e municípios, ficam por um tempo, estagnados. Só voltam ao cenário das discussões educacionais, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, que em seu § 1º do Art. 37 dispõe que:

Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, **oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. (grifo nosso)**

A legislação garante “oportunidades educacionais apropriadas” as características dos alunos, porém, o cotidiano escolar do ensino supletivo não reflete essa adequação, com salas improvisadas em igrejas, ou escolas com adaptações de sala, horários que ignoram a característica do aluno trabalhador, enfim nos comentários que os alunos fazem em aula, são constantes as reclamações, além de não terem tempo de estudar fora da escola, pelos afazeres domésticos, entre outros motivos.

Na experiência com o ensino supletivo em Porto Feliz, muitos alunos moram na zona rural e quando chove o ônibus de estudantes não passa pelas estradas, para levá-los até a escola, então será que realmente a escola dá oportunidade de acordo com interesses e características dos alunos?

A década de 1990 foi também marcada pelo objetivo de ser a “*década da educação para todos*” onde as nações deveriam ter “realizado esforços conjugados para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem de crianças, jovens e adultos” (HADDAD e DI PIERRO 2000, p. 29). Porém, apesar de alguns avanços, o que se verifica é que as metas formuladas não foram alcançadas. É um trabalho que precisa ser conjunto entre sociedade civil e governos.

Nos dias atuais embora existam projetos voltados para a educação de jovens e adultos espalhados pelo país, a grande maioria sob responsabilidade dos municípios, mas, como estes não usufruem de um sistema de ensino nacional, o que ocorre é uma descontinuidade de estudos (HADDAD, 2007).

Além disso, a evasão escolar decorrente das dificuldades que os alunos enfrentam para estudar, como distância, horário de trabalho, dificuldades na aprendizagem, entre outros, demonstra que faltam incentivos e adequação para essa modalidade de ensino. Essa adequação vai desde o espaço físico, até o material didático utilizado para esses alunos.

É importante conhecer a identidade da educação de jovens e adultos para definir políticas educacionais públicas que realmente venham ao encontro de suas necessidades e de seus interesses. Essas necessidades e interesses são as mais variadas, levando-se em conta a faixa etária, a localidade, a distância com relação à escola, o horário de trabalho, o tempo das aulas.

3.2 Jovens e adultos excluídos da educação

Muitos foram os motivos que excluíram a população do direito à Educação pública, gratuita, laica e universal. A Educação de Jovens e Adultos no Brasil, pela lei foi destinada àqueles que não tiveram oportunidades de acesso ou permanência na escola no tempo adequado e caracterizou-se por ter se constituído em um sistema paralelo ao sistema regular de ensino (MAGAGNA, 2004).

A exclusão precoce da escola apresenta-se como um dos mais graves problemas do sistema educacional brasileiro, comprometendo a construção de uma sociedade mais justa e igualitária (SANTOS, 2003).

A categoria exclusão normalmente está relacionada às condições sociais em que as pessoas vivem geralmente associadas à pobreza. Não se pode esquecer que essa concepção é consequência das relações sociais e, por esse motivo, leva a diferentes definições. Aqui a exclusão será tratada de modo a analisar e refletir sobre a realidade de alunos que, pelos mais diversos motivos tiveram que abandonar a escola durante a idade regular. Será considerada, então a concepção apresentada por Ribeiro (1999, p. 37), segundo a qual: “refere-se a processos de segregação justificados sob diferentes motivações”.

As diferentes motivações que são apresentadas pelos alunos, de modo geral, dizem respeito às condições apresentadas no passado. A maioria estudou em uma determinada época em que a escolarização não era obrigatória e nem acessível a todos. Também era um período em que as exigências quanto à escolaridade não eram tão grandes como hoje. Muitos viviam na zona rural e com residência muito distante da escola. Comentam que precisaram abandonar os estudos para trabalhar ou para ajudar nas tarefas domésticas. Há também aqueles que apresentavam muita dificuldade na escola e, por esse motivo, acabavam abandonando. Devido a esses motivos, ainda é bastante grande o número de alunos que voltam a estudar anos depois de terem abandonado.

A grande maioria das escolas brasileiras que oferecem o Ensino Supletivo funciona no período noturno, em um mesmo prédio onde estudam alunos do ensino regular, ou seja, o ambiente e o espaço físico não estão preparados para atender adultos. São escolas centralizadas, faltando opções para aqueles que residem distante da escola. Geralmente os alunos dependem de condução pública, o que nem sempre é oferecido. Outro agravante é o tempo que os alunos permanecem na escola, pois muitos acordam cedo, trabalham o dia todo e não conseguem acompanhar as aulas até tarde, geralmente as aulas terminam às 23 horas. Outros mal têm tempo para se alimentar e não encontram refeição adequada na escola.

Os materiais didáticos utilizados nas aulas nem sempre são adequados para a faixa etária de jovens e adultos; muitos professores fazem uso do mesmo material

destinado para as crianças. O mesmo ocorre com o currículo, que nem sempre propõe conteúdos com a realidade dos alunos que frequentam o Ensino Supletivo, o que os distancia da compreensão e do aprendizado.

Quanto aos profissionais que lecionam no Ensino Supletivo, embora existam várias orientações para que estes sejam preparados para trabalhar com esse grupo, muito pouco foi feito até agora. Freire (1996) considera que ensinar é criar as possibilidades para a produção ou construção do conhecimento, o que só ocorrerá quando os professores estiverem conscientes das condições de seus alunos e quando conhecerem a realidade dos mesmos. Educador e educando são sujeitos que juntos constroem o saber trabalhando com respeito às características da comunidade e valorizando o conhecimento que os alunos já possuem (FREIRE, 1996). Quando não acontece dessa forma, o aluno sente-se desvalorizado e desmotivado, levando-o a desistir.

Paulo Freire defendia um ensino em que fosse valorizado o conhecimento do aluno, como um dos métodos de ensino, criou a terminologia “palavras geradoras”. O professor conhecendo e valorizando o contexto, a história do aluno, escolheria palavras que fizessem parte do vocabulário do grupo de alunos, usando como geradora de discussão da função da palavra para chegar a motivar a sua escrita, e assim alfabetizar, ensinar a escrever palavras, frase, conteúdos com significado crítico, para pensar sobre a condição de cidadania.

Aquele que ficou “segregado” sente-se humilhado, incompetente, um “refugo humano” (BAUMAN, 2005) incapaz de enfrentar a realidade de um mundo repleto de desafios. A pessoa percebe que ficou fora dos acontecimentos e não se conforma, esperando o momento em que possa retornar. As exigências do mundo contemporâneo fazem com que ele tenha que se atualizar e é na escola que ele percebe essa chance.

Muito se fala da alfabetização de jovens e adultos que não tiveram a oportunidade de aprender a ler e escrever na idade regular. Mas, em uma época de fluidez dos acontecimentos falta uma atenção maior, inclusive no que tange aos recursos financeiros destinados para aqueles que desejam continuar os estudos. Afinal vivemos a emergência da educação continuada.

Quando o aluno volta a estudar, ele sente-se novamente incluído, mas quando as dificuldades já descritas se apresentam ele pode desistir novamente. Por isso, a educação a ser oferecida aos alunos que frequentam o Ensino Supletivo deveria possibilitar o enfrentamento dos desafios do mundo atual.

4. ALUNOS DO SUPLETIVO: TRAJETÓRIAS

Este capítulo pretende apresentar uma pesquisa, cujo objetivo foi compreender o contexto contemporâneo e os reflexos no cotidiano escolar na vida de alguns alunos do supletivo. Por meio da trajetória de vida dos alunos do supletivo, buscou indícios de ações excludentes, a fim de evidenciar a tensão entre um discurso pedagógico que pretende incluir e uma ação cotidiana da escola que exclui.

De modo geral, os alunos excluídos do processo regular de ensino não são ouvidos, a crença em sua incapacidade pode encobrir a responsabilidade política e social sobre o direito do cidadão à educação. Dessa forma, esta dissertação pretende identificar as trajetórias de alunos que insistem em retornar à escola e fazer ouvir o aluno do supletivo.

4.1 - Trajetórias de exclusão: os alunos do supletivo

Com o objetivo de descrever uma pesquisa com alunos do supletivo, a fim de conhecer suas histórias de vida relacionadas à trajetória escolar, buscou-se entender os motivos de evasão e do retorno à escola, assim como as condições físicas que a escola proporciona para os alunos de supletivo.

É muito importante que se conheça o aluno do Ensino Supletivo, suas origens, seus conhecimentos de mundo. Trata-se de um ser humano que já tem uma vivência anterior à escolar, trazendo uma bagagem do seu trabalho, convívio familiar e social. Segundo Mebius (1998), não podemos fazer como muitos intelectuais que os relegam a segundo plano, desconsiderando sua realidade e até mesmo sua existência, daí vem a exclusão destes alunos das políticas públicas educacionais atuais e conseqüentemente do sistema de ensino. O que esse aluno não possui, na maioria das vezes, é o saber formal, sistematizado pela escola, e cabe ao professor ser o grande incentivador desses alunos.

A maioria deles apresenta baixa auto-estima, um sentimento presente, muitas vezes, desde a época em que abandonou a escola pela primeira vez, e o professor, que também está em constante aprendizado, precisa aprender a lidar com esses sentimentos, oferecendo uma educação que seja condizente com a realidade e valorizando o conhecimento que esses alunos trazem (MEBIUS, 1998). Ao professor cabe criar as oportunidades para sua própria formação, a fim de que o aluno seja protagonista da própria vida. (BERSANI, 2001)

Muitos são os motivos que levaram os alunos a abandonar a escola na época regular, como a distância, a necessidade de trabalhar, a falta de incentivo, entre outros.

Da mesma forma, também são muitos os motivos que levam o aluno do Ensino Supletivo a voltar a estudar: a perspectiva de melhores oportunidades no trabalho, a convivência com outras pessoas na mesma situação de aprendizagem, entre outros. Na tentativa de arrumarem empregos melhores, muitos passam pelo constrangimento de não ter o diploma exigido para apresentar. No caso daqueles que são analfabetos, uma vergonha nacional, segundo Mebius (1998), no dia da eleição, sentem-se envergonhados por ter que “sujar o dedo” na hora de “assinar” o comprovante de comparecimento, além daqueles que necessitam da carteira de habilitação para o trabalho ou para uso próprio.

A realidade brasileira atual que traz a falta de emprego e um mercado de trabalho cada vez mais competitivo faz com que o trabalhador busque o conhecimento que a escola pode oferecer, além do desenvolvimento da reflexão e de habilidades e competências que possibilitem a ele uma inserção social (MAGAGNA, 2004).

Esse conhecimento precisa ser apreendido de maneira muito rápida, pois o aluno já “perdeu” bastante tempo, enquanto esteve fora da escola. Por isso, o Ensino Supletivo acaba sendo a alternativa, por ser um curso rápido, que, na maioria das vezes, oferece o equivalente a “dois anos em um”. Além disso, há também as chamadas telessalas, como plantões de aula, o aluno pode ou não utilizar desse recurso, e depois realizará uma prova em dia agendado, com testes de múltipla escolha para, eliminando as matérias, compor sua qualificação acadêmica.

4.2 - Características da escola dos alunos entrevistados

Os alunos que foram entrevistados para esta dissertação estudam em uma escola municipal de ensino fundamental, no período noturno, das 19h às 23h, de segunda-feira a sexta-feira. O curso é semestral e utiliza da seguinte denominação: 1º termo (equivale a 5ª série), 2º termo (6ª série), 3º termo (7ª série), 4º termo (8ª série). No mesmo prédio escolar, também estão os alunos do PROALP (Projeto de Alfabetização de Adultos), divididos em 1ª, 2ª e 3ª fase, no horário das 19h às 21h.

A escola localiza-se no município de Porto Feliz, interior do estado de São Paulo, distante cerca de 110 km da capital, na região de Sorocaba. O município conta atualmente com cerca de cinquenta mil habitantes. Está localizada em um bairro bastante populoso da periferia do município, porém, por ser a única escola que oferece essa modalidade de ensino presencial, recebe alunos vindos da área urbana e rural de todo o município. O Ensino Supletivo teve início nessa escola no ano de 1997. Antes ele ocorria em outra escola do município localizada no centro da cidade e era estadual.

Para que pudesse haver um acompanhamento dos alunos, a pesquisa considerou os alunos que entraram no Ensino Supletivo a partir do primeiro semestre de 1997 até o segundo semestre de 2007 e que, conseqüentemente, concluíram o ensino fundamental, modalidade suplência, após quatro semestres, até o primeiro semestre de 2009.

O período em que mais ocorreram matrículas foi no início do primeiro semestre de funcionamento do curso supletivo (Gráfico 1). Analisando os dados de conclusão de curso do Supletivo ao final de quatro semestres, (Apêndice D), é possível perceber, no gráfico 2, que a maioria dos alunos desiste ao longo do curso.

Em levantamento empírico, em conversas informais e pela declaração na secretaria da escola, os alunos, de maneira geral, apontam os seguintes motivos como justificativa de suas desistências à conclusão do curso: compromissos da vida adulta, horário incompatível com o trabalho, cansaço devido a carga no trabalho, distância da escola, muitos alunos chegam a sua casa bem depois da meia noite e acordam muito cedo para trabalhar; no caso das mulheres, além dos motivos já

citados, há ainda as obrigações com a casa, com os filhos e, em alguns casos, o companheiro que não as deixa estudar.

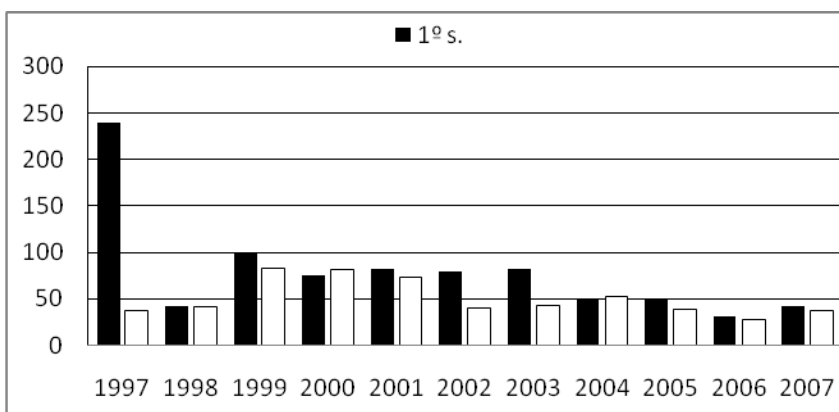


Gráfico1: Número de alunos inscritos no ensino supletivo, 1997-2007 (1º termo – 5ª série)

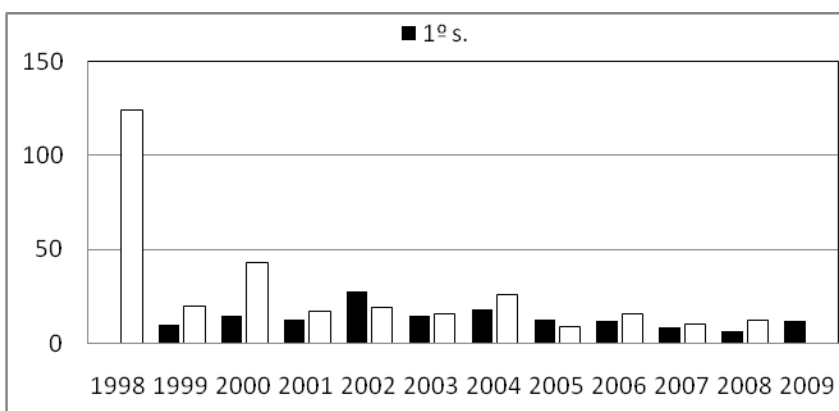


Gráfico 2: Número de alunos que concluíram o ensino supletivo (4º termo – 8ª série)

A quantidade de 716 alunos que não concluíram o curso no período de 1997 a 2007 é significativa e os motivos da grande maioria dos alunos não é declarado, simplesmente deixam de frequentar a escola, não comparecendo para justificar o abandono, ou, na linguagem oficial da escola, evadem; às vezes mandam recados pelos colegas, dizendo que estão muito cansados para ir a aula ou que o horário do trabalho impede que cheguem a tempo para assistir as aulas. Um pequeno número de alunos vem até a escola para justificar e assinar a desistência. Existe, também, a

possibilidade de transferências que são solicitadas por um número ainda menor de alunos, apenas sete ao longo dos 10 anos pesquisados. Há, ainda, aqueles que ficam retidos, um total de 124 alunos, até o segundo semestre de 2007. Na comparação entre o número de alunos matriculados no primeiro termo (5ª série) e os concluintes após quatro semestres, o gráfico 3 aponta os 67% dos alunos que desistiram dentro do período pesquisado.

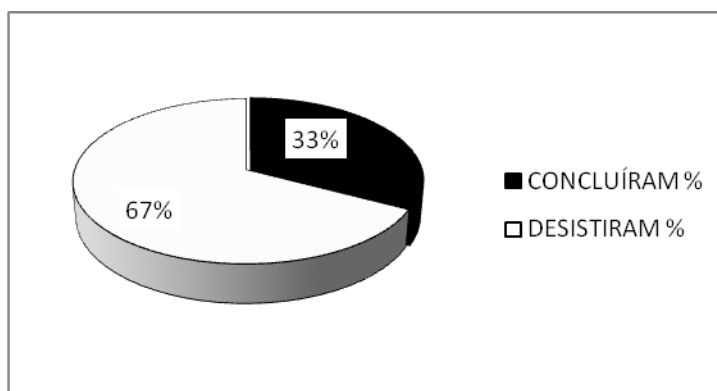


Gráfico 3: alunos que concluíram e que desistiram na 5ª série (período 97/2007)

No início do ano de 2009, a escola apresentava o seguinte esquema de funcionamento:

- Quanto ao ensino fundamental regular diurno, ciclos I e II, do 1º ano ao 5º ano, com seis salas de 1º ano (três no período da manhã e três no período da tarde), com um total de 201 alunos; seis salas de 2º ano (três no período da manhã e três no período da tarde) com 197 alunos; quatro salas de 3º ano (duas no período da manhã e duas no período da tarde), totalizando 156 alunos; seis salas de 4º ano (três no período da manhã e três a tarde), somando 214 alunos; e seis salas de 5º ano, (três de manhã e três a tarde), com 213 alunos. Durante o dia, não há salas ociosas.
- Quanto ao funcionamento no período noturno, no ensino supletivo, há o PROALP (Programa de Alfabetização de Adultos), que corresponde aos ciclos I e II do Ensino Fundamental. Este se divide em três fases: na primeira fase, há duas salas, uma com 20 alunos e outra com 18 alunos; na segunda fase, há uma sala com 29 alunos; a terceira fase conta com uma sala com 38 alunos.

- As classes correspondentes aos ciclos III e IV, de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental, são, no ensino supletivo, chamadas de termos. O 1º termo (5ª série) possui 54 alunos; o 2º termo (6ª série) conta com 38 alunos; o 3º termo (7ª série) conta com 53 alunos; e o 4º termo (8ª série) possui duas classes, uma com 47 alunos e outra com 49 alunos.

Durante o dia, a escola funciona para o Ensino Fundamental, ciclo I, e, dessa forma, toda a estrutura física é voltada para os alunos do 1º ao 5º ano, ou seja, crianças de 6 a 10 anos: as carteiras e cadeiras, as mesas da merenda são do tamanho adequado para essas faixas. Assim como a decoração das salas apresenta motivos infantis, com desenho do alfabeto, lembrança das datas comemorativas do mês, uso do banheiro, aniversariantes do mês, tabuadas, com as atividades realizadas pelas crianças penduradas na parede, entre outras formas de decoração.

O espaço físico das salas de aula que, durante o dia, é para, no máximo, 35 alunos, no período noturno chega a comportar quase 50 alunos no início de cada semestre.

O evidente e previsível transtorno começa já no início da aula, pois nunca há carteiras e cadeiras suficientes para todos os alunos e estes precisam “emprestar” carteiras e cadeiras de outras salas, e no final do período, às 23h, precisam devolvê-las.

Em uma rápida observação do tamanho dos adultos do supletivo, comparada as carteiras por eles utilizadas e pelos comentários dos mesmos, chega-se à conclusão de que estas são muito desconfortáveis, as pernas não cabem embaixo (foto 1) e a movimentação é dificultada pelo formato que não permite que se coloquem as pernas para o lado, então, cada vez que querem se levantar, é necessário erguer a carteira, fazer barulho, incomodar o outro, tropeçar nas cadeiras, enfim, situações provocadas pela não adequação da população com o meio físico da escola preparada só para receber crianças.

Fotos: sala de aula – supletivo – carteiras do Ensino Fundamental





Mesmo com espaço ocioso, há certa resistência em desmembrar as salas, oferecendo como argumento que é comum alguns alunos frequentarem um ou dois meses de aula e depois desistirem. Ou seja, já que desistirão, não é preciso tratar bem os que iniciam nem gastar recursos, contratar mais professores, enfim, não se investe não se propicia uma educação adequada à faixa etária, torcendo pela desistência. Mas, conforme comentários de alunos, professores e funcionários, já ocorreram casos tanto da sala continuar lotada até o final do semestre como de salas que foram desmembradas e terminaram o semestre letivo com poucos alunos.

Muitos dos alunos vêm direto do trabalho para a escola e, quando chegam, são recebidos com chá e pão. A fila é grande, chegando a atrasar a entrada dos alunos para a 1ª aula, pois na hora do intervalo não há merenda (comida), somente bolachas e o chá, novamente, e, às vezes, pão. Há uma cantina onde os alunos podem comprar salgados, doces e refrigerantes.

A breve descrição das condições físicas da escola nos leva a relacionar com as condições descritas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/96) sobre a necessidade da educação para jovens e adultos estar voltada para as características, interesses, condições de vida e de trabalho do alunado. Por isso é importante recordar o que diz a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, em seu § 1º do Art. 37:

Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, **oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho,** mediante cursos e exames. (grifo nosso)

Outra questão a ser pensada é sobre o horário de estudos, já que a grande maioria dos alunos acorda muito cedo, alguns de madrugada, para ir trabalhar e, quando residem na zona rural, chegam a casa por volta de meia noite, uma hora, para acordar às cinco ou seis da manhã. Por esse motivo, é bastante comum que os alunos fiquem com sono, “pescando” durante a aula, sendo que o cansaço é, muitas vezes, motivo da desistência dos estudos.

É preciso considerar, também, a grande variedade quanto às idades desses alunos. É comum encontrar em uma mesma sala alunos adolescentes, jovens na faixa dos vinte, trinta anos; adultos de 40, 50 anos e idosos acima dos 60 anos. A maioria dos alunos tem idade superior à de seus professores.

É bastante variado também o nível de conhecimento, pois muitos pararam de estudar há 10, 20, 30 anos ou mais e tem bastante dificuldade em acompanhar, sendo mais lentos na execução das atividades, cabendo ao professor ter essa percepção para poder ajudá-los; outros deixaram a escola há menos tempo, por períodos que podem variar de dois a cinco anos; sendo mais jovens, são mais ágeis nas atividades, mais “barulhentos” também, o que gera uma série de conflitos. A comparação com frases do tipo “no meu tempo...” é constante.

4.3 - Objetivos: geral e específicos

O objetivo geral dessa pesquisa é refletir sobre a influência da contemporaneidade na vida e nas escolhas dos alunos do supletivo.

Os objetivos específicos pretendem conhecer a trajetória dos alunos do Ensino Supletivo, identificando nos fragmentos dessa trajetória, indícios de exclusão, e relacionando a característica de “refugio humano” com as atuações na escola.

4.4 - Procedimento

Para conhecer melhor a trajetória de alunos do supletivo foram utilizadas como metodologia entrevistas individuais, sendo elaborado um roteiro de entrevista utilizando o mesmo padrão para cada entrevistado com questões semi-estruturadas ligadas à identificação pessoal que incluem: idade, estado civil, escolaridade e identificação de moradia e trabalho; e questões referentes à idade dos alunos de entrada na escola até chegar ao curso supletivo, dados de escolaridade dos pais, dificuldades para estudar, motivações, entre outras questões. (Apêndice B)

A metodologia adotada, ou seja, o caminho e o instrumental próprios de abordagem da realidade, como diz Minayo (1996), foi o relato das trajetórias de vida. Por suas características de valorizar uma compreensão que se desenvolve no interior da pessoa em relação a vivências e experiências, Ferrarotti (1988) também foi utilizado, pois cada entrevista foi realizada individualmente, o que a torna única, com o pesquisador sendo um observador.

Ao fazer uso das trajetórias de vida dos alunos do Ensino Supletivo através das entrevistas para essa pesquisa é preciso considerar as limitações que essa metodologia apresenta. Ferrarotti (1988, p. 26-27) afirma que “se nós somos, se todo indivíduo é, a reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social a partir da especificidade irredutível de uma práxis individual.”; por outro lado, também lembra que a relação que se estabelece entre pesquisador e pesquisado é “uma interação social completa, um sistema de papéis, de expectativas, de injunções, de normas e de valores implícitos, e por vezes, até de sanções” (FERRAROTTI, 1988, p. 27).

Na entrevistas, ao se trabalhar com o relato das trajetórias de vida o pesquisador precisa ter atenção quanto “à forma que os sujeitos investigados relatam sua vida” (LUCO, 2005, p. 31), pois o próprio fato de informar o uso do que será dito na entrevista já pode influenciar, direcionar e até mesmo condicionar o relato, por isso deve-se ter o cuidado de apenas ouvir para não levar o entrevistado a falar a partir de pressupostos.

As questões respondidas foram analisadas seguindo as bases teóricas e metodológicas e analisando o conteúdo conforme Franco (2005) e segundo Bardin (1977), com o objetivo de relatar as experiências dos alunos entrevistados no que diz respeito, como já foi mencionado, ao seu percurso escolar e trajetória de vida e considerando nas análises finais a perspectiva da modernidade líquida, assim como outras categorias que surgiram a posteriori das respostas.

As entrevistas ocorreram no primeiro semestre de 2009, no total de dez alunos entrevistados. Os procedimentos éticos foram seguidos e avaliados pelo comitê de ética da UNISO, conforme protocolo 002/09 (Anexo A). Os Alunos foram convidados a participar voluntariamente da pesquisa, permitiram a gravação e

estavam cientes dos objetivos da pesquisa, da preservação de sua identidade, e não prejuízo em caso de desistência da entrevista.

A amostra de dez alunos foi aleatória e contou com a colaboração de todos os alunos convidados. O local da realização das entrevistas foi a própria escola em que os entrevistados estudam e a hora foi definida conforme a disponibilidade dos mesmos, de acordo com o combinado no primeiro contato. A duração das entrevistas, em média, foi de 30 minutos em sala de aula vazia, possibilitando privacidade no decorrer da conversa. Após a entrevista realizada, as respostas foram transcritas (Apêndice D); e ao final da entrevista foi lembrado sobre o sigilo de identidade e que seriam trocados os nomes e então foi solicitado aos entrevistados que escolhessem uma palavra com significado para eles, ou que gostassem muito; tais palavras foram usadas como identificador dos entrevistados.

4.5 - Perfil dos entrevistados

Foram entrevistados 10 alunos do 1º termo (5ª série) ou do 3º termo (7ª série), três homens e sete mulheres, com idades variando entre 17 e 63 anos. Desses, 70% são casados, 20% solteiros, e 10% divorciados. Embora a maioria tenha vindo de famílias numerosas, 40% dos entrevistados têm dois filhos, 20% têm três filhos, 20% apenas um filho e os solteiros não relataram que tem filhos.

Quanto à moradia, 50% dos alunos entrevistados, vivem na zona rural e 50% na zona urbana. A maioria mora com o companheiro (a) e filhos (60%), outros 20% com pais e irmãos, 10% com filhos e neta e 10% só com o marido. Com relação ao trabalho, 80% trabalham em empregos formais (por exemplo, doméstica, faxineira, serviços gerais, porteiros, entre outros), 10% são estudantes e 10% são aposentados.

Para uma melhor análise, os alunos foram divididos em dois grupos: um formado pelos entrevistados de 17 a 29 anos e outro formado pelos entrevistados de 40 a 63 anos. Isso se fez necessário, pois ficou claro durante as entrevistas que épocas distintas mostram necessidades sociais distintas. (Tabela 1)

Tabela 1: Dados pessoais dos alunos entrevistados

<u>ENTREVISTADO</u> <u>(NOME</u> <u>ESCOLHIDO</u> <u>PELOS</u> <u>ENTREVISTADOS)</u>	<u>GÊNERO</u>	<u>IDADE</u>	<u>ESTADO</u> <u>CIVIL</u>	<u>Nº DE</u> <u>FILHOS</u>	<u>RESIDÊNCIA</u> <u>RURAL /</u> <u>URBANA</u>	<u>COM</u> <u>QUEM</u> <u>MORA</u>	<u>TRABALHO</u>
<i>Flor</i>	Feminino	63	Casada	2	Urbana	Marido	Aposentada, costureira
<i>Família</i>	Feminino	43	Casada	2	Rural	Marido, filho e pai	Serviços gerais (granja de aves)
<i>Coração</i>	Masculino	53	Casado	3	Urbana	Esposa e filhos	Auxiliar de limpeza
<i>Paz</i>	Feminino	48	Casada	2	Urbana	Marido e filha	Doméstica
<i>Felicidade</i>	Feminino	24	Casada	1	Rural	Marido e filha	Faxineira (residência)
<i>Amor</i>	Masculino	29	Casado	1	Rural	Esposa e filha	Porteiro e jardineiro
<i>Mãe</i>	Feminino	17	Solteira	0	Rural	Pai, mãe e irmãos	Estudante
<i>Juventude</i>	Masculino	17	Solteiro	0	Urbana	Pai e irmão	Ajudante de eletricista
<i>Violeta</i>	Feminino	42	Divorciada	3	Urbana	Filhos e neta	Doméstica
<i>Samambaia</i>	Feminino	40	Casada	2	Rural	Marido e filha	Encarregada de granja de suínos

4.6 – Resultados

Os resultados serão apresentados de acordo com algumas categorias, agrupando as respostas dos entrevistados: a) sobre o contexto familiar; b) um pouco da trajetória escolar; c) as dificuldades e as motivações relatadas para estudar; e d) a opinião dos alunos sobre a escola. (Apêndice D)

a) Contexto familiar

De modo geral os alunos entrevistados apresentam em seu histórico familiar, pais com pouca escolaridade, e/ou analfabetos. Quando cruzamos informações de idade, os mais idosos têm pais com pouca escolaridade, os mais novos, já identificam pelo menos o ensino básico. Essa realidade tem confirmação em grande parte da zona rural, pelas dificuldades de acesso a escola, e tipo de trabalho incompatível com horários e necessidades emergentes de leitura, mas essa é uma realidade em transformação, pelo menos no estado de São Paulo.

Os entrevistados de maneira geral relatam que os pais às vezes não davam tanta importância à escola, era prioridade o trabalho, a maioria saiu da escola para trabalhar.

“Meu pai... acho que sim...acho que fez até a quinta e minha mãe até a quarta” (Juventude, 17 anos);

“... a minha mãe era analfabeta, o meu pai... era alfabetizado” (Flor, 63 anos);

“Minha mãe sabia escrever um pouquinho; meu pai não sabia nem o nome” (Coração, 53 anos).

“A gente mudava muito e meu pai, assim... como eu posso dizer... ah, ele achava que mulher tinha que ficar no fogão, não precisava estudar.” (Família, 43 anos).

“... meu pai com oito filhos... todos os filhos pararam (de estudar)...” (Violeta, 42 anos);

“... Porque o meu pai quando eu tinha cinco anos, ele faleceu, minha mãe ficou com oito filhos... A gente teve que parar pra poder ajudar em casa...” (Samambaia, 40 anos);

“... eu entrei na escola mas parava muito pra trabalhar... tenho 11 irmãos... quem estudou mais foi o mais velho, ele “tirou” o ginásio, mas depois parou. Os outros ninguém estudou mais...” (Coração, 53 anos).

Pelas respostas identificamos também, aqueles que não têm conhecimento sobre a escolaridade do pai, pois foram abandonados pequenos, cabendo à mãe criá-los sozinha e, em alguns casos, com o padrasto, situações de vida com muita dificuldade para a sobrevivência básica.

“Meu pai eu não conheço, porque ele largou eu com um ano, separou da minha mãe. Não tenho contato nenhum com ele...” (Felicidade, 24 anos);

“Quando a minha mãe ficou grávida eles se separaram daí ele foi pra um lado ela foi pro outro... daí ela casou de novo quando eu tinha dois anos, daí essa é a pessoa que eu tenho como pai hoje em dia porque mora com ela...” (Amor, 29 anos).

É muito interessante observar a importância que os entrevistados, principalmente os mais velhos, atribuem à educação, já que incentivam e demonstram orgulho ao falar dos estudos dos filhos, de como conseguiram fazer os filhos trilharem um caminho diferente dos deles e se formarem em educação superior. Ao mesmo tempo em que relatam os motivos, as dificuldades nos estudos quando possuíam a idade regular, os mais velhos alegam problemas por residirem na zona rural, muito afastados das escolas:

“E a mais velha tá fazendo... terminando a faculdade esse ano... Tá fazendo Administração em Itu” (Coração, 53 anos);

“Eu tenho duas filhas, uma tá fazendo faculdade, então fica a outra comigo... Faz faculdade de Agronomia, lá em Registro... ela tá no primeiro colegial... No colégio Dom Aguirre, lá em Sorocaba...” (Samambaia, 40 anos);

“Morava longe da escola e tinha que ir a pé... Parei de estudar porque não tinha mais escola perto, só na cidade grande” (Flor, 63anos);

“A minha mãe falava que era pra ir, mas o povo antigo fala: ‘vai se quiser, se quer ficar, fica, né’, então ela era assim: seu eu quisesse ir, eu ia...” (Felicidade, 24 anos).

Os relatos apresentam uma trajetória de vida com muitas dificuldades, principalmente o relato de alunos mais velhos, dificuldades com moradia, distância, situação econômica, muitas mudanças, entre outras. Na atualidade relatam que estão empregados, formal ou informalmente, e, pelo que foi observado, com certa estabilidade financeira (com renda variando entre R\$ 1.000,00 a R\$ 4.000,00).

b) Trajetória escolar

Os entrevistados entraram na escola, em sua maioria, com sete anos na primeira série, sendo que os mais velhos não tiveram a oportunidade de frequentar a Educação Infantil, visto que naquela época não era obrigatório.

“Eu entrei com sete anos... Eu entrei direto na primeira série. Tinha o pré, mas daí eu entrei na 1ª série.” (Família, 43 anos)

“Entre com sete anos, na primeira série direto.” (Violeta, 42 anos)

Entre os mais novos, somente dois fizeram o “pré”. Dentro do período escolar, quando eles tinham idade regular, alguns alunos repetiram por não gostarem de estudar ou por irem mudando de sítio:

“Eu entrei acho que com seis, no ‘prezinho’.” (Felicidade, 24 anos)

“Com sete... Na primeira... antes eu fiz só o pré... Com seis.” (Juventude, 17 anos)

“... Eu parei de ir pra escola com 14 anos, mas nesse meio fiquei um tempo sem estudar, porque fomos para outros sítios, outras cidades...” (Flor, 63 anos);

“... Eu estudava um pouco, aí meu pai tirava da escola...” (Coração, 53 anos)

“Eu fugia da escola... Eu não gostava.” (Juventude, 17 anos)

Muitos desses alunos fizeram tentativas de voltar a estudar, mas sem sucesso, pelas condições familiares, pela distância, por novas mudanças de residência.

“... com 16 anos eu tentei, fiquei um mês, mas não deu certo. Depois eu casei, tentei com 26 anos, só que a escola era na roça e acabou não funcionou mais...” (Samambaia, 40 anos);

“... Umas três vezes que eu entrei eu parei no meio do ano...” (Felicidade, 24 anos)

Há também o caso da entrevistada que é deficiente auditiva (Mãe, 17 anos) que estudou em uma escola do APAE até ser alfabetizada aos 15 anos e só depois pode frequentar o Ensino Supletivo.

A descrição das trajetórias escolares revela histórias de muitos sacrifícios, pois, mesmo gostando de estudar, a maioria foi obrigada a abandonar a escola. Para muitos não havia a série de continuidade por perto de onde moravam ou porque tiveram que começar a trabalhar para ajudar no sustento da casa ou para ajudar nos afazeres domésticos, como cuidar dos irmãos mais novos, no caso dos que eram filhos mais velhos.

c) Dificuldades e motivações para estudar

Quanto aos motivos que dificultavam o estudo quando esses alunos possuíam a idade regular, os mais velhos alegam problemas por residirem na zona rural, muito afastados das escolas. Muitos dos entrevistados também não eram incentivados a estudar:

“Morava longe da escola e tinha que ir a pé... Parei de estudar porque não tinha mais escola perto, só na cidade grande” (Flor, 63 anos);

“... não tinha escola da quinta até a oitava. A cidade que tinha dava 30 km e meu pai não tinha condições de pagar naquela época tipo perua, aquelas Kombi.” (Paz, 48 anos)

“... eles não gostavam muito que ‘estudava’, porque eu era muito nova. Eu queria estudar, mas eles não queriam porque ia jovem mais velho que eu.” (Paz, 48 anos);

“... ele (o pai) achava que mulher tinha que ficar no fogão, não precisava estudar.” (Família, 43 anos);

“A minha mãe falava que era pra ir, mas o povo antigo fala: ‘vai se quiser, se quer ficar, fica, né’, então ela era assim: se eu quisesse ir, eu ia...” (Felicidade, 24 anos).

Mesmo passando por tantas dificuldades, os alunos procuraram voltar a estudar, seja pela exigência do trabalho ou pela satisfação pessoal:

“... eu sempre gostei de escola, sempre gostei de aprender mais... a gente precisa evoluir um pouco mais, né.” (Família, 43anos);

“... troco muita letra... troco muito número. Então, não meus patrão que cobrou isso, eu mesmo me senti precisando conhecer melhor, então resolvi voltar.” (Amor, 29 anos);

“É mais por causa do meu serviço. Porque ali a gente mexe com muita conta...” (Samambaia, 40 anos).

Outra dificuldade encontrada pelos alunos que residem na zona rural é quanto à condução, pois quando chove o ônibus não passa:

“Já deixaram avisado que se tiver chovendo não é nem pra vir.” (Amor, 29 anos);

“quando chove o motorista deixa a gente assim uns três, quatro quilômetros longe da onde a gente mora. E se chover forte o ônibus nem passa lá, só se for chuvinha fina e passageira.” (Família, 43 anos);

“... o que acaba comigo é quando chove. Quando forma o tempo eu passo o dia inteiro quieta. A minha filha fala: “vai dar certo, mãe, eu vou ‘ponha’ um ovo pra Santa Clara (rindo)”. Mas eu já faltei acho que quatro vezes por causa da chuva. Não tem condição mesmo de sair de lá.” (Samambaia, 40 anos).

Em conversas informais esses alunos que residem na zona rural comentaram que dividem a condução com alunos do Ensino Regular de outras escolas do município que, segundo relatam, fazem muita bagunça no ônibus, não respeitando nem o motorista. Conversando com o pessoal da secretaria da escola sobre o assunto, eles informaram que o transporte para alunos do Ensino Supletivo só foi regulamentado em 2008, antes esses alunos utilizavam o ônibus na condição de “carona”, demonstrando o descaso com as necessidades desse grupo de alunos.

As falas dos entrevistados revelam que percebem a importância de estudar, de adquirir mais conhecimento. Os mais novos estão mais preocupados com os estudos para o trabalho e os mais velhos muito mais pela realização pessoal já que muitas vezes tiveram que deixar um sonho para trás, lá na infância, depois tiveram que trabalhar e ajudar no sustento da casa, criar filhos e agora vem a possibilidade de realizar aquele sonho e demonstram muito entusiasmo (muito mais que os mais jovens) para estudar, para aprender:

“... eu quero mostrar que o idoso pode muito bem estudar e seguir a vida assim. Eu quero servir de exemplo pros meus netos, entendeu. Eu quero que eles falem assim: ‘Minha vó com 70 anos fez faculdade’.” (Flor, 63 anos);

“Eu lembro que aquela cartilha Caminho Suave, eu olhava naquela cartilha, naquele caminho, que tinha um caminhozinho assim, eu imaginava eu voltando pra trás (risos). Gente, aquele cheiro daquela cartilha... eu tenho até hoje. Hoje eu chego em casa com minha apostila e falo: “ó gente esse aqui é o meu “caminho suave”, porque lá atrás eu não tive chance” e hoje eu agradeço a Deus quando eu pego esses livros, meu Deus, é muito bom!” (Samambaia, 40 anos)

d) Opiniões sobre escola

Ao final das entrevistas foi aberto espaço para comentários livres e alguns relataram que hoje em dia os professores ajudam mais do que antigamente, que entendem as dificuldades que eles apresentam por ficarem tanto tempo sem estudar. Alguns utilizaram o termo “bonzinho” para se referir aos atuais professores:

“... hoje eu acho que os professores estão muito mais bonzinhos que na época minha.” (Flor, 63 anos);

“... hoje os professores ajudam bastante.” (Família, 43 anos);

“... os professores fazem o possível pra ensinar...” (Paz, 48 anos).

Os alunos lamentam por aqueles outros colegas que não levam a sério e acabam atrapalhando. Dizem que hoje está muito mais fácil, que só não estuda quem não quer:

“Eu falo para os meus filhos: hoje não estuda quem não quer. A gente vê essa molecada hoje, essa juventude... eu fico triste por eles. Eu sinto tristeza em ver que hoje tá tão fácil estudar... só não estuda quando a pessoa não quer.” (Coração, 53 anos);

“... tem uns que também não tão nem aí. Só vem na escola pra bagunçar.” (Paz, 48 anos);

“Hoje ta muito fácil: você tem o passe, tem os livros... poxa, comprar caderno não é tão caro. Você vai, gasta o dinheiro com qualquer porcaria. Não estuda quem não quer.” (Flor, 63 anos)

Os entrevistados, de forma geral agradeceram a oportunidade de falar de sua vida, suas passagens com sofrimentos, contar suas histórias engraçadas passaram o sentimento de valorização de sua vida, aparentemente não são muito ouvidos.

Sugeriram que para que o ensino melhorasse os pais deveriam voltar para a escola, voltar a estudar, para aprender e assim ajudar aos filhos.

“... colocar os pais de volta na escola pra que eles possam aprender primeiramente pra poder passar pros filhos; porque o ensino em si é bom, não é um ensino ruim, os pais é que são ruins.” (Violeta, 42 anos);

“... eu só tenho a agradecer a Deus e agradecer todo mundo que ta aqui.” (Samambaia, 40 anos);

“Só tenho a agradecer a Deus por tudo o que consegui, foi suado mesmo, porque um dia eu tive tudo, depois de uma hora para outra perdi tudo, mas consegui.” (Paz, 48 anos)

É interessante que a maioria desses alunos não conversa muito na sala de aula e no momento da entrevista estavam muito à vontade. Principalmente para recordar histórias passadas e quanto às comparações com a escola atual. Desde o momento em que foram convidados para participar da pesquisa mostraram-se muito interessados e felizes. Expliquei que a entrevista faria parte de um trabalho de dissertação para o Mestrado e alguns chegaram a pedir para ver o “livro” (dissertação) depois de pronto.

4.7 - Análise

Os alunos da EJA ao mesmo tempo em que são excluídos do sistema de ensino formal pelos mais diversos motivos, sentem-se incluídos no ambiente escolar, por estarem convivendo com outros alunos com histórias muito parecidas com as suas. A escola para esses alunos, antes de ser um espaço de aprendizagem, é um espaço de pertencimento social, segundo Pavan (2005).

São pessoas que tiveram o sonho negado na infância ou na adolescência, como diz Mébius (1998), buscam não só o conhecimento formal que a escola oferece, querem realizar sonhos, querem fazer parte do mundo em que vivem, de fato. Na maioria das vezes têm pressa de aprender, pois sentem que já perderam muito tempo. Sentem dificuldade e, se fracassam, desistem, por acreditar que não servem mais para isso.

Querem uma escola que lhes permita a inserção social, atendendo também às necessidades de um mercado de trabalho que exige um trabalhador que tenha participação mais criativa e um conhecimento escolar reflexivo, segundo Magagna (2004).

Santos (2001) lembra que todos os anos enormes contingentes da população brasileira são excluídos precocemente da escola e apenas uma pequena parcela

busca dar continuidade a sua formação escolar que, pelos diversos motivos já citados, foi interrompida. Os alunos entrevistados retratam, então, uma realidade da educação nacional comprometendo a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Embora venham de famílias com histórico de baixa escolaridade e/ou analfabetismo, os alunos entrevistados não querem o mesmo para seus filhos, ou seja, não querem que os filhos dêem continuidade ao círculo de exclusão em que estavam presos. Voltando a estudar eles mesmos querem estar livres, fora desse círculo. Mesmo os mais novos percebem essa necessidade, querem exercer sua cidadania de fato, conscientes de seu papel na sociedade. Essa ideia está presente em Rodrigues (2001) quando afirma que a Educação tem um importante papel na formação humana integral e do sujeito ético.

O medo da exclusão, a busca por um sonho deixado para trás fez com que voltassem a estudar. Não querem mais ser o refugio humano, aqueles para quem não há mais lugar no mundo; nem como os imigrantes econômicos, aqueles que se transformaram em refugio humano em seu país de origem e partem em busca de trabalho em terras distantes; ou como os refugiados que são obrigados a deixar sua terra natal e agora são sem pátria, criaturas à deriva dependendo da ajuda humanitária (BAUMAN, 2007).

A condição moderna é estar em movimento, tudo é líquido, as coisas modificam-se rapidamente e o que fica para trás é lixo, é refugio. Aqueles que voltam a estudar querem sair dessa condição de refugio humano, “rejeitado, abandonado” (BAUMAN, 2005, p. 34) e acreditam que é por meio da educação que sairão dessa condição. Aliás, a educação atualmente tem sido uma forma diminuir o risco da exclusão, mas não uma garantia de melhores empregos ou de melhores condições de vida. E os alunos do Ensino Supletivo que já trabalham percebem esse fato no seu cotidiano quanto são requisitados a operar uma máquina, fazer uma conta, utilizar um computador, ou, simplesmente escrever um bilhete, deixar um recado. Mesmo aqueles que querem tirar a carteira de motorista ou simplesmente ler a bíblia reconhecem que não podem parar, precisam estar aprendendo o tempo todo, pois “os objetos úteis e indispensáveis de hoje são, com pouquíssimas exceções, o refugio de amanhã” (BAUMAN, 2005, p.120).

Trabalhando ou desempregados a procura de emprego, os alunos do Ensino Supletivo querem com os estudos transpor barreiras, muitas vezes começando pela ficha de emprego. Querem poder apresentar seu diploma, seu certificado de conclusão de curso. Eles têm pressa de aprender e buscam na escola não só a abertura para novas possibilidades como também a perspectiva de realização de sonhos (MÉBIUS, 1998).

As inseguranças do presente e as incertezas do futuro no mundo atual fazem com que o medo da inadequação (BAUMAN, 2007) seja o sentimento mais presente e, no caso daqueles que por diversos motivos não puderam estudar na idade regular é como se lhes tivesse sido negada a dignidade humana. É a exclusão que, também chamada de inclusão perversa coloca os excluídos, o refugio humano separado em guetos, nas periferias das cidades (BAUMAN, 2001).

Para os alunos do Ensino Supletivo, frequentar as aulas é estar em contato com o conhecimento e os acontecimentos do mundo que nos cerca e acreditam ser o requisito mínimo para tentar deixar a condição de refugio humano, pois com as transformações acontecendo cada vez em uma velocidade maior, assim como o consumo, a produção de dejetos (BAUMAN, 2005) também é grande e pede indivíduos que acompanhem as rápidas mudanças. “A modernidade líquida é uma civilização do excesso, da superfluidade, do refugio e de sua remoção” (BAUMAN, 2005, p. 120).

Não querem mais ser reconhecidos como “[...] o demitido da vida, medroso e inseguro, esmagado e vencido. Mão estendida e trêmula dos esfarrapados do mundo, dos ‘condenados da terra’” (FREIRE, 1987, p. 31), que lutam pela restauração da sua humanidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os avanços tecnológicos, as exigências e a concorrência no mercado de trabalho, deslocam para responsabilidade única das pessoas, sua qualificação profissional, elas necessitam se preparar, estudar mais, continuamente, para não serem rejeitadas, ficar sem seu emprego. Os meios de comunicação mostram diariamente, sem questionamento, que os “vencedores” são aqueles melhor informados, mais qualificados, conectados com o mundo, com os conhecimentos mais variados. Quem não acompanhar essas mudanças, fica de fora, acaba excluído da sociedade moderna, para tanto, voltar a estudar, torna-se uma necessidade e um desafio para enfrentar as dificuldades impostas pela contemporaneidade, o estudo é tornou uma forma de adaptação as regras impostas pelo mercado, sem questionar a injustiça social que se apresenta no contexto do trabalho.

Rodrigues (2001) entende a escola como o local da formação humana e do sujeito ético, e que esse objetivo só será alcançado através da promoção da adequação de conteúdos curriculares a uma concepção de realidade social, organizada para atender essa demanda. Por isso, os educadores que trabalham com alunos do Ensino Supletivo, enfrentam grandes desafios no que se refere à função histórica de ensinar.

Os relatos dos alunos entrevistados neste trabalho apontam ainda um descaso com a educação supletiva, sem sala adequada ou planejamento pedagógico voltado as necessidades dos alunos, mostram que ainda há exclusão no sistema de ensino, pois mesmo com a relativa facilidade comentada pelos alunos (passe para a condução, apostilas, demais materiais, etc.), ainda é pequena a porcentagem de alunos que conseguem concluir o Ensino Supletivo, por motivos pessoais, sempre sociais. A grande maioria dos alunos continua desistindo no meio do caminho, reforçando o contingente de refugos humanos já existentes.

A população que foi investigada é, em sua maioria, proveniente da zona rural. Muitos ainda residem na zona rural e se empenha em frequentar a escola mesmo com condições de deslocamento e horários difíceis de conciliar com o trabalho.

Ao ouvir as histórias de vida de alunos do supletivo, pude me surpreender com a capacidade de começar, muitas e muitas vezes. Os alunos de supletivo não apresentam uma idade padrão; podem conviver na mesma sala de aula alunos muito jovens, com dezenove, vinte anos, e pessoas com mais idade, quarenta, cinquenta ou mais anos. Há uma diversidade de interesses, motivações, condições práticas, financeiras e sociais que precisam ser reveladas.

Uma atenção especial deve ser dada aos professores que trabalham com o Ensino Supletivo. Estes deveriam ser preparados especificamente para trabalhar com eles, pois é comum presenciar aulas em que o professor que alfabetiza o adulto, por exemplo, faz uso do mesmo material que utiliza com as crianças que estão sendo alfabetizadas. Os profissionais que estão em maior contato com os alunos de supletivo, quando conscientes dessas dificuldades precisam procurar maneiras de atender de fato as necessidades dos alunos, pois quando eles chegam às escolas estão em busca de algo significativo em suas vidas. Por isso é importante considerar as vivências desses alunos, as especificidades desse grupo, da comunidade em que a escola está inserida, suas particularidades, necessidades dos mesmos, valorizando e respeitando sua identidade cultural e os conhecimentos que já trazem do convívio social. Escola e professor que respeitarem os conhecimentos trazidos pelos alunos e as suas necessidades estarão trabalhando por uma educação mais ética que desenvolva a autonomia, a reflexão e o senso crítico dos mesmos e, ao mesmo tempo, ajudando-os a transformar a própria realidade.

A modernidade destruiu a ordem e a segurança, colocando a humanidade submissa as lógicas do mercado. A sociedade de consumo está nos consumindo a todos, gerando dejetos, nos transformando em dejetos, gerando diversos medos.

Quando uma sociedade adquire os valores do mercado como forma de relações humanas, a pessoa é confundida com objeto. A lógica do objeto, que deve ser vendido e portanto descartado quando não mais útil, se aplica ao ser humano, que deve ser vendido e quando não interessa ao mercado, vira lixo. A análise desse processo recai sobre o próprio indivíduo, já que ele deve continuar estudando sempre, “não faltam empregos, mas sim pessoas qualificadas” neste discurso, a escola precisa qualificar para o trabalho e o indivíduo se esforçar para conseguir a

premiação do emprego, não se analisa como injustiça social, mas inadequação pessoal, incapacidades das pessoas.

O refugio humano, o lixo de pessoas excluídas do mercado é consequência das relações consumistas, individualistas, que perdeu a sensibilidade pelo outro. As condições físicas das carteiras e espaços na escola, os horários e currículos inadequados, são as condições sociais dadas às pessoas como forma de oportunidade, mas são ilusões de uma sociedade/escola que inclui/ excluindo.

Estamos vivendo o século XXI em que a palavra de ordem é a educação contínua então mais do que pensar e realizar um Ensino Supletivo que satisfaça as necessidades desse grupo é idealizar e executar também projetos que possibilitem essa continuidade. Essa emergência configura-se, então, como um desafio para as políticas públicas voltadas para o Ensino Supletivo.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70 Ltda., 1977.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1999.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2001.

_____. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2005.

_____. **Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2005.

_____. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007

_____. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2008.

_____. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2008.

BAUMGARTEN, Maíra. Pós-modernidade e sociologia: notas para debate. In: LAMPERT, Ernâni. **Pós-modernidade e conhecimento: educação, sociedade, ambiente e comportamento humano**. Porto Alegre. Editora Sulina, 2005.

BEISIEGEL, Celso de Rui. Educação e sociedade no Brasil após 1930. In: FAUSTO, Bóris (org.). **História Geral da Civilização Brasileira**. 4ª Ed. São Paulo. Bertrand Brasil, Tomo III, vol., 4, capítulo VIII, p. 381-416.

BERSANI, Terezinha. **A construção do educador interdisciplinar no girar do caleidoscópio: uma reflexão sobre a prática**. 2001. 87 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Cidade de São Paulo: UNICID, São Paulo, 2001.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo. Companhia das Letras, 2002.

DI PIERRO, M. C.; JOIA, O.; RIBEIRO, V. M. Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. **Caderno CEDES**, v. 21, n. 55, p. 58-77, Nov 2001.

DI PIERRO, Maria Clara. Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil, in: **Revista Educação e Sociedade**, v. 26, nº 92, Campinas, out. 2005.

FERRATOTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A., FINGER, M. (orgs.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988, p. 17-34.

FRANCO, Maria Laura P. B. **Análise do Conteúdo**. Líber Livro Editora, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

GEREMEK, Bronislaw. **Os filhos de Caim: vagabundos e miseráveis na literatura européia (1400-1700)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, nº 14, p. 108-130, mai/jun/jul/ago 2000. São Paulo.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. **Aprendizagem de jovens e adultos: avaliação da década da educação para todos**. **São Paulo Perspectiva**, v. 14, nº 1, p. 29-40, jan./mar. 2000. São Paulo.

HADDAD, Sérgio. A ação de governos locais na educação de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, nº 35, p.197-211, ago. 2007.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo. Loyola, 1989.

KIDDER, Louise H. (org.). **Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais**. São Paulo. Editora Pedagógica e Universitária Ltda., 1987.

LAMPERT, Ernâni. **Pós-modernidade e conhecimento: educação, sociedade, ambiente e comportamento humano**. Porto Alegre. Editora Sulina, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles; SÉBASTIEN, Charles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo. Barcarolla, 2004. 129 p.

LUCO, Tânia Maria de Paula Santos. **O ato de estudar na formação de alunas-professoras do último semestre do curso de Pedagogia**. 2005. 224 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, UNISO, Sorocaba, 2005.

MAGAGNA, Beatriz Elaine Picini. **Um currículo para educar o jovem e o adulto:** reflexões sobre a prática no Programa Sorocaba e Região 100 Analfabetos. 31/08/2004. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, UNISO, Sorocaba, 2004.

MEBIUS, Sônia Maria Castrocini Biscacio. **Buscando o caminho das pedras...** A construção da trajetória profissional de educadores de jovens e adultos da rede municipal de Sorocaba/SP, 25/08/1998. 164 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, UNISO, Sorocaba, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. Hucitec-Abrasco, São Paulo - Rio de Janeiro, 1996.

_____. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

PAIVA, Vanilda. Estado e educação popular: recolocando o problema. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **A questão política da educação popular.** 3ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 79-87.

PAVAN, Ruth. **Educação de jovens e adultos:** um espaço de pertencimento social. **QUAESTIO:** Revista de Estudos de Educação. v. 1, n. 1, maio/1999 – Sorocaba, SP: UNISO, 1999.

PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar. A Universidade nos paradigmas da modernidade e da pós-modernidade. In: LOMBARDI, José Claudinei. **Temas de Pesquisa em Educação.** São Paulo: Autores Associados, 2003. p. 123-137.

RIBEIRO, Marlene. Exclusão: problematização do conceito. Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 25, nº 1, p. 35-49, jan./jun. 1999

RODRIGUES, Neidson. Educação: da formação humana à construção do sujeito ético, in Revista **Educação e Sociedade**, v. 22, nº 76, Campinas, out. 2001.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade.** São Paulo: Paulus, 2007.

SANTOS, Geovânia Lúcia dos. Educação ainda que tardia: a exclusão da escola e a reinserção de adultos das camadas populares em um programa de EJA, in **Revista Brasileira de Educação**, nº 24, Set/Out/Nov/Dez. 2003, p. 107 - 125

SANTOS, Milton. **O país distorcido**. São Paulo: Editora Publifolha, 1995. 224 p.

SAVIANI, Demerval. História da escola pública no Brasil: questões para pesquisa. In: LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D.; NASCIMENTO, M. I. M. (orgs). **A escola pública no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados: Histedbr, 2005 (Coleção Memória da Educação), p. 1-29.

VALE, Maria José. **Paulo Freire, educar para transformar**: almanaque histórico. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** 9394/96 de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de consentimento



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa – **TRAJETÓRIAS DE EXCLUSÃO: O ALUNO DO SUPLETIVO E SEU COTIDIANO ESCOLAR** -, no caso de você concordar em participar, favor assinar ao final do documento. Sua participação não é obrigatória, e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador(a) ou com a instituição. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e endereço do pesquisador(a) principal, podendo tirar dúvidas do projeto e de sua participação.

NOME DA PESQUISA:

“TRAJETÓRIAS DE EXCLUSÃO: O ALUNO DO SUPLETIVO E SEU COTIDIANO ESCOLAR”

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Eliete Jussara Nogueira

ENDEREÇO: Av. Eugênio Salerno, 100 **TELEFONE:** 21014003

PESQUISADOR PARTICIPANTE: Érica Martelini Messias Borin

ENDEREÇO: R: José Alcalá, Nº 35 **TELEFONE:** 3261-5153

OBJETIVOS: a pesquisa da qual irá participar tem como objetivo conhecer a trajetória de alunos do Ensino Supletivo, assim como o cotidiano escolar atual.

PROCEDIMENTOS DO ESTUDO: se concordar em participar da pesquisa, você será entrevistado (a) pelo pesquisador participante, que utilizará um roteiro de perguntas sobre: dados pessoais que incluem: idade, estado civil, escolaridade e identificação de moradia e trabalho, e num segundo momento da entrevista, você irá responder questões referentes ao cotidiano escolar e sua trajetória na idade regular de entrada na escola até chegar ao curso supletivo. Essa entrevista será realizada individualmente em lugar que permita preservar a privacidade das informações, para facilitar a transcrição da mesma solicito gravar.

RISCOS E DESCONFORTOS: a entrevista a qual irá participar não trará nenhum risco ou desconforto, mas em caso de sentir desconforto em responder alguma questão, poderá informar ao pesquisador, e terá liberdade em responder ou não, lembramos que sua participação é de livre e espontânea vontade.

BENEFÍCIOS: sua participação na pesquisa, sua trajetória escolar, contribuirá para refletir o papel da escola diante das diretrizes educacionais de inclusão numa sociedade exclusiva.

CUSTO/REEMBOLSO PARA O PARTICIPANTE: você não arcará com nenhum gasto decorrente da sua participação, assim como não receberá qualquer espécie de reembolso ou gratificação devido à participação na pesquisa.

CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA: você tem garantido o sigilo e a privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa, somente serão divulgados dados diretamente relacionados aos objetivos da pesquisa.

Assinatura do Pesquisador Responsável: _____



CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO
SUJEITO

Eu, _____(nome)
_____ (RG/CPF), declaro que li as informações contidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e fui devidamente informado(a) pela pesquisadora participante: ÉRICA MARTELINI MESSIAS BORIN, dos procedimentos que serão utilizados, riscos e desconfortos, benefícios, custo/reembolso dos participantes, confidencialidade da pesquisa, concordando ainda em participar da pesquisa. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Declaro ainda que recebi uma cópia desse Termo de Consentimento.

LOCAL E DATA:

Nome da cidade, data, ano.

NOME E ASSINATURA DO SUJEITO OU RESPONSÁVEL (menor de 21 anos):

(Nome por extenso)

(Assinatura)

Apêndice B: tabelas

Tabela 1: número de alunos inscritos no ensino supletivo (1º termo – 5ª série)

semestre	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
1º s.	239	41	98	75	81	79	81	49	48	31	42
2º s.	38	42	83	82	73	40	43	53	39	27	37
Total	277	83	181	157	154	119	124	102	87	58	79

Tabela 2: número de alunos que concluíram o ensino supletivo (4º termo – 8ª série)

Sem	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
1º s.	-	10	15	13	28	15	18	13	12	09	07	12
2º s.	124	20	43	17	19	16	26	09	16	10	12	-
Total	124	30	58	30	47	31	44	22	28	19	19	12

Tabela 3 - evasão de aluno do supletivo – 5ª a 8ª série (no período de dez anos.)

5ª a 8ª série		INSCRITOS NO 1º TERMO (5ª SÉRIE)	ALUNOS			
			CONCLUÍRAM		DESISTIRAM	
Início	Conclusão	Qtd.	Qtd.	%	Qtd.	%
1º s 1997	2º s 1998	239	124	52%	115	48%
2º s 1997	1º s 1999	38	10	26%	28	74%
1º s 1998	2º s 1999	41	20	49%	21	51%
2º s 1998	1º s 2000	42	15	36%	27	64%
1º s 1999	2º s 2000	98	43	44%	55	56%
2º s 1999	1º s 2001	83	13	16%	70	84%
1º s 2000	2º s 2001	75	17	23%	58	77%
2º s 2000	1º s 2002	82	28	34%	54	66%
1º s 2001	2º s 2002	81	19	23%	62	77%
2º s 2001	1º s 2003	73	15	21%	58	79%
1º s 2002	2º s 2003	79	16	20%	63	80%
2º s 2002	1º s 2004	40	18	45%	22	55%
1º s 2003	2º s 2004	81	26	32%	55	68%
2º s 2003	1º s 2005	43	13	30%	30	70%
1º s 2004	2º s 2005	49	9	18%	40	82%
2º s 2004	1º s 2006	53	12	23%	41	77%
1º s 2005	2º s 2006	48	16	33%	32	67%
2º s 2005	1º s 2007	39	9	23%	30	77%
1º s 2006	2º s 2007	31	10	32%	21	68%
2º s 2006	1º s 2008	27	7	26%	20	74%
1º s 2007	2º s 2008	42	12	29%	30	71%
2º s 2007	1º s 2009	37	12	32%	25	68%
TOTAL		1.421	464	33%	957	67%

APÊNDICE C: Roteiro de entrevista

Aluno (a) - Nome: _____ Data da entrevista: __/__/__

1-DADOS PESSOAIS:

- a) Idade?
- b) Gênero?
- c) Onde mora? (Zona urbana ou zona rural e a que distancia da escola)
- d) Estado civil?
- e) Com quem mora? Quantas pessoas?
- f) Trabalha? Se sim, especificar: local, função e horário

2-TRAJETÓRIA ESCOLAR:

(dados sobre o passado escolar)

- a)** Como foi o início de sua vida escolar? ... Com qual idade entrou na escola? ... Em que série? ... Como era a escola? ... Você lembra das pessoas? ... Da sala? ... Dos professores? ... O que seus pais falavam para você? ... Você gostava?... Como era seu desempenho escolar?... O que você sabe sobre a escolaridade dos seus pais?
- b)** Como se chamava a escola? ... Era escola pública? ... De qual município? ... Você ficou nesta escola por quanto tempo? ... E depois? ... Até que série você estudou?... Quantos anos você tinha quando parou de frequentar a escola? ... Quais os motivos que fizeram parar de ir à escola?
- c)** O que você mais lembra deste período? ... Do que mais gostava e do que menos gostava da escola?

(dados sobre a situação atual – supletivo)

a) O que fez você voltar a estudar? ... Depois de quanto tempo? ... Como foi esse retorno? Como soube do supletivo? ... O que fez desde o momento que decidiu voltar a estudar e se matricular como aluno no supletivo? ... Você voltou em que série?

b) Fale um pouco sobre sua rotina, seu dia-dia, desde o momento em que acorda... A que horas levanta? ... A que horas faz as refeições (café-da-manhã, almoço e jantar)? ... Trabalha? ... Como vai para escola? ... A que horas chega à escola e, na volta, a que horas chega em casa? ... Que horas estuda? ... Com quem estuda? ... Qual material utiliza? ... Como é sua vida hoje?

c) Como é seu desempenho escolar? ... Você vai bem? ... Fora da escola, em que horário você estuda, faz as atividades e trabalhos da escola? ... Diga do que mais gosta e menos gosta da escola hoje.

d) Se pudesse comparar como era para você a escola e como é hoje, o que diria?

e) Para você é importante estudar? ... Por quê? ... E o que deveria ser feito para melhorar o ensino? ... E para os alunos aprenderem?

APÊNCICE D: Transcrição das entrevistas

ENTREVISTA Nº. 1 – FLOR – 28/04/09

Qual o seu nome e idade?

Eu me chamo Flor e tenho 63 anos.

Qual é o seu estado civil?

Casada.

Mora na zona urbana ou rural?

Moro na zona... é cidade, né?

Com quem você mora?

Moro só com o meu marido. Eu tenho duas filhas, mas já são casadas e moram em outras cidades.

Quanto tempo demora da sua casa até a escola?

A pé?

É.

A pé demora uma meia hora de casa até a escola;

Você trabalha?

Só com serviço de casa, eu sou aposentada como costureira.

Falando agora um pouco sobre sua família, qual era a escolaridade dos seus pais e seus irmãos?

Meus pais... a minha mãe era analfabeta, o meu pai... era alfabetizado, os meus irmãos eram todos alfabetizados, alguns com faculdade, hoje eles moram em São Paulo, Sorocaba, "tão" espalhados;

Com que idade entrou na escola?

Entrei na escola com sete anos.

Você lembra a série?

Lembro, entrei no primeiro ano.

Onde ficava a escola, em que cidade?

A escola era no sítio em Santa Fé.

Santa Fé fica em...

No Paraná.

Como a escola se chamava?

Passava um rio perto, aquele rio chamava Água do Ó e então a escola chamava Escola Municipal de Primeiro Grau Água do Ó.

Você se lembra da professora, dos colegas?

A professora eu lembro dela até hoje, chamava M. E., em Santa Fé tem até prédios com o nome deles, da família dela... (pequena pausa parece lembrar); lembro de garotos, lembro de garotas, lembro de amigas que iam por um km brigando depois voltava brigando.

Você morava perto da escola?

Morava longe da escola e tinha que ir a pé.

A que horas eram as aulas?

Entrava uma hora na escola; saía da roça meio dia e ia direto para a escola. Trabalhava de manhã na roça depois ia direto para a escola. Da escola ia para casa.

E você gostava da escola, de estudar? O que você lembra dessa época?

Eu gostava da escola. Lembro muito dessa professora (dona M.), eu gostava dela, só não tenho boa lembrança de uma outra que chamava dona M. também, porque eu sempre gostei de estudar e de ensinar e naquele tempo eu já tinha minha opinião própria e a professora queria obrigar a rezar e eu falava que não e a gente brigava.

O que você achava dos professores e dos colegas?

Ah... os professores eram bons... (sorrindo) e eu me dava bem com os colegas e com os professores.

E o que seus pais falavam sobre a escola?

Meus pais mandavam estudar; eu saía da roça e tinha que ir direto pra escola estudar; eles eram bravos.

E como é que vocês faziam com o almoço?

Almoçava na roça. Naquele tempo nem tomava banho todo dia. Imagina coitada da professora, imagina a sujeira que a gente ia!

Verdade? (muito espanto). E por que não tomava banho todo dia?

Não tomava banho todo dia porque não tinha água, só no rio, tinha que ir buscar e como acordava de madrugada, ia trabalhar, ia para a escola, não tinha como ir buscar água no rio; voltava já estava escurecendo. Tinha água só pra beber e fazer comida, só de fim de semana que pegava água pra tomar banho, lavar roupa, limpar a casa (risos).

Até que série você estudou?

Até o quarto ano. Eu gostava de estudar. Com 15 anos uns missionários de Londrina convidaram para ir para os EUA, mas meus pais não deixaram porque eles vinham, ficavam 4 anos e depois voltavam pra lá. Eu ia ser gente hoje.

Mas você é gente!

É, mas não ia ficar tanto tempo parada...

Então você ficou nessa escola por quatro anos?

Não, eu fiquei dos 7 até os 14, mais ou menos. Eu gostava de estudar... ia bem na escola... Nossa, ficava até tarde da noite estudando com a lamparina acesa e amanhecia com o nariz todo sujo. Eu tenho meu diploma de quarto ano em casa. Se você precisar eu trago xérox. Naquele tempo se você conseguia até o quarto ano, você já era formada. Porque não tinha mais escola depois.

Por que você parou de estudar?

Parei de estudar porque não tinha mais escola perto, só na cidade grande, em Londrina. E eu tinha que trabalhar no sítio, plantando café.

Eu só não entendi como você ficou até os 14 anos na escola e fez até o quarto ano...

Eu parei de ir pra escola com 14 anos, mas nesse meio fiquei um tempo sem estudar, porque fomos para outros sítios, outras cidades. Como meu pai era dono do sítio, paramos de ir para trabalhar também. Agora a minha maior lembrança dessa época era a professora, eu gostava muito dela, como professora e como pessoa.

Em que ano ela deu aula?

Ah, foi na terceira e na quarta, os professores podiam e ajudavam muito a gente. (faz sinal de dinheiro).

O que você mais gostava e menos gostava na escola?

O que mais gostava na escola... era estudar História e Matemática... acho que não tinha matéria que não gostasse. Eu acho que eu não gostava (pausa) era da hora do recreio, porque os meninos zombavam da gente.

Tem mais alguma coisa dessa época que você queira contar?

Nada só que eu parei por mais de quarenta anos e agora voltei! (entusiasmada)

O que fez você voltar a estudar? Foi esse ano que você voltou?

É, voltei agora em 2009, na quinta série. Voltei porque eu quero mostrar que não é a idade que deixa a gente burro não, só caduca quem quer, eu quero estudar até mais de 70, e sair com um certificado de uma faculdade.

E como foi essa sua volta agora para a escola?

Ah... foi legal pra caramba, é muito gostoso, eu "tava" muito animada.

E como você ficou sabendo daqui do Supletivo?

Porque eu já morei aqui perto, mas eu não tinha condições na época porque eu cuidava do meu pai e da minha mãe, ai eu não podia estudar, então eles morreram, eu fui embora pra Pereiras, fiquei um ano lá, voltei pra cá por mais um ano, fiquei muito doente, entrei numa depressão profunda por causa da morte deles, me tratei, me tratei e agora voltei.

Com que idade você casou?

Com 21 anos.

E você ainda morava no sítio?

Não, aí eu já morava em Londrina, depois fui morar em São Caetano.

Mas aí você não foi atrás de voltar a estudar?

Não, meu marido não deixava trabalhar nem estudar.

E agora ele deixa?

Não, eu fugi de casa com minhas duas filhas e deixei ele, aí eu terminei de criar minhas filhas sozinha e casei de novo.

Então agora você está com outro marido?

É, sou casada de novo a 15 anos. Tive que largar do meu marido porque na verdade ele era pedófilo. Então você imagina o que é criar duas filhas com marido pedófilo.

E você sabia?

Não, eu desconfiava. Mas separei dele depois de vinte anos de casada. Minhas filhas hoje são formadas, uma mora em Sorocaba e a outra em Belo Horizonte. Eu criei sozinha duas mulheres! (demonstra sentir orgulho).

E você tem contato com o seu ex-marido?

Não, e nem minhas filhas. Ele abandonou, mas abandonou mesmo.

E ele chegou a mexer com elas?

Chegou (constrangida). Sem contar com coisas que não consegui provar, histórias com a vizinhança. Pra falar bem a verdade, se fosse nos dias de hoje, eu teria denunciado ele. Mas naquela época ninguém falava disso.

Não tinha muito disso mesmo.

E sem prova, eu podia ser acusada de calúnia. Se fosse hoje, ele estava na cadeia preso. (longa pausa; percebo tristeza).

Bom, então continuando... Você voltou agora na quinta série...

E vou até a faculdade, se Deus quiser e me der saúde... e eu vou fazer Turismo!

E como foi agora, você decidiu voltar e veio se matricular ou ficou um tempo pensando?

Eu decidi e vim. Eu ia entrar na primeira série para acompanhar meu marido, aí ele desistiu, então eu falei: "eu vou na quinta mesmo". Agora não preciso mais trabalhar, então eu vou estudar. Eu faço Capelania, eu faço música (aula de), vou conversar com o psicólogo que vai na igreja...

É igreja Batista, não é?

É.

E a Capelania também é da igreja?

Não, a Capelania é um curso que vai vir com certificado que eu vou poder ir para o exterior.

Explica um pouco o que é a Capelania.

Bom, antigamente o fazendeiro tinha um padre ou um capelão que ficava na capela. Quem começou com a Capelania foram os padres, depois os evangélicos também começaram com a Capelania. A Capelania nada mais é do que você acompanhar um doente no fim da vida é dar assistência espiritual, confortar a família. Na escola deveria ter um capelão para conversar com os professores, dar apoio espiritual, mas não tem nada a ver com religião.

Onde você faz a Capelania?

Eu faço pelo Seminário Teológico de Minas Gerais. Eu faço com o material que vem pelo correio e pela Internet.

E quando você termina o curso?

Vai levar de seis meses a um ano. É bastante coisa pra ler, pra conhecer...

E como é o seu dia-a-dia? A que horas você acorda? O que você faz?

Eu não tenho hora pra acordar, não. Depende do que eu tenho pra fazer no dia. Agora em casa meu marido faz o café e eu faço a janta já para o almoço. E eu passo o dia no computador que eu gosto muito. Eu não gosto de porcaria.

O que você gosta de fazer no computador?

De ler e pesquisar na Internet. Passo o dia estudando coisas da escola e do meu outro estudo que é a Capelania. E a noite venho pra escola.

E você vem pra escola a pé?

Agora eu to vindo de ônibus, mas eu vinha a pé.

Que horas que você sai da sua casa?

Agora que eu to vindo de ônibus eu saio as 18:30, quando eu vinha a pé eu saía as 18:10.

E a que horas você chega na sua casa depois da escola?

As 23:15, mais ou menos.

Na sua casa, como você estuda? Tem horário certo?

Eu estudo sozinha, praticamente o dia inteiro, porque eu não tenho outra coisa pra fazer. Meu marido também é aposentado. Então eu fico o dia inteiro atrás de papel, de livro...

E você tem bastante livros em casa?

Tenho um pouco, e fico pesquisando na Internet também.

E hoje você está indo bem na escola?

Ah eu acredito que eu to, viu. Eu to muito satisfeita comigo!

Você gosta de estudar... gosta das aulas?

Ah, eu gosto, estou satisfeita com as minhas notas. Depois de 50 anos fora da escola... to gostando das minhas notas. Posso melhorar, mas já estou feliz, to achando ótimo!

Que bom!... Hoje o que você mais gosta na escola?

Hoje é difícil porque eu gosto de tudo: gosto de estudar, gosto dos amigos, gosto de conversar, gosto de brincar, gosto de rir. Não que eu não goste, mas o mais difícil pra mim, ta sendo o Inglês. Porque eu nunca falei uma palavra em Inglês.

Mas é porque você nunca viu, com o tempo vai pegando prática!

É sim...

Se você fosse comparar como era a escola lá atrás, quando você estudou com a escola de hoje: como você iria comparar?

Naquele tempo, a gente estudava mais, era mais puxado. Só que hoje a gente tem mais oportunidades. Até mesmo na aula, a gente conversa. Antigamente a gente não podia conversar. Tinha uma "parede". Hoje o professor é um amigo da gente, e naquele tempo não era.

Era mais fechado...

Era fechado. Hoje é muito mais fácil de estudar.

Pra você é importante estudar? E por que?

Pra mim é. Se eu fosse jovem, se eu pudesse nascer de novo hoje e fosse jovem eu não ia fazer uma faculdade só não, eu ia fazer que nem minhas filhas. Ia ter duas, três faculdades. Agora pra mim hoje, na minha idade que eu to, eu to feliz, porque eu to me distraindo, eu to no meio de gente, eu to me comunicando, eu não to ficando bitolada e eu provavelmente não caduque, e outra eu quero mostrar que o idoso pode muito bem estudar e seguir a vida assim. Eu quero servir de exemplo pros meus netos, entendeu. Eu quero que eles falem assim: "Minha vó com 70 anos fez faculdade". Eu quero ser um exemplo...

Muito bem! O que você acha que deveria ser feito para melhorar o ensino?

(pensando) pra mim eu acho que ta bom. Pra quem está na fase que eu tenho na escola, ta muito bom. Ta muito mais fácil. Pra mim ta ótimo.

E para os alunos aprenderem mais, o que poderia melhorar ou mudar?

Ta faltando mais atenção dos alunos. A verdade é por aí. Eles ficam batendo papo e quem conversa ainda vem atrapalhar a gente. Quem falta da escola também. Não devia ter esse "pode faltar tanto das aulas". Não devia faltar de jeito nenhum. Esses que faltam, depois ficam conversando e atrapalham a gente, tiram a atenção da gente. Às vezes eu não consigo nem fazer o meu exercício. E eu não gosto. Então eu fico brava, né. Eu falo pra eles: "se vocês faltam, vocês perdem o fio da meada. Não falte da escola gente..." (pequena pausa).

E você quer comentar mais alguma coisa?

Eu quero falar o seguinte que hoje eu acho que os professores estão muito mais bonzinhos que na época minha. Na época minha a gente apanhava mesmo, né. Até de reguada eu apanhei. Hoje ta muito fácil: você tem o passe, tem os livros... poxa, comprar caderno não é tão caro. Você vai, gasta o dinheiro com qualquer porcaria. Não estuda quem não quer. Eu vejo por esse lado.

Muito bem, é só isso, então?

É só (rindo).

Muito obrigada!

ENTREVISTA Nº. 2 – FAMÍLIA – 05/05/09

Sua idade?

43.

Onde você mora?

Moro no sítio.

A que distância fica da escola mais ou menos?

Eu acredito que fica a uns 30 km.

Qual é o seu estado civil?

Sou viúva, mas eu moro com um... ah, eu moro junto com um rapaz.

Quem mais mora com você?

Tem um filho e tem meu pai agora porque minha mãe faleceu há pouco tempo.

E seu filho tem quantos anos?

Meu filho tem onze anos.

E seu pai?

Meu pai tem 79.

Você trabalha?

Trabalho.

O que você faz?

Eu cuido de granja, né. Porque onde eu moro tem uma granja e a gente cuida lá.

O que você faz lá?

Eu faço serviços diversos, né. Se precisar roçar, catar ovo, por comida, limpar.

Você sabe sobre a escolaridade dos seus pais, se eles estudaram, até que série?

Meu pai, ele tentou fazer o MOBRAL na época, mas aí depois parou.

Ele sabe ler e escrever?

Não, porque ele teve derrame, vários derrames, aí ele esqueceu o pouco que aprendeu e a mão dele é trêmula, então ele não consegue. A minha mãe fez até a 3ª série acho que como fala agora... do fundamental.

Com que idade você entrou na escola?

Eu entrei com sete anos.

Em que série?

Eu entrei direto na primeira série. Tinha o pré, mas daí eu entrei na 1ª série.

Onde você estudava?

Eu estudava em Jundiá, numa escola... eu não vou lembrar o nome agora.

Onde ficava essa escola?

Era em um bairro. Eu morava no sítio e a escola ficava no bairro Santo Antônio.

E – A escola era longe da sua casa?

C – Era uns 10 km.

E – Como você ia para a escola?

A gente ia a pé.

Em que horário você estudava?

Eu estudava de manhã, das sete ao meio dia, uma hora, acho.

Que horas você saía da sua casa para ir para a escola?

A gente saía umas quinze para as seis.

E a que horas voltava?

Acho que umas duas da tarde. Aí teve uma época, eu não lembro o ano, que acho que o governo deu ônibus pra criançada voltar embora. Mas mesmo assim a gente andava meia hora ainda.

Como era a escola naquela época? O que você lembra dela?

Ah, era assim, a maior parte das pessoas era bem simples, os professores eram bem rígidos. Não tinha conversa dentro da sala e nas horas do intervalo, eu lembro que a gente fazia física, mesmo tendo no horário das aulas. A gente fazia física e eram aquelas “roupinhas”, shortinho, saia rodada, sabe. E os professores, nossa, eram bastante rígidos.

Você gostava de estudar?

Eu gostava.

Até que série você estudou?

Eu fiz até a quarta série.

Você ia bem?

Ia. Eu gostava bastante.

Tem alguma lembrança dessa época?

Ah, a gente era bastante amigo. Um sempre ajudou o outro. Mas, era companheirismo mesmo.

E os professores?

Também, eles ajudavam bastante, principalmente quem morava muito longe. Daí chegava meio atrasado eles davam tempo pra gente entrar. Mesmo que chegasse um pouquinho mais atrasado eles, sei lá, acho que fazia meio “vista grossa” e deixava entrar. Daí passava matéria pra gente. Enquanto a gente fazia a matéria ela explicava pros outros, depois ela vinha e explicava na hora do recreio pra gente.

O que seus pais falavam para você sobre a escola?

Ah, meus pais não eram de falar muita coisa, não. Eles eram fechados. Sabe, assim... acredito que eles achavam que escola era para educar criança, mas eles eram rígidos também dentro da casa, sabe. Mas a gente sempre foi meio “recatadinho”, era meio vergonhosa, não conversava por vergonha de falar.

Você tem irmãos?

Tenho até um irmão que estudava aqui também.

Aqui no supletivo?

É. Ele fez a quinta série aqui comigo o ano passado. Daí ele foi embora, voltou pra Jundiá. Só que lá ele arrumou serviço e não dá pra estudar. Ele trabalha a noite.

Só esse irmão que você tem.

Não, tenho mais, comigo... somos em oito.

E os outros estudam ou estudaram?

Têm duas que tá terminando ou terminou a oitava série no ano passado.

Eles fizeram supletivo ou ensino regular?

Supletivo.

Por que você parou de estudar?

A gente mudava muito e meu pai, assim... como eu posso dizer... ah, ele achava que mulher tinha que ficar no fogão, não precisava estudar. Mudamos umas três, quatro vezes (imprecisão). A gente mudava até perto de escola, mas ele não fazia conta nenhuma de matricular. Aí depois tinha que trabalhar, ajudar em casa, olhar os irmãos mais novos...

Você é a filha que número?

Eu sou a quatro.

Você sempre morou em sítio?

Morei sempre em sítio. Até teve uma vez que a gente mudou na cidade, perto de uma escola, não dava nem cinco minutos, mas ele não matriculou.

Ele trabalhava com o que nessa época?

Era com uva mesmo.

O sítio era do seu pai?

Não, ele era meeiro que chamava.

Você trabalhava junto?

Trabalhava.

Chegou a faltar da escola para trabalhar?

A gente ia na escola de manhã, aí almoçava e ficava ali no serviço mesmo, trabalhando. Aí quando era umas cinco ou quatro e meia a gente ia embora pra tomar banho, jantar, aí estudava.

Então você estudava a noite na sua casa?

Estudava. E quando a gente estudava a minha mãe era bem (faz sinal com a mão fechada). Ela até trancava o quarto pra não ter atrapalho nenhum.

O que fez você voltar a estudar agora?

Olha, eu sempre gostei de escola, sempre gostei de aprender mais. E achava que eu tava assim... meio defasada, com o que eu lembrava. Aí meu filho perguntava as coisas pra mim. E outra, a gente precisa evoluir um pouco mais, né.

Você casou com quantos anos?

Eu casei com 23 anos.

E nesse tempo que você saiu da escola, da quarta série até ficar adulta, por que você não voltou a estudar?

Eu trabalhava, daí cuidava da casa e o marido muito ciumento, não deixava estudar?

E trabalhar fora, podia?

Até trabalhar fora, sim. Mas tinha vez que ele ficava esperando na porta do serviço.

Você começou a namorar com quantos anos?

Eu tinha uns 18 anos.

E você não tentou voltar a estudar?

Não e meu pai também falava: "ah, já tá assim mesmo, você só vai ver fogão, vai estudar pra que?"

Você parou de estudar com quantos anos?

Parei com 12 anos.

No tempo que você frequentou a escola, da primeira a quarta série, você foi direto ou parou de estudar?

Um ano eu parei... um ano e meio eu parei. Daí como fui voltar no meio do ano, aí tive que fazer novamente.

Você parou por que?

Porque a gente tinha mudado e eu não sabia nem a direção que era a escola. E eu era menor, né.

Você voltou a estudar depois de quanto tempo?

Dos 12 aos quarenta e... ah eu falei 43, é 42 (pensando)... trinta anos.

Como foi essa volta?

Eu achei que eu ia, nossa, sofrer bastante, porque a gente é mais devagar, mas aí eu vi que não. Foi ótimo. Eu não esqueci o que aprendi.

Como você soube do supletivo daqui?

Através de uns amigos que moram no sítio e que faziam supletivo aqui, daí eu comentei (em casa) e falaram "ah, se é sua vontade...", porque eu sempre gostei. Minhas crianças me incentivaram bastante.

Você só um filho?

Um que mora comigo. Mas eu tenho uma filha maior de idade, que mora na cidade.

Com que idade?

Ela tem 19.

Com quem ela mora?

Ela mora com amigos na cidade, porque ela trabalha aqui.

Ela estuda?

Estuda, tá fazendo faculdade de Administração.

O seu filho está em que série?

Ele está na sexta série.

Ele estuda onde?

Ele estuda lá no sítio mesmo, no Bom Retiro. (bairro rural do município).

Do momento em que você decidiu voltar a estudar até se matricular, demorou muito tempo?

Olha, foi assim: há mais ou menos 12 anos atrás eu tinha feito matrícula porque disseram que ia começar o supletivo lá no bairro onde moro (no sítio). Daí fiquei esperando. Aí até o ano passado nada. Aí me falaram que ia ser aqui e eu vim. Não foi nem eu que vim perguntar se tinha matrícula aqui, foi meu irmão que começou primeiro. Daí surgiu uma vaga e eles me encaixaram.

Você voltou em que série?

Na quinta série.

Como é o seu dia-a-dia, a que horas acorda, que atividades você faz ao longo do dia?

Eu acordo mais ou menos umas sete horas, tomo café, limpo a casa, faço almoço e vou pra granja ajudar meu companheiro. Daí quando é umas quatro e meia eu paro, vou fazer a janta, tomo banho e venho pra escola.

Que horas você sai do sítio para vir para a escola?

Eu saio cinco e meia.

Como você vem para a escola?

Eu pego um ônibus que sai do Bom Retiro e vem até o Bambu (bairro da cidade). Aí do Bambu eu venho com outro ônibus, que trás o pessoal pra cá.

Você paga pelo ônibus?

Não, é de estudante.

Você chega aqui na escola a que horas?

Umás vinte para as sete.

Sai a que horas?

Saio onze horas, vou até o Bambu, com o ônibus da escola mesmo, chego lá e o motorista espera eu e mais um pessoal que estuda lá pra baixo (escola estadual do centro da cidade) e leva até o portão da casa.

Você não precisa andar muito, então?

Eu ando uns trezentos metros, mais ou menos.

Que horas você chega na sua casa?

Eu chego... tem vez que eu chego onze e meia, tem vez que eu chego quinze para meia noite.

Você é empregada da granja?

Não a gente é parceiro, quer dizer, nós arrendamos. Antes a gente era empregado. Aí como o patrão deixou tudo por nossa conta, aí esse ano nós começamos a... arrendar e fizemos um contrato com ele. Por enquanto ta dando certo.

Seu primeiro marido faleceu há quanto tempo?

Faz catorze anos. Só a menina é filha dele.

Você está com o atual companheiro há quantos anos?

Há doze anos.

Você mora perto da granja?

Ela é assim em volta da casa.

Como é o nome do sítio em que você mora?

Chácara Recanto Iramar, fica no bairro do Bom Retiro.

Você estuda na sua casa?

Olha, tem hora que dá pra gente pegar um pouquinho. Mas tem hora que não dá certo.

Você tem um horário certo para estudar?

Não, não tenho, é quando dá certo. Mas mesmo que seja apertado eu dou um jeitinho.

Que material você usa para estudar na sua casa?

Só o material da escola mesmo ou tem alguns livros que tem em casa.

Você estuda sozinha?

Às vezes com meu filho, eu sempre ajudo ele. Até aí quando ele acha que eu to errada ele fala, a gente discute, conversa...

Como você está indo na escola hoje?

Olha, eu acho que eu to bem. Não tenho reclamação, não (rindo).

Você frequenta bem as aulas?

Frequento. Só agora que minha mãe faleceu há pouco tempo, uns quatro meses, aí meu pai veio morar comigo e ele adoeceu aí eu tive que faltar por causa disso.

Você tem algum problema com condução quando chove?

Tenho sim e bastante porque quando chove o motorista deixa a gente assim uns três, quatro quilômetros longe da onde a gente mora. E se chover forte o ônibus nem passa lá, só se for chuvinha fina e passageira. Quando é uma chuva muito grossa não tem como.

O que você mais gosta e o que menos gosta na escola hoje?

É difícil, não... Ah, eu gosto de tudo. Só não gosto do barulho porque a gente já tá assim com a idade “meio passadinha” (rindo) e tem muita criança junto também. Às vezes eles conversavam um pouco e a gente não consegue “pegar” o que tá falando lá na frente.

Se você pudesse comparar a escola que você estudou com a escola que você estuda hoje, que comparação você faria?

Eu acho assim... antes, apesar de os professores serem bem assim... entrosados com a gente, eles eram “meio” reservado e hoje eles não, eles tentam ajudar ao máximo pra gente não ficar pra trás.

E os colegas?

Também acho muito bom, pelo menos os que sentam ao redor assim (faz movimento com as mãos). Eu não tenho muita conversa com quem senta atrás, só de cumprimentar.

Você acha importante estudar?

Eu acho bastante importante.

Por quê?

Olha, sem estudo, ninguém é nada, não vai pra lugar algum. Pra pegar um ônibus a gente precisa saber ler, pra pegar uma receita, pra tudo, até na cozinha mesmo, pra fazer um bolo, qualquer coisa a gente precisa saber a medida certa porque senão você erra tudo.

O que você acha que poderia ser feito para melhorar o ensino?

Olha, eu gostei desse sistema apostilado (refere-se ao sistema apostilado do ensino fundamental regular do município), eu achei, pelo menos pra criança, eu achei que... muitas mães reclamam porque tá muito forçando a criança. Eu acho que não é uma coisa assim que force, eu achei bom porque há um tempo atrás, há uns dois anos atrás, acredito, eu achei que tava bem fraquinho. Agora eu achei que melhorou bastante. Tem que melhorar mais, mas...

E no caso do ensino no supletivo?

Eu acho bem “forçadinho”, mas a gente vai também, acompanha.

Para os alunos aprenderem mais, o que poderia ser feito?

Ah, eu acho que precisa ler bastante, porque o professor tem quarenta e cinco minutos pra falar, mas se houver muita conversa, muita bagunça, não tem como você aprender, daí você tem que tá lendo ali, bastante.

Tem mais alguma coisa que você queira comentar?

Não, assim, tipo, hoje os professores ajudam bastante, porque eles trabalham o dia inteiro, né. Chega uma hora que eles estão cansados também, então tem vezes que a gente tá de conversinha o tempo inteiro, vamos e convenhamos. Tem que prestar mais atenção. Mas acho que eles estão de parabéns.

Qual é mais ou menos a sua renda média familiar?

Olha, agora, como a gente tá nesse sistema de arrendamento, nós “tamo” fazendo as contas pra ver mês a mês, mas eu acredito que dá uns 950 por mês.

Você ajuda a sua filha?

Ajudo, porque tem a pensão do pai, que o pai dela deixou, daí paga a mensalidade da faculdade.

Em que ano ela está na faculdade?

Ela começou este ano porque até o ano passado ela falou que não sabia o que queria. Então eu falei: “bom, esse ano eu vou dar pra você pensar, saber o que realmente ‘ce quer. Pra não pagar uma coisa em vão, né. De repente tem que parar no meio do ano...”

Onde ela estuda?

Em Itu, na CEUNSP.

Mais alguma coisa que queira comentar?

Não.

Então, muito obrigada.

ENTREVISTA Nº 3 – CORAÇÃO – 05/05/09

Seu nome...

Coração.

Sua idade...

Vou fazer 53.

Seu estado civil...

Casado.

Há quanto tempo você é casado?

Faz 28 anos.

Você mora onde?

Moro aqui na Popular (mesmo bairro da escola). Aqui pertinho.

Quanto tempo demora da sua casa até a escola?

Uns cinco minutos.

Você vem a pé?

É.

A que horas você sai da sua casa?

Ah, faltando uns cinco ou dez minutos.

Com quem mais você mora na sua casa?

Eu, a mulher e três filhos.

Qual é a idade deles?

Um vai fazer 26, outro 24 e um de 13.

São todos solteiros?

São, moram comigo.

São três homens?

Não, a mais velha é a moça.

Eles trabalham?

Os dois mais velhos trabalham; o mais novo não trabalha, só estuda. E a mais velha tá fazendo... terminando a faculdade esse ano.

Que curso ela faz e onde?

Tá fazendo Administração em Itu.

E o rapaz de 24?

Ele tá fazendo Engenharia da Produção.

Onde?

Agora ele tá na FATEC.

E o de 13 está em que série?

Na 7ª

Onde ele estuda.

Aqui no C. (escola municipal que fica em um bairro ao lado do bairro da escola onde estudam).

Você trabalha?

Trabalho.

O que você faz?

Eu trabalho de auxiliar de limpeza.

Onde?

Na pedreira, antiga SPL.

Qual é a renda mensal de vocês?

Dá quase R\$ 1.500,00.

Contando com o salário de todos?

É o meu e da minha esposa. O menino acho que ganha R\$ 1.500,00; e a minha menina acho dá uns R\$ 800,00.

A sua esposa trabalha em que?

Ela é costureira.

Ela costura em casa ou em alguma fábrica?

Ela trabalha na Degradê (confeção de artigos em jeans).

E a sua filha trabalha onde?

Trabalha na Prefeitura.

Em que parte?

Parte administrativa.

E o seu filho?

C- Meu filho trabalha em Itu, na Guarani.

O que faz na Guarani?

Peças de produtos agrícolas. É uma fábrica.

Você lembra qual era a escolaridade dos seus pais? Se eles estudaram... até que série...

Ah, eles não tinham estudo nenhum.

Não sabiam ler e escrever?

Minha mãe sabia escrever um pouquinho; meu pai não sabia nem o nome.

Onde vocês moravam?

"Nóis morava" no Paraná.

Em que cidade?

Somos nascidos em Maringá, mas acabamos de criar em Umuarama.

Vocês moravam na cidade ou no sítio.

No sítio.

Com que idade você entrou na escola?

Ah eu entrei na escola, mas parava muito pra trabalhar. Estudei uns três pedaços de ano: do primeiro pro segundo, do segundo pro terceiro. Aí parei com uns 13 anos. Aí voltei agora em 2007.

Voltou em que série?

Voltei na 3ª mesmo.

Com que idade você entrou na escola e em que série?

Entre com nove anos... na primeira série, não tinha pré naquela época. Eu estudava um pouco, aí meu pai tirava da escola...

No sítio?

No sítio. E era diferente: numa sala era primeira e segunda e na outra era terceira e quarta. Só tinha até aí, depois ia para o ginásio, na cidade.

Então você fez até a terceira no sítio, em que cidade?

Em Umuarama.

O sítio era de vocês.

Era; lá a gente plantava feijão, arroz, soja, milho. Aí depois nós vendemos o sítio e compramos um com lavoura de café.

Em Umuarama mesmo?

Não em Pérola, uma cidade lá perto.

E da escola, o que você lembra?

Eu lembro que os professores “era muito bravo”.

E os colegas?

Os colegas... as vezes a gente brincava, as vezes brigava. Eu lembro de poucas coisas dos colegas.

E das lições, o que se lembra?

Era um pouco difícil e tinha castigo se a gente não sabia a professora batia, com vara ou com régua.

Você recebia muitos castigos?

Não. Eu era muito medroso, via o que acontecia com os outros, então tinha medo e ficava quieto.

Você gostava de estudar?

Eu gostava e ainda gosto, mas depois de velho já não entra mais na cabeça da gente.

Você ia bem na escola?

Eu ia até mais ou menos.

Por que você parou de estudar?

Porque precisava trabalhar.

Você tem irmãos?

Tenho, tenho 11 irmãos.

Você é o mais velho?

Não, eu sou o oitavo e tenho um irmão gêmeo comigo. Ele é servente de pedreiro. Eu tenho cinco irmãos morando aqui.

E eles estudaram?

Não, quem estudou mais foi o mais velho, ele “tirou” o ginásio, mas depois parou. Os outros ninguém estudou mais.

Você lembra o nome da escola?

Ai era... Escola Municipal Gonçalves Dias. E a outra era Escola Municipal General... não lembro.

As duas eram em Umuarama e no sítio.

É eu sempre morei no sítio, vim pra cá com 22 anos. Depois que meu pai morreu aí minha mãe convidou porque já tinha uma irmã aqui em São Paulo.

E como você veio parar em Porto Feliz?

Eu morei em São Paulo três anos, aí depois fui para Campinas. Depois vim pra cá.

E você já era casado.

Não, minha mulher também é do Paraná. Ela era nossa vizinha. Eu voltei uma vez para lá nas férias da firma e conheci ela. Namoramos uns dois anos e eu fui pra lá, você não acredita, só umas quatro vezes.

Vocês se casaram no Paraná?

É depois fomos para Campinas e depois para Vinhedo. Então a minha irmã morava aqui e pediu para eu vir pra cá

Quanto tempo você ficou sem estudar?

Parei com 13... parei faz mais de 30 anos.

Como você ficou sabendo do supletivo.

Eu perguntei aqui. Porque meu filho estudou aqui. Minha filha queria que eu voltasse a estudar com ela.

Cabeça dura, né? Por que estudar depois de velho, atrás do que? Aí a gente fica com vergonha. É ignorância da gente, né?

E o que aconteceu que você resolveu voltar a estudar, então?

Foi apertando cerco no serviço.

Quando você decidiu que ia voltar a estudar demorou para fazer a matrícula?

Era para eu voltar no começo de 2007, mas quando eu vim fazer a matrícula, não tinha mais vaga, então eu vim no meio do ano.

Como é o seu dia-a-dia, seus horários?

Eu levanto as 2:30 da manhã pra pegar a condução 3h, aí entro na firma 4h. Aí saio umas duas horas (da tarde) e começo a fazer o serviço de casa porque as vezes a mulher não chegou ainda.

E as suas refeições?

Eu tomo café e almoço na firma.

Qual é o horário do trabalho da sua mulher?

Ah, lá não tem horário. Ela entra 7 horas e às vezes sai 21h, às vezes chega 22h.

E quem faz a janta.

Eu ou a minha menina.

A que horas você vai dormir.

Umás onze e meia. Se tem lição eu vou dormir meia noite. Eu durmo umas duas horas... Já pensei em desistir, mas a pessoa desistir eu acho que é um ato de covardia. E eu falo para os meus filhos: estudem para vocês não passarem pelo que eu to passando.

Na sua casa você estuda sozinho? Que material você usa?

Tem vez que a minha filha ajuda e eu estudo depois que chego da escola. Só que ela não muita paciência. E eu uso o material da escola mesmo, caderno, apostila...

Você tem computador?

Meu menino tem, mas eu não sei mexer.

E agora você está indo bem na escola?

Ah, esse ano eu vou mais ou menos, mas a culpa é minha, não do professor. Vocês são maravilhoso. Eu só tenho a agradecer.

Por que você acha que a culpa é sua?

Quando a gente é mais novo é mais fácil. Porque vai passando a idade já não entra na cabeça. Tem muita preocupação.

Você gosta de estudar? O que você mais gosta e menos gosta na escola?

Eu gosto de estudar, gosto de geografia, história, ciências, português também, mas matemática (fala rindo)... eu não tenho o que reclamar do professor, só tenho a agradecer, a gente vê que vocês ensinam com amor.

E dos colegas, o que você tem a dizer?

Não tenho o que reclamar não... tem uma turma que gosta de conversar, mas não tenho o que falar, não...

Se você pudesse comparar a sua escola de quando você era criança e a sua escola hoje, o que você vê de diferente?

Hoje ta muito mais evoluído. Eu falo para os meus filhos: hoje não estuda quem não quer. A gente vê essa molecada hoje, essa juventude... eu fico triste por eles. Eu sinto tristeza em ver que hoje ta tão fácil estudar... só não estuda quando a pessoa não quer.

Pra você, é importante estudar? E por que?

Eu acho importante. Porque daí você sempre fica atualizado. Porque a pessoa que não tem estudo, acho que é uma pessoa ignorante. Quem não quer é.

O que você acha que poderia ser feito para melhorar o ensino?

Eu acho que tá ótimo, eu não tenho o que reclamar do ensino.

E para os alunos aprenderem mais, o que poderia ser feito?

Eu acho que vai da gente. Se as pessoas não se interessarem, não tem como. Aqui eu acho maravilhoso.

Algo mais a acrescentar?

Não...

Então muito obrigada!

Eu que agradeço.

ENTREVISTA Nº 4 – PAZ – 08/05/09

Seu nome e sua idade?

Paz tenho 48 anos.

Estado civil?

Sou casada.

Com quem você mora?

Com meu marido e minha filha mais nova.

Atualmente qual é a renda média de vocês?

O meu salário é de R\$ 400,00, meio dia. E do meu marido é o que entra na mercearia, uns R\$ 1.500,00, R\$2.000,00 por mês.

Quantos anos tem a sua filha?

Ela tem 18.

Ela estuda?

Estuda, ela faz Farmácia em Piracicaba. Ela ganhou a bolsa, mas a gente ajuda a pagar as outras despesas.

Você tem mais filhos?

Tenho uma filha casada que mora no sítio. Terminou o colegial. Só não fez faculdade. Ela tem uma filha e trabalha como sócia minha na mercearia.

Que idade tem sua neta?

Ela faz 7 anos na 6ª feira.

Ela estuda?

Estuda. Ta no... 2º ano na escola Presbiteriana.

Você trabalha?

Trabalho como doméstica no condomínio Alcalá.

Todos os dias em uma casa só?

Todos os dias em uma casa fixa.

Qual é o seu horário de trabalho?

Das 7 ao meio dia e meia.

Você sabe algo sobre a escolaridade dos seus pais?

Meu pai é analfabeto. Mal sabe escrever o nome, como desenho, ele não teve estudo. A minha mãe estudou acho que até o 3º ano, mas ela sabe escrever bem, sabe ler bem, não tem dificuldade. Ela se vira bem pra escrever, falar.

Os dois são vivos?

São vivos. Moram em São Miguel da Boa Vista, em Santa Catarina.

Moram na cidade ou no sítio?

No sítio.

E o sítio é deles?

O sítio é deles mesmo.

Eles trabalham lá?

Trabalham sim, para uma cooperativa. Eles têm vaca leiteira e fornecem o leite para a cooperativa.

Essa cidade fica perto de onde?

Fica perto de Chapecó.

Com que idade você entrou na escola?

Entrei com 8 anos. E eu sempre passei, passei sempre bem mas tive que repetir 2 anos ou 3 anos a quarta série porque não tinha idade para sair da escola.

Você entrou em que série?

Entrei na primeira até a quarta série.

Onde ficava a escola?

Era em uma vila, hoje já é município, mas na época era vila. E eu tive que repetir porque tinha que ter 14 anos para sair, porque não tinha escola da quinta até a oitava. A cidade que tinha dava 30 km e meu pai não tinha condições de pagar naquela época tipo perua, aquelas Kombi. Então ele não tinha condições de pagar pra mim estudar. Então eu só fiz até a quarta série. Agora meus irmãos não. Meus irmãos já na época conseguiram fazer até o colegial.

São quantos irmãos ao todo?

C- São sete, comigo são oito. Eu sou a primeira.

A escola ficava perto da sua casa?

Dava 4 km. Meus pais moram lá até hoje, já faz 46 anos.

Como você ia para a escola.

A pé.

Que horário você estudava?

Estudava de manhã. Era frio e a gente era pobre “menina do céu”. A gente ia com chinelinho de dedo, sem meia, sem nada, chegava lá, sabe, o uniforme era uma camiseta, casaquinho que lavava de fim de semana pra ir pra escola e foi indo, foi indo, imagina, toda essa turma de filho que minha mãe tinha. Em três anos ela teve três filhos; em um ano ela teve dois: meu irmão nasceu em janeiro e minha irmã em dezembro. Tudo assim sabe então não tinha condições mesmo. E depois meu pai foi trabalhando, a gente foi crescendo, foi ajudando daí ele conseguiu dar uma grande virada. Hoje ele é dono de um sítio grande. Ele arrenda uma parte, uma parte ele trabalha com meu irmão mais velho, que não casou, que é solteiro e mora com ele, cuida deles, né. Então mora os três no sítio.

Você vai sempre lá?

Muito de vez em quando, a cada dois anos, porque é muito longe.

E da sua época da escola, o que você lembra?

Ah, lembro da minha primeira professora que chamava L., nossa, era um amor de pessoa. Tenho bastante fotografia, naquela época tirava bastante fotografia da gente... lembro muita coisa boa. Eu sempre fui uma pessoa que tive bons amigos, nunca briguei com ninguém e gostava de estudar.

Você ia bem na escola?

Eu ia bem. Naquela época tinha aquelas maratonas de estudo da saúde, tinha um monte de perguntas pra estudar. Aí a professora fazia a pergunta. Eu sempre queria ser a primeira,

mas não conseguia, mas até a terceira eu sempre conseguia e ganhava o prêmio de terceiro lugar. Eu lembro que quando passava de ano tinha o primeiro, segundo e terceiro lugar e sempre ganhava um presentinho. Eu tirei terceiro lugar e ganhei uma caixinha de lápis de cor, nossa eu fiquei tão feliz que eu ganhei... hoje em dia... essas coisas não tem valor e pra mim... nossa... fiquei feliz, porque não podia comprar. Eu fazia de tudo pra ganhar.

O que seus pais falavam pra você sobre os estudos?

Na época eles não gostavam muito que “estudava”, porque eu era muito nova. Eu queria estudar, mas eles não queriam porque ia jovem mais velho que eu. Depois quanto chegou do quinto ao oitavo ano eu já trabalhava fora pra ajudar em casa.

Você tinha que idade?

Eu comecei a trabalhar muito cedo, eu comecei a trabalhar com 13, 14 anos. Daí eu já trabalhava fora. Ou eu trabalhava e ajudava em casa ou eu estudava, então eu optei em ajudar em casa, porque sempre um dinheirinho ajudava na casa. Então eu larguei, não estudei, sempre trabalhei, até casar.

Sempre morando no sítio?

Até os 17 anos eu morei no sítio depois eu fui embora para Porto Alegre para trabalhar na fábrica de calçados.

E no sítio você trabalhava em que?

Eu trabalhava de babá, cuidava de criança. Primeiro eu fui trabalhar pra uma tia nessa cidade que meu pai não deixava estudar. Chamava Maravilha, em Santa Catarina. De lá eu voltei e fui trabalhar para uma professora de babá, fui cuidar do filho dela. E daí com 17 anos eu não tinha idade pra sair, meu pai teve que assinar um papel pra poder viajar, fui pra um município chamado Estância Velha, perto de Porto Alegre trabalhar na fábrica de calçado chamada Cariri.

Com quem você morava lá?

Na época eu era noiva de um rapaz e eu morava junto na casa dos pais dele. Fiquei um tempo lá e voltei para Santa Catarina. Daí conheci meu atual marido, terminei meu noivado, namoramos 6 meses e casamos.

Você casou com que idade?

Eu com 19 ele com 18, ele é mais novo que eu. Namorei quatro anos com o outro noivo.

O outro noivo você conheceu onde?

Conheci na minha cidade. Ele era motorista de ônibus.

E o seu marido, onde você conheceu?

Ele era vizinho do meu pai. Acho que foi amor a primeira vista, porque quando a gente se viu eu estava com o meu noivo. Ele me olhou, eu olhei... ele me ofereceu uma carona e eu falei que eu ia embora (a gente estava na cidade). Meu noivo ficou com o meu pai e eu fui embora com ele e com meus irmãos pra minha casa. Aí a gente começou se conhecer... o namoro com o meu noivo não era por mim era mais porque a minha mãe gostava muito dele, sabe? Eu nunca fui muito apaixonada por ele, tanto que eu tentava terminar e não conseguia. Daí foi uma grande chance porque eu pensei vou casar com ele pra que? E terminei o noivado. Daí depois de um ano e meio de casado nasceu minha filha mais velha.

Depois que você casou, não tentou voltar a estudar?

Não porque eu trabalhava. A gente tinha uma vida financeira boa e de repente a gente perdeu tudo, então eu tinha que trabalhar pra ajudar em casa. Eu sempre tinha vontade de estudar, mas não tinha como sair. Uma que quando a gente veio morar pra cá (Porto Feliz), fomos pro sítio e ficava longe e eu trabalhava até 7 horas da noite.

Como vocês vieram parar em Porto Feliz?

Meu marido veio pra São Paulo trabalhar em churrascaria e conheceu um cliente que ia lá. O cara gostou muito dele, conversou com ele, ofereceu emprego porque ele tinha fazenda aqui em Porto Feliz e estava procurando um administrador de fazenda. Meu marido aceitou e foi buscar a mudança em Santa Catarina e a gente veio pra cá. Eu trabalhava como doméstica do sítio. Moramos nesse sítio 14 anos.

Quando foi isso?

Foi em 92.

O que seu marido fazia na churrascaria?

Ele era passador de carne, que passa a carne no espeto.

E você trabalhava?

Eu trabalhava em casa, tinha as filhas pequenas e morava perto da minha mãe no sítio.

Era de vocês?

Era nossa casa, era o que tinha sobrado, porque a gente perdeu.

O que fez você voltar a estudar agora?

Eu comecei com essa mercearia e tinha dificuldade de fazer troco. Eu me enganava, eu errava, eu dava a mais ou eu dava a menos. Daí eu pensei: ah não! Vou voltar ao menos pra aprender a fazer conta. Daí eu comecei e comecei a gostar e to aí agora.

Hoje você mora onde?

Faz três anos que eu moro na cidade.

Como você veio parar na cidade?

Porque a minha filha estava estudando. Então a gente tinha que vir de lá e tem pedágio tinha que buscar e trazer. Daí a gente tirou a conta com o patrão, ele aceitou numa boa e a gente veio morar aqui na cidade. Ela agora faz a faculdade e mora em Capivari, trabalha no hospital da Unimed, na farmácia e é melhor pra ela, porque se não tem que vir, cansa. O que ela ganha ela guarda. Ela é assim (fecha a mão para dizer que segura dinheiro). Paga o ônibus e o resto ela guarda na poupança. Ela não quer parar por aí, depois ela quer fazer um mestrado, um doutorado, ela quer se especializar, porque ela gosta do que ela faz. A gente ta feliz com ela porque ela escolheu uma profissão que ela gosta. Ela deu até entrevista semana passada no jornal de Rafard. Ela veio com o jornal na mão e falou: “olha mãe”. Falou bonito. Porque ela fala que não pode ter preconceito e tem gente que tem preconceito, com cor, né. Fiquei muito feliz e ela também, mostrou pra mim, mostrou pro pai. Ele tem um orgulho das duas meninas dele, nossa! Ele gosta muito é um pai coruja com as meninas. Até mais que eu.

Quando você sentiu necessidade de voltar a estudar se matriculou logo?

É...

Como você ficou sabendo da escola?

Através de uma amiga da minha filha. Porque os pais dela voltaram a estudar, daí a minha filha ligou: “mãe, a mãe e o pai da R. vão voltar a estudar, você não quer também?” eu disse: “ah, vou”, daí viemos aqui, fizemos matrícula aí eu comecei na primeira e a professora disse: “ah não, aqui você não pode ficar, daí já me passou pra quarta. Eu já tinha feito a quarta, mas não tinha os documentos.

Quando você começou na primeira?

Foi no começo do ano passado.

Como é o seu dia-a-dia, desde a hora que você acorda?

Ah, é corrido. Eu acordo dez para as cinco deixo tudo arrumadinho na minha casa, aí vou para o serviço, começo a trabalhar saio meio dia e meia, chego em casa, faço o que tem que fazer na casa também, deixo comida pronta, aí vou na hidroginástica e de lá vou pra

escola. Faço isso duas vezes por semana: terças e quintas. É assim corre aqui, corre lá, não é fácil.

Você vem a pé pra escola?

Da hidroginástica vou a pé até a mercearia, depois venho pra escola. Nos outros dias é meu genro que traz.

E na hora da saída?

É meu marido que busca.

Você dorme que horas mais ou menos?

Onze e meia... meia noite.

Na sua casa você estuda?

Estudo um pouco. Agora matemática não ta entrando na cabeça. Complicou matemática, não tem jeito. O resto eu vou bem.

Que material você usa para estudar?

As minhas filhas têm bastante livro. Na época em que elas estudavam no "Bambu" (escola estadual do município), ganharam bastante livro. Uma patroa do sítio, que morava em São Paulo conseguiu livro de professor mesmo e deu bastante pra gente.

O sítio que a sua filha mora é o mesmo que vocês moravam?

Não, ela casou e mora em outro. Eu adoro esses livros, eles têm todas as matérias que estão aí. Eu gosto de ler bastante, gosto de ler jornal...

Na sua casa você faz tudo sozinha?

Tudo sozinha.

Alguém ajuda você a estudar?

Eu estudo sozinha. De fim de semana, às vezes, eu peço ajuda para o meu genro. Ele faz faculdade de... Engenharia Ambiental, então ele mexe com cálculo. Ele tem paciência.

Você vai bem na escola?

Eu vou indo bem, tirando matemática eu to bem.

Hoje em dia, o que você mais gosta e menos gosta na escola?

Olha, tirando a bagunça da criançada, não tenho queixa de nada. Gosto de todos os professores (cita alguns). O professor de matemática também. Ele é meio "seção", mas explicar ele explica bem. Não aprende quem não quer. Eu não tenho queixa nenhuma, só que não entra na minha cabeça... As diretoras também gosto de todas, não tenho o que reclamar da escola.

Como você compararia a escola de quando você era criança com a escola de hoje?

Eu acho que se eu tivesse estudado antes, teria aprendido mais, ia ter mais paciência para aprender, mas hoje está mais aberto. Naquela época os professores eram mais severos com a gente, hoje está bem melhor que naquela época, eu acho. Só para aprender que eu acho que aprenderia melhor naquela época. Tem coisas que a gente esquece, atrapalha a cabeça, mas, hoje para estudar está melhor.

Você acha que é importante estudar e por que?

Acho, porque eu erro bastante em português, eu leio bastante, mas eu erro as palavras com "s", com "z", acento e tem uns que caíram fora (rindo), vírgula, essas coisas, então eu acho que é muito bom estudar. Matemática também que eu falei, pra saber mais e pra vida das pessoas também, fica mais... você não é tão ignorante, tem mais jeito pra tratar as pessoas. Eu vejo meu marido que não tem estudo como ele trata as pessoas... mas é o jeito dele. Ele é meio que "seção" assim, sabe? Então quando eu to junto eu só faço um sinal assim pra ele (com a mão, para parar), porque não é assim que a gente trata, aprendi muita coisa depois que eu voltei a estudar aqui. Tem saber lidar com o povo pra não faltar respeito, né?

Seu marido fez até que série?

Até a quinta.

E não quis voltar a estudar?

Não. Ele falou pra mim que é atraso de vida (gargalhada)...

Ele implicou com você?

Não ele deixa estudar, não tem problema nenhum.

O que você acha que poderia ser feito para melhorar o ensino?

Ter mais recurso para a escola, para os professores também. Tem muitas crianças que não podem estudar porque moram longe. Os ônibus muitas vezes não vão até alguns lugares, eu não sei se é o motorista ou a empresa... Tem lugares que quando chove o motorista não passa lá, então acho que o governo precisava mandar mais verba para o estudo ficar melhor.

E para os alunos aprenderem mais ou melhor, o que poderia ser feito?

Olha pelo que eu vejo aqui, os professores fazem o possível pra ensinar, mas tem uns que também não tão nem aí. Só vem na escola pra bagunçar. Nós somos pessoas de idade, estamos no meio de uma criançada, não tem como você aprender; nós não temos aquela paciência com aquelas crianças que levam tudo na brincadeira. Então eu acho que deveria separar por idade, eu acho assim, que é pra aprender um pouco melhor.

Tem mais alguma coisa que você queira comentar?

Não. Só tenho a agradecer a Deus por tudo o que consegui, foi suado mesmo, porque um dia eu tive tudo, depois de uma hora para outra perdi tudo, mas consegui.

Vocês perderam tudo como?

Ah, foram umas burradas na vida, negócio errado e a gente perdeu, tivemos que vender tudo o que tinha pra poder quitar as dívidas, e a gente conseguiu pagar tudo. Foi nessa que meu marido foi parar na churrascaria.

Como ele ficou sabendo da churrascaria?

Tinha um amigo que trabalhava na churrascaria e chamou ele. Era na "Novilho de prata", uma churrascaria famosa. Até meu irmão veio morar comigo também. Ele ficou um ano e voltou para Porto Alegre. Acho que já vai pra 16 anos que eu moro em "Porto" e pra lá (Santa Catarina) eu não volto mais. Gosto muito daqui. As minhas filhas estão bem aqui, então não tem porque sair...

Bom, então muito obrigada.

De nada.

ENTREVISTA Nº 5 – FELICIDADE - 12/05/09

Nome completo e idade?

Felicidade, 24 anos.

Onde você mora?

Bairro Gramado, condomínio Vila d'Água.

É zona rural?

É.

Estado civil?

Solteira, quer dizer, é casada, mas eu falo que é solteira porque a gente mora junto.

Com quem você mora?

Mora eu, meu marido e minha filha.

Qual é a idade da sua filha?

Seis anos.

Você trabalha?

Trabalho na chácara onde eu moro. Eu faço faxina em quatro casas e trabalho de cozinheira no final de semana.

Você trabalha a semana inteira?

De segunda a domingo.

A que horas você cuida da sua casa?

Eu cuido nos intervalos, que é na hora do almoço e a tarde, antes de vir pra escola.

Qual é o seu horário de trabalho, então?

Então, eu pego às seis e meia até dez e meia, daí levo minha filha pra escola, dou uma ajeitada na casa, subo uma hora, volto cinco horas da tarde, pra pegar o “busão” cinco e vinte.

Sua filha estuda onde?

No Bom Retiro.

Em que série sua filha está?

No primeiro ano.

Você sabe algo sobre a escolaridade dos seus pais?

Minha mãe não sabe nem ler, nem escrever, ela não estudou. Meu pai eu não conheço, porque ele largou eu com um ano, separou da minha mãe. Não tenho contato nenhum com ele.

Você tem mais irmãos?

Tenho mais uma irmã e um irmão mais velhos que eu um pouquinho.

Com que idade você entrou na escola?

Eu entrei acho que com seis, no “prezinho”.

Onde você morava?

No Paraná, em Umuarama.

Na cidade ou no sítio?

Na cidade.

O que você lembra da escola?

Era uma escola boa, uma escola como agora. Não vejo muita diferença.

Você gostava de estudar?

Gostava. Eu ia bem. Depois eu abandonei, casei...

Você lembra como chamava a escola?

Eu não lembro.

Você estudou sempre na mesma escola?

Não eu estudei em duas escolas. Foi uma na cidade que eu morava, Umuarama, e estudei em outra cidade que era Andradina. Mas... não lembro o nome das escolas.

O que sua mãe falava para você sobre a escola?

A minha mãe falava que era pra ir, mas o povo antigo fala vai se quiser, se quer ficar, fica, né, então ela era assim: seu eu quisesse ir, eu ia, se eu quisesse casar eu casava, comecei a namorar nova... aquele povo antigo eles eram meio assim, se você quisesse ir, ia. Não é igual hoje que os pais obrigam. Não era assim.

Até que série você estudou nessas escolas?

Estudei até a 4ª.

Com que idade você saiu da escola?

Eu saí eu acho que eu tinha 13 anos.

Você foi reprovada alguma vez nesse período?

Acho que eu fui reprovada umas duas vezes.

Teve algum ano que parou de estudar nessa época?

Parei vários anos. Umas três vezes que eu entrei eu parei no meio do ano. Porque eu morava no Paraná aí a gente veio pra cá por causa do meu irmão. Aí eu comecei a estudar aqui depois voltei embora pra lá... acho que uns dois ou três anos eu perdi na metade do ano.

Por que você se mudava tanto?

Porque minha mãe trabalhava lá e lá não tem muito serviço e meu irmão precisava de mim para ajudar com a minha cunhada, pra cuidar da menininha que ela tinha e aí eu vim ajudar ela a fazer faxina e cuidar.

Nesse período você tinha que idade?

Acho que tinha uns 11 anos, 12...

Seu irmão é quanto tempo mais velho que você?

Meu irmão tem 28. Então ele é... quatro anos mais velho.

Ele casou novo, então?

Casou, tem duas filhas.

E o sua irmã?

É irmã, ela tem 27.

Hoje eles moram onde?

Onde eu moro também. Lá no condomínio de chácaras.

A casa onde vocês moram é de vocês?

Não, é cedida.

Por que você saiu da escola na 4ª série?

Eu saí por que eu vim pra cá morar com o meu irmão. Trabalhar aqui, aí depois eu conheci meu marido, casei. Fui trabalhar e não sobrava muito tempo.

Você casou com que idade?

Com 16.

Quando você casou foi morar no mesmo lugar que mora hoje?

No mesmo lugar.

Nas escolas em que você estudou o que você gostava e o que não gostava?

Ah, não tinha coisa que eu não gostava, eu gostava de tudo. Era bom tudo. Quando a gente é jovem a gente não se preocupa muito se vai estudar, se vai precisar pro futuro, né? Quando a gente é nova eu não pensava assim que ia precisar como eu preciso hoje.

E seus irmãos estudaram?

Estudaram. A minha irmã tirou o colegial e o meu irmão parou na 8ª.

Depois eles pararam?

Minha irmã parou agora ela trabalha numa usina de açúcar no Paraná. Ela ficou lá.

E a sua mãe?

Minha mãe mora aqui também no lugar que eu moro, na chácara.

O que fez você voltar a estudar?

Ah, é porque eu quero arrumar um serviço melhor. Eu quero trabalhar num lugar que eu gosto.

Você ficou quanto tempo sem estudar?

Fiquei uns 8 anos... por aí...

A partir do momento que você decidiu voltar a estudar até você se matricular, demorou quanto tempo?

Demorou... um ano. Desde o ano passado. Porque era pra mim entrar, mas não deu certo e eu não entrei.

Não deu certo por quê?

Por causa do meu serviço que é muito corrido. Agora que eu to acostumando. No começo pra gente acostumar é muito difícil.

Você voltou na 5ª série?

É.

E como foi para você essa volta?

Ah, eu to gostando, apesar de cansar. Cansa... a gente chega em casa meia noite e meia, uma hora. Cansa muito.

Como você soube do Supletivo?

Porque uns amigos meus informou que ia ter pela escola Bom Retiro (bairro da zona rural do município). Lá falaram que aqui ia ter.

Como são seus horários, no seu dia-a-dia?

A gente acorda de manhã seis e meia, eu tomo café, dou uma ajeitada na casa com meu marido, sete horas "nóis" sobe pra cima, ele vai pras chácaras dele, que ele cuida de 12 chácaras também.

O que ele faz?

Ele faz jardinagem. Aí cuida de todas as chácaras. Aí vou pra cima, trabalho um pouco nas casas que tenho que limpar, desço dez e meia, cuido da minha filha, da Y; levo ela no ponto, daí chego em casa faço almoço, dou uma arrumada na casa de novo, quando é uma hora em ponto eu subo de novo pra continuar a faxina, quando é quatro e meia eu volto, aí eu tomo banho "se troco" pra pegar o ônibus de cinco e vinte, daí a gente vem pra escola chega 7 horas, saímos as 11, chegamos uma hora da manhã em casa, e todo dia é a mesma coisa.

Você limpa cada dia uma casa diferente?

Cada dia uma diferente. São quatro que eu limpo na semana e mais o final de semana que eu cozinho.

Quanto tempo tem da sua casa até o ponto de ônibus?

Tem 15 minutos ainda, andando na estrada de chão.

Você tem tempo para estudar na sua casa?

Não, não tenho tempo pra estudar.

Como você faz então?

Estudo a hora que dá no ônibus, ou então em casa rapidinho.

Você estuda sozinha?

É, quando eu tenho tempo eu estudo, mas geralmente não tem tempo. No ônibus às vezes eu venho dormindo, aí não dá muito tempo.

Que material você usa para estudar?

Só apostila.

Hoje em dia como você acha que está indo na escola?

Acho que eu to indo bem.

Você gosta da escola?

Eu gosto, eu só não gosto da vida assim, que cansa muito, muito sono, dá muito sono. Acordar seis e meia e chegar uma hora da manhã. Se não acordar cedo não dá tempo. O único horário que eu tenho pra cuidar da minha casa é quando eles não vêm. Às vezes eu faço faxina e eles não vêm na semana, aí fica tudo limpo, é só ir lá tirar pó e lavar a

varanda. Aí eu tenho tempo de fazer faxina na minha casa. Ou quando adianta eu tiro um dia livre pra limpar minha casa. Mas eu gosto de trabalhar com faxina, eu adoro.

Você organiza seu horário...

Eu faço meu horário, vou lá, e vou fazendo o serviço, acordo cedo, cuido da minha casa, não deixo nem louça na pia, minha casa é hiper limpa. Não deixo bagunça. Vou levando e vai ficando tudo limpinho.

De manhã, enquanto você trabalha com quem sua filha fica?

É assim, eu levo ela no ponto dez e meia, aí ela pega o "busão", vai pra escola, daí na hora de vir ela desce na casa da vó dela, mãe do meu marido, que mora perto da minha casa e eu não vejo ela mais, só no outro dia. Meu marido pega a moto seis e meia da manhã e vai lá buscar ela e ela fica na minha casa. Aí eu tranco a porta, abaixo o "negócio do bujão", tiro o fósforo, que ela pode acender... essas coisas que pode ser perigoso eu não deixo embaixo. Ela fica assistindo DVD até dez e meia que é a hora que eu volto pra fazer o almoço e levar ela pro ponto.

Como você compara a escola que estuda hoje com a escola que estudou quando era criança?

Hoje eles ensinam melhor, só antigamente o lanche era mais gostoso (rindo) do que hoje. Os professores são muito legais. No passado também era. Eu não tenho o que falar dos professores. Quem faz o professor é a gente. Se a gente trata eles bem, eles trata a gente bem.

Para você é importante estudar?

É, pra mim é.

Por quê?

Porque eu quero terminar meus estudos e fazer faculdade ainda.

Do que?

Engenharia.

Que tipo de engenharia?

Ai, não sei ainda, vou ver, mas acho que de artesanato, vou ver... decoração, vou ver o que eu posso fazer.

Qual é o seu objetivo, fazendo eu curso?

Então, eu quero fazer engenharia de móveis, montagem de casa. Porque meu marido mexe com jardinagem, aí ele ia abrir uma firma pra ele, se tudo der certo e eu ia fazer montagem de casa, arquitetura da casa, que é engenharia também.

O que você acha que poderia ser feito para melhorar o ensino?

Eu acho que ta muito bem... os professores.

O que poderia ser feito para os alunos aprenderem mais?

Eu não sei falar direito, pra mim eu acho que ta tudo indo bem. Tem uns alunos que é fogo, mas aí eu não sei explicar o que fazer.

Qual é a renda mensal da sua família?

R\$ 3.000,00.

Vocês pretendem sair de lá?

Ah, sim. Meu marido quer montar uma firma de jardinagem depois que terminar os estudos. Ele quer abrir uma firma e eu quero mexer com arquitetura de casa, que é com engenharia também. Lá tem muita casa, muita chácara com jardim e eu tenho uma patroa que decora casa, que é a parte de engenharia, porque é montagem e eu quero fazer isso. Vamos ver se eu vou conseguir. E ele quer montar uma firma de jardinagem, porque ele mexe com isso há muito tempo, ele gosta.

Há quanto tempo vocês trabalham nesse serviço?

Faz cinco anos que eu to nesse serviço. Mas que a gente mora lá faz 15 anos. Que a gente morava em outro serviço. Cuidava de cavalo. Era haras. Daí a gente passou a cuidar desse serviço. Só que ele gosta de mexer com jardinagem e eu gosto de montar casa. A gente vai tentar pra isso. Eu gosto do meu serviço, mas eu queria poder trabalhar bem vestida, com salto alto, maquiagem. Acho lindo mulher bem vestida. Sabe, que nem aquelas que aparecem na televisão, de empresa. Eu acho lindo...

Mais alguma coisa a acrescentar?

Não.

Então muito obrigada.

Não tem de que!

ENTREVISTA Nº 6 – AMOR – 19/05/09

Nome e idade?

Amor, 29 anos.

Onde você mora?

Eu moro no sítio, no Condomínio Vila d'Água, bairro Gramado.

Estado civil?

Casado.

Com quem você mora?

Com a R., minha esposa e a minha filha.

Você trabalha?

Trabalho.

O que você faz?

Eu sou porteiro e nos meus horários de folga presto serviço de jardinagem.

Todo esse serviço no mesmo condomínio?

Tudo no mesmo condomínio.

Você sabe quantas chácaras tem ao todo lá?

São 34.

Qual é o seu horário de trabalho?

Trabalho das nove as cinco.

Quantos dias na semana.

De segunda a segunda.

Você não tem folga?

Tem na quinta, mas daí eu presto serviço nas chácaras. Das 34 chácaras, 15 eu que cuido.

Você sabe algo sobre a escolaridade dos seus pais?

A minha mãe não estudou, meu pai eu não sei por que não conheço. Quando a minha mãe ficou grávida eles se separaram, daí ele foi pra um lado ela foi pro outro... daí ela casou de novo quando eu tinha dois anos, daí essa é a pessoa que eu tenho como pai hoje em dia porque, mora com ela.

Você sabe se o seu padrasto estudou?

Acho que até a quinta série.

Como foi o início da sua vida escolar?

Era difícil, eu levantava 5 horas da manhã, andava dois km, pra pegar uma perua, pra depois andar mais uma hora, uma hora e meia, até chegar na escola.

Onde você estudava?

No Paraná, em Cornélio Procópio, mas eu não lembro o nome da escola.

Você morava no sítio e a escola também era no sítio?

Era, era uma fazenda cedida para a prefeitura, foi feita a escola lá.

Em que série você entrou lá?

Na primeira série.

Como era a escola? O que você lembra dela?

A escola era boa. Na época em que eu estudava lá eu sempre ia bem. Só que eu morava muito longe, acordava muito cedo, então tinha vezes que desanimava de estudar, daí tinha dia que não ia...

A que horas você voltava da escola?

Chegava lá por base de meio dia, meio dia e meia.

O que você lembra das pessoas da escola, colegas, professores...?

Das professoras eu lembro pouco, lembro de “uns par de amigo”. Tinha um que sempre ia em casa, morava perto de casa...

O que seus pais falavam para você sobre a escola?

Elas davam força pra estudar, porque eles tinham pouco estudo, né? Eles falavam pra se esforçar.

Você gostava de estudar?

Gostava.

Por que você parou de ir à escola?

Então, eu vim de lá com 13 anos, do Paraná.

Até que série você estudou lá?

Acho que até a terceira. Eu vim de lá pra cá pra trabalhar no estado de São Paulo, vim trabalhar numa cerâmica de tijolo. Eu trabalhei quatro anos na cerâmica, daí saí; entrei trabalhar num haras. Nesse haras eu trabalhei dez anos, mexendo com animais, com cavalo de corrida e daí em diante peguei, saí de lá, já faz cinco anos que eu saí de lá e entrei nesse condomínio que eu to agora.

Quando criança, você morou sempre no mesmo sítio?

Não, mudava, daí saía da escola no meio do ano, daí não dava pra voltar mais...

Com que idade você entrou na escola?

Acho que com sete ou oito anos. Como eu morei em vários sítios, parava e voltava, parava e voltava (os estudos).

Todas as vezes que você voltava a estudar era no sítio?

Era e sempre longe.

Por que você voltou a estudar agora?

Ah, porque onde eu trabalho eu mexo muito com letra e com número. Eu trabalho na portaria, né. Então em troco muita letra... troco muito número. Então, não “meus patrão” que cobra isso, eu mesmo me senti precisando conhecer melhor, então resolvi voltar.

Quanto tempo você ficou sem estudar?

Eu estudei aqui. Eu fiz a quarta aqui, daí eu parei, daí eu não consegui vaga mais. Todo ano vinha e não conseguia vaga.

Quando foi isso?

Se eu não me engano foi em 99. Daí os ônibus não buscava mais “nóis” lá. Daí esse ano a gente conseguiu porque uma turminha que queria estudar se juntou, fez abaixo-assinado e colocaram ônibus na nossa linha. O mesmo ônibus que leva as crianças pro Bom Retiro, daí já passa pegar nós perto do Bom Retiro de volta e nós pega outro ônibus pra vir pra cá.

Como está sendo para você esta volta a escola?

Ah, eu to gostando, pretendo continuar, vamos ver se eu consigo acabar... é duro, porque, quem acorda cedo e vai dormir uma hora da manhã todo dia, né. No começo mesmo eu quase desisti. Agora que eu já to me habituando com o horário, né... então... mas no começo não foi fácil não.

Como você soube daqui do supletivo?

Tem uns amigos meus que entrou agora, daí como eu já tinha estudado aqui eu já sabia que tinha supletivo aqui, daí eles falaram: “ah, vamos voltar a estudar”. Daí reuniu a turminha pra fazer o abaixo-assinado e arrumar o ônibus pra levar “nóis”. Daí juntou tudo nós, e eu falei: “vamo entra então”...

Quando você fez a quarta série aqui, você tinha que idade?

Eu tinha 19.

Nessa época você já era casado?

Não, era solteiro. Casei acho que com 23.

Quando você decidiu voltar a estudar demorou em fazer a matrícula?

Já decidi e vim fazer a matrícula. Porque um ano antes eu vim pegar transferência. Eu queria vaga e não consegui. Daí eu peguei a transferência e levei pra outra escola em Sorocaba, lá no Cajuru que a minha amiga falou que tinha vaga. Só que quando eu fui só tinha duas ou três vagas daí a turma já tinha pegado as vagas. Aí eu fiquei... deixei passar o ano passado. Aí esse ano falaram que iam conseguir ônibus para nós, aí eu vim e me matriculei.

E você ia da sua casa até o Cajuru para estudar?

Eu ia. Então, não sei se você conhece a “Farm”? é o condomínio maior que tem. O ônibus que vai pro Cajuru passa ali. Dá uns três km da minha casa até o ponto. Eu tenho moto, daí eu ia de moto até o ponto, mas onde ele passa pra pegar nós é mais perto, dá uns cinco minutinhos a pé.

Como é o seu dia, desde a hora que você acorda até a hora de dormir?

Lá no condomínio eu trabalho de sexta a domingo, faço serviço de portaria, trabalho das 8 as 10 da noite. E o meio de semana de segunda a quarta, segunda a quinta, né, eu faço a parte de jardinagem. Pro condomínio que é a firma e pros proprietário que tem as chácaras.

Então você não é porteiro todos os dias?

Não, só de fim de semana, é assim, quem toma conta sou eu, eu sou o responsável geral por tudo o que acontece. Lá no condomínio tem o síndico, depois do síndico eu sou o responsável. E nessa parte de jardinagem, no condomínio eu tenho um ajudante, que trabalha pra firma e nas chácaras eu tenho uma pessoa que trabalha pra mim. Esse ano que vem agora eu to querendo montar uma “firminha”. Até por isso que eu voltei a estudar agora, pra ter mais conhecimento das coisas. Então meu plano futuramente é parar de trabalhar de porteiro eu quero montar uma firminha de jardinagem que é o que eu gosto de fazer.

A que horas você acorda?

Seis horas da manhã.

E aí, o que você faz?

Eu levanto, faço café, tomo café e “subo pra cima” já pra trabalhar.

Você faz as refeições na sua casa?

Faço porque eu moro no condomínio, né. Eu trabalho e moro na portaria. A casa é cedida.

Até que horas você trabalha?

O meu horário no condomínio é das 9 as 5. Só que eu paro quatro e meia daí eu tomo banho e janto pra ir pra escola.

Que horas você pegar o ônibus pra vir para a escola?

Cinco e vinte.

Chega na escola que horas?

Sete horas, dez pras sete. Sai as 11, chega meia noite, meia noite e meia em casa.

Como estão suas notas na escola?

Ah, mais ou menos... Agora nesse primeiro bimestre eu não to muito... como se diz assim... porque eu perdi muito tempo, muita coisa nova. No meu tempo quando eu estudei, muita coisa que ta tendo agora eu não aprendi. Então pra aprender tudo novo, pra mim ta meio difícil em muitas partes.

Você tem tempo para estudar em sua casa?

Muito pouco, é mais no fim de semana, né, que dá pra estudar um pouco, porque eu fico na portaria, daí como é um condomínio de chácaras então a maioria vem na sexta-feira a noite eles já tão tudo lá, então vem mais visita. Tem dia que se fica lá passa um, dois carros só, né, porque é uma entrada só, então entra e sai, entra e sai. Então não passa outro carro de fora, e dá nesse tempo.

Então você estuda sozinho?

É, porque eu fico sozinho na portaria.

Que material você usa para estudar?

Eu gosto de ler livro.

Tem livros na sua casa?

Tem. Eu até to lendo agora é... como que é o nome... é... "É assim que se fala bem", "Como se fala bem"

Você sabe quem é o autor do livro.

Ah, eu não sei.

Onde você conseguiu esse livro?

Uma proprietária lá que ela faz advocacia, ela deu pra mim ler.

Hoje em dia, o que você mais gosta e o que menos gosta na escola?

Tem umas matérias assim que eu não gosto muito: matemática e o inglês. O resto eu gosto. Gosto bastante. Gosto da escola, é sossegada.

O trajeto no ônibus é tranquilo?

A gente pega dois ônibus. Pega o das crianças até o Bom Retiro depois pega outro até aqui. Até chegar no Bom Retiro é sossegado. Agora do Bom Retiro pra cá é complicado, por causa que tem uma turminha que é muito bagunceiro, até agora no segundo bimestre acho que vamos pegar passe pra vir com o ônibus da linha. Tem uns menino lá que não dá pra aguentar eles.

E como vocês vão pegar o passe?

Tem a carteirinha, pega na prefeitura e eles dão o passe pra gente.

Tem problema com o ônibus quando chove?

Tem, sexta-feira feira mesmo eles não quiseram trazer "nóis". Já deixaram avisado que se tive chovendo não é nem pra vir.

Não dá para passar quando chove?

Dá, dá. Eles que não querem ir na estrada de terra a noite, o motorista. Não dá pra entra nos caminhos assim pequeno (mostra com a mão, mais estreitos), mas na principal dá e nem na principal ele quer rodar.

Se você pudesse comparar a escola em que você estudou com a escola hoje, o que você diria?

Não sei, não dá pra comparar muito porque lá era uma época diferente, pra aprender a gente era mais novo. Agora ficou mais complicado, a gente trabalha, é mais complicado.

Você acha que é importante estudar?

Eu acho, porque abre muitas portas pra gente, se tiver força de vontade e ir pra frente, porque o estudo é tudo. Se não tem estudo, não tem nada. Até esses dias atrás eu fiz um currículo pra uma firma em Sorocaba, ela me chamou, daí eu fui lá fazer a entrevista tudo, porque eu não tenho a oitava série eu perdi um cargo pra ganhar R\$ 1.600,00. Era só pra ficar na portaria. É o que eu ganho trabalhando em todo o serviço que eu faço. Eu sou registrado como porteiro de edifício, tenho um cargo bom na carteira, mas o gerente falou assim: “você tem um cargo bom, só que como você tem escolaridade pouca, né, então, pra você já não dá certo. Em muitas firmas tem que mexer com computador, né, então... tem que correr atrás.

Você sabe mexer com computador?

Eu comprei, eu tenho um computador, já faço bastante coisa já. Só não tem internet porque não chega linha lá. Até minha irmã veio de São Paulo ela ta morando na casa da minha mãe, trouxe o computador dela. Só que lá é muito baixo e não pega o... computador. Então... mas eu já faço bastante redação, faço tudo no computador.

O que você acha que poderia ser feito para melhorar o ensino?

Não sei dizer assim, pelo que eu to vendo, agora que eu voltei a estudar, pra mim ta bom, não ta ruim. Eu acho que eu to meio assim atrasado porque eu demorei muito pra voltar a estudar e eu estudei pouco, estudei pouco numa época, voltei, aí parei de novo, fiquei mais uns dez anos sem estudar de novo, então fiquei muito afastado.

Qual é a sua renda média?

Varia porque como eu presto serviço pra várias chácaras então cada mês é uma quantidade, mas assim se eu falar o bruto é R\$ 2.000,00. Daí eu pago um funcionário que trabalha pra mim, que ajuda eu, aí vai na faixa, livre, uns R\$ 1.400,00.

Isso a portaria com a jardinagem?

Isso, os dois.

Você quer comentar mais alguma coisa?

Não.

Então, muito obrigada!

Eu que agradeço a oportunidade.

ENTREVISTA Nº 7 – MÃE – 30/06

(esta aluna é deficiente auditiva, então a entrevista foi realizada por escrito)

Nome e idade?

Mãe, 17 anos.

Estado civil?

Solteira.

Onde você mora?

Fazenda Capoava (bairro rural do município de Porto Feliz).

Qual a distância da escola até sua casa, mais ou menos?

Mais ou menos 24 km.

Com quem você mora?

Meu pai, minha mãe e meus irmãos. Um irmão foi morar em Tatuí com a tia, para trabalhar em uma empresa.

Qual é a idade dos seus irmãos?

15 e 18.

Você trabalha?

Não.

Quem trabalha na sua casa?

Meu pai trabalha com trator, minha mãe cortando cana.

Eles trabalham em plantação no sítio onde vocês moram?

Não, no sítio tem "salada" (horta).

Seus pais estudaram ou estudam?

(não soube responder, mas é de meu conhecimento que o pai já começou a 5ª série no Ensino Supletivo diversas vezes, mas sempre abandonando na metade).

Com quantos anos você entrou na escola?

Seis anos.

Qual escola?

APAE.

Você gostava de estudar?

Sim (mas fez sinal de que não gostava da escola).

O que você aprendia?

Matemática.

Do que você gostava na escola?

Da professora R. e dos colegas J., E. e J..

Até que série e idade você estudou na APAE?

Primeira a quarta, até 15 anos.

Você gosta de estudar aqui?

Acho muito bom.

Como você vem para a escola e a que horas?

De ônibus, às 18h10min.

Que horas você acorda, almoça e janta?

Acordo as 09h30min; almoço 11h30min ou 12h; janto 18h.

Que horas você chega na escola?

18h35min.

Que horas você chega na sua casa?

23h30min.

Você estuda na sua casa?

Sim.

Como você estuda e que material usa?

Tudo na apostila.

Você tira boas notas?

Mais ou menos.

O que você mais gosta na escola?

Tudo.

Você acha que a escola é importante?

Sim.

Você gostaria de trabalhar? Onde?

Sim. Empresa.

Fazendo o que?

(não soube responder).

Agradei e a entrevista encerrou-se. Ela foi convidada porque mostrou interesse quanto viu outros alunos conversando comigo, com o termo de consentimento na mão, quis saber o que era eu expliquei e ela quis participar. Há um intérprete de LIBRAS na escola, mas ele não está presente todos os dias e eu aproveitei um dia em que eles estavam sem aula, por isso ele não pode ajudar.

ENTREVISTA Nº 8 – JUVENTUDE – 23/06

Seu nome e sua idade?

Juventude, 17 anos.

Onde você mora?

No Bambu (bairro da periferia da cidade).

Estado civil...

Solteiro.

Com quem você mora?

Meu pai e meu irmão.

Qual é a idade deles?

Meu pai tem 51 e meu irmão tem 25.

O que aconteceu com a sua mãe?

Minha mãe morreu.

Faz tempo?

Dois anos.

De que ela morreu?

Derrame.

Você trabalha?

Trabalho.

O que você faz?

Eu ajudo meu pai de eletricitista. Sou ajudante.

Qual é o seu horário de trabalho?

Trabalho das oito até as quatro.

É por conta própria?

É.

Tem local fixo de trabalho?

Tem umas casas que é mais fixo. Numa fazenda e num haras é mais fixo.

Mas fazem serviço por fora também?

Faz.

Vocês são registrados?

Não, mas tem firma aberta.

Você tem registro?

Não.

Seus pais estudaram?

Meu pai... acho que sim... acho que fez até a quinta e minha mãe até a quarta.

E o seu irmão?

Meu irmão até o terceiro colegial.

Ele parou por aí?

Parou, só fez uns cursos, faculdade ele não fez nada.

Seu irmão trabalha com vocês também?

Trabalha.

Quem faz o serviço de casa, a comida?

Tem uma moça lá, uma empregada. Ela faz comida, limpa a casa...

Com que idade você entrou na escola?

Com sete.

Em que série?

Na primeira... antes eu fiz só o pré.

Com que idade você entrou no pré?

Com seis.

Em que escola você estudou?

No pré do Bambu. Eu sempre morei lá.

Até que série você estudou no Bambu?

Até a quarta.

Por que você parou de estudar?

Eu fugia da escola.

Por quê?

Eu não gostava.

De que você não gostava na escola?

De tudo. Meu pai não conseguia fazer eu ficar lá.

O que você lembra-se dessa época na escola?

Eu lembro dos professores..., sua mãe chegou dar aula pra mim... eu não gostava da professora da segunda série, era muito chata, de alguns colegas...

Até que idade você estudou nesse período?

Até dez anos.

Como era seu aproveitamento na escola, suas notas?

Minhas notas eu acho que era ruim.

Mas tinha um por quê?

Ah, não tinha... era porque eu não gostava de estudar mesmo.

Você era um aluno bagunceiro?

Era, agora não sou mais.

O que seus pais falavam para você sobre a escola?

Falavam que eu tinha que ir. Não tinha jeito. Minha mãe chegou a levar eu na conselheira (Conselho Tutelar), que falou pra levar na psicóloga, ela tentou mas também não conseguiu (fazer voltar para a escola).

Por que você voltou a estudar agora?

Ah, porque precisa né? Pra trabalhar.

Você voltou só esse ano?

É.

Como está sendo para você esta volta?

Bom.

Você ficou sete anos fora da escola. O que você fez durante esse tempo?

Ficava em casa. Comecei umas duas vezes, mas depois parava.

Com que idade você começou a trabalhar?

Quinze.

Como você soube do supletivo?

Um amigo meu que tava estudando no Bambu, queria vir pra cá e falou pra mim, porque ele repetiu.

Quando você ficou sabendo do supletivo veio fazer logo a matrícula?

Eu vim deixei meu nome na lista de espera aí depois eu consegui a vaga e voltei.

Conta como é o seu dia-a-dia, seus horários...

Eu acordo umas sete e meia, tomo café, almoço, na maioria das vezes meu pai leva em cada pra almoçar. Saio às quatro.

Como você vem para a escola?

Venho de circular.

Qual o horário do ônibus?

Eu pego as seis. Eu moro perto do ponto.

Que horas você chega à escola?

Chego umas quinze pra sete.

E na hora da saída, como você vai embora e a que horas você chega na sua casa?

Eu vou embora de circular e chego em casa umas onze e meia.

Você paga pelo ônibus?

Não, é ônibus de estudante, eu pego passe, que a prefeitura dá.

Na sua casa você tem tempo de estudar?

Às vezes tenho.

Que horário você estuda?

Depende do dia, porque tem dia que eu não vou trabalhar. Tem lugar que eu não posso, porque sou "de menor" e a firma não deixa. Lá no condomínio da Castelo (Castelo Branco, rodovia). Quando meu pai tem serviço lá eu fico em casa.

O que você fica fazendo na sua casa?

Fico estudando, no computador...

Você tem internet na sua casa?

Tenho.

Você sabe mexer bem?

Sei.

O que você gosta de fazer no computador?

Orkut.

E estudar, fazer pesquisa?

Também, no googleearth.

Na sua casa, além do computador, o que mais você usa para estudar?

Uso cadernos. Livro eu tenho bastante, mas uso pouco fica mais dentro do guarda-roupa.

Você estuda sozinho?

Meu irmão sempre me ajuda.

O que você mais gosta e o que você não gosta na escola hoje?

Eu gosto dos professores e o que eu não gosto... pão com salsicha (risos). Ah, eu gosto de estudar Ciências, mas não gosto muito de Matemática.

Como estão suas notas hoje?

Não tenho nenhuma vermelha não. Eu não gosto de Matemática, mas eu tiro 7, 8...

Você acha que é importante estudar?

Eu acho que é.

Por quê?

Pra eu ter uma vida melhor, um serviço melhor.

O que você pensa em fazer no futuro?

Em penso em continuar sendo eletricitista mesmo.

Você em continuar estudando?

Penso, se eu tiver oportunidade, de engenheiro eletricitista.

Se você pudesse comparar a escola de quando você era pequeno com a escola hoje, o que você vê de diferente?

Acho que agora os professores são mais pacientes, e está mais fácil de aprender do que quando eu era criança.

Em que você acha que o ensino poderia melhorar?

Não sei não.

E para os alunos aprenderem melhor, o que poderia ser feito?

Colocar sempre duas aulas seguidas em vez de uma só. E três aulas antes do recreio, em vez de duas (eles têm duas aulas antes do intervalo e três depois).

Qual é a renda média da sua família?

Meu pai acho que uns R\$ 2.500,00, R\$ 2.000,00. Meu irmão acho que uns R\$ 800,00. E eu uns R\$ 500,00, quando eu vou trabalhar.

A casa em que vocês moram é própria.

É.

Você quer fazer algum comentário?

Acho que não.

Muito obrigado!

Por nada.

ENTREVISTA Nº 9 – VIOLETA – 01/07

Seu nome e sua idade?

Violeta, 42 anos.

Onde você mora?

No Jardim Vante Angelieri (bairro afastado da cidade).

A sua casa é própria?

É própria.

Com quem você mora?

Mora eu, minha filha E. de 22 anos, meu filho E. de 8 anos, minha filha E. e minha neta G. de 4 anos.

Estado civil?

Separada, divorciada.

Você trabalha?

Trabalho. Sou doméstica lá na Vila Alcalá.

Em uma casa só?

Em uma casa só, todos os dias.

Além de você, quem mais trabalha na sua casa?

Tem minha filha, só agora ela ta desempregada.

Qual é a renda média de vocês?

R\$ 500,00.

E dá para se virar?

É... com jogo de cintura dá-se um jeito.

Você sabe alguma coisa sobre a escolaridade dos seus pais?

Meu pai eu me lembro que ele fez MOBRAL, o antigo MOBRAL, mas só o primeiro ano, só pra aprender a escrever o nome, minha mãe também, a mesma coisa.

Com que idade você entrou na escola?

Entrei com sete anos, na primeira série direto.

Onde você estudava?

Era uma escolinha que a gente chamava escolinha mesmo, na vila América (bairro da periferia da cidade), daí eu fui no Monsenhor (escola no centro da cidade), fazer a quinta série, com dez anos eu saí e fui trabalhar. Então eu passei pra quinta e não fui mais, porque minha mãe tinha falecido.

Com quem você morava?

Com meu pai e sete irmãos.

Que número você é na família?

Eu sou a penúltima.

Você ia bem na escola?

la.

Que lembranças você tem da escola dessa época?

Eu lembro da minha professora de Artes que era uma mulher muito bonita, dona "Lelé" que era professora de Matemática, tem várias professoras que eu lembro... do recreio, do cheiro do leite, que eu amava tomar leite na escola... lembro das colegas M., T., I.. Uma menina que chamava L. que pegava no meu pé, por que ela não gostava de negro, né. Ela ficava me perseguindo na escola, queria me bater por nada. Eu não podia abrir a boca... Porque eu sou falante, né, então ela queria me bater por nada.

Você chegou a brigar alguma vez?

Ah não, só cheguei a empurrar no muro porque ela subiu no muro e ia bater na minha cabeça, eu peguei a perna dela e ela caiu do outro lado. Eu fiquei suspensa uma semana (rindo). Mas não sou de briga.

Nessa época você repetiu algum ano?

Não, não repeti nenhum ano.

Você foi trabalhar em que?

Fui trabalhar com pedra, selecionar pedras ornamentais pra colocar na parede.

Era um serviço pesado?

Era pesado.

Até que idade você trabalhou com isso?

Até os 12 anos. Depois eu fui cortar cana. Eu cortei cana dos 12 até os 14... não, até os 16 anos. Depois eu entrei trabalhar numa firma, lá na Porto Feliz S/A, fazendo caixa de papelão, lá eu era auxiliar de produção.

Nessa época você não pensava em voltar a estudar?

Pensei, mas devido a situação financeira, né... meu pai com oito filhos... todos os filhos pararam, só uma que continuou, a mais nova, foi até a oitava e faz dois anos que terminou o colegial. Mas os demais nenhum foi pra frente devido ao trabalho.

Você morava perto da escola?

Não morava longe não, era de uma vila pra outra, eu ia a pé.

Por que você voltou a estudar agora?

Voltei a estudar pra mim poder assim... não pra aumentar minha cultura, mas assim, pra mim aprender a ajudar meus filhos. Porque eu tenho dois filhos pequenos ainda, né. Pra poder ajudá-los também, porque a educação em si ela é boa, a educação escolar é boa, mas eu acho que a educação depende de nós mães e pais, né, porque a escola não é pra educar nosso filho, é pra ensinar. Educação vem da nossa casa. Eu vou ter um reforço pra eles. Sabe como estão os jovens hoje em dia, não querem nada com nada, né, então acho que a mãe e o pai que volta estudar hoje fortalece o filho a estudar.

E o seu ex-marido?

Nós ficamos casados 20 anos. Eu casei com 18 anos. Separamos agora faz dois anos. E faz seis meses que ele não vem visitar as crianças.

Onde ele mora?

Em Itu.

Ele paga pensão?

Paga, mas é aquela coisa... R\$ 170,00 no total. Era para ele pagar R\$ 350,00, mas como ele alegou estado de pobreza, coisa e tal, aí ele queria pagar R\$ 90,00. Aí eu falei que não, tinha que ser no mínimo R\$ 250,00. Aí eu falei "vou arredondar pra 200", mas ele nunca dá 200, é 170, 190.

E você não reclama dessa situação?

No caso, não, devido a situação em que ele se encontra. Ele tá pior que a mim. Porque, tipo assim: eu não to péssima e ele ta péssimo. Porque tem que pagar pensão pra mim e pra outra filha que tinha fora do casamento. E a mulher dele teve outro filho, então fica difícil.

Ele teve filho fora do casamento enquanto estava com você?

Teve, teve dois filhos. Daí nós separamos. Daí ele amigou e essa outra mulher que teve mais um filho dele, entendeu? Quem leva mais pensão sou eu, porque a outra menina R\$ 50,00 ele paga de pensão.

E agora você está sozinha?

Olha eu acho que não consigo viver com ninguém mais. Eu vejo muitas que tem marido, mas são infeliz. Eu acho que o casamento tem que ter uma cumplicidade. A gente vivia numa harmonia. A única coisa que a gente brigava era porque ele vendia droga e eu não aceitava. Ele era traficante

Era usuário também?

Era usuário, só que não usava química, só usava maconha, incrível, né, um traficante não usar química! Ele falava que química deixava sem vergonha. Então ele não usava química, usava só maconha. E vendia... daí nós brigamos porque ele guardava droga dentro de casa e eu não aceitava. E nossa briga foi essa.

Por quanto tempo ele fez isso?

Vinte anos. Nós ficamos debaixo do mesmo teto desses vinte anos, só nove anos. Os demais ele ficou só preso. Ele foi preso quatro vezes. Dessa última vez em que ele ficou preso ficou quatro anos e meio. Foi quando eu engravidei da D., a menorzinha, lá dentro da cadeia. Ela vai fazer seis anos agora em agosto.

E como você se virou enquanto ele esteve preso?

Eu sempre trabalhei. Eu nunca dependi da venda da droga que ele vendia, entendeu. Os outros traficantes falavam: “nossa você trafica e sua mulher precisa trabalhar”. Por ele eu não trabalharia, ele me sustentaria, entendeu? Mas eu não aceitei pra mim não ficar devendo nada pra ele. Tanto que a gente se separou e eu não devo nada pra ele. E ele me deve respeito. A gente tem que pensar lá na frente, porque tem mulher que gosta de ouro, mulher de traficante que gosta de andar bem arrumada, roupa de marca. Eu nunca liguei pra roupa de marca, mas sempre gostei de andar bem arrumada, mas é com dinheiro do meu suor. Foi o que meu pai passou pra nós. E eu não sirvo pra ser mulher de bandido. Tem mulher que tem fascínio por bandido, mas isso não é minha cara. Quando eu ia visitar ele na cadeia eu morria de ódio, pela revista, que era indecente a revista, era humilhante. Eu não gostava, eu não gostava das mulheres dos presos, não conversava com nenhuma delas, só com umas senhoras mais velhas, que eram mãe de uns detentos. Não gosto de bandido, não gosto que fale gíria comigo, detesto, eu não suporto, então a gente não combinava por causa disso, porque ele era desse jeito. Ele não era muito de falar gíria, mas ele era o tipo de pessoa que gostava de trazer bandido pra dentro de casa. Então eu chegava do trabalho e tinha cinco, seis, dentro de casa, com arma em cima da mesa. Então essas coisas faziam mal, devido a educação que meu pai nos deu. A gente tinha dia que não tinha nem o que comer dentro de casa, mas a educação que meu pai me dava... Era um homem muito íntegro, sabe, era um senhor que falava baixo, não era igual a mim que falo alto, o sim dele era sim e o não era não. E a minha mãe também.

Seu pai faleceu?

Faleceu faz dez meses.

Ele ficava preocupado com você?

Ficava e de fato eu fiquei morando com ele uns quatro anos. Fechei minha casa, porque lá no jardim Vante era muito perigoso na época. A E. estudava então ela ia ficar sozinha. Meu pai falou pra ficar com ele e quando pudesse a gente volta. Fechei minha casa, aluguei, daí detonaram minha casa, peguei tirei o inquilino, ficou devendo ainda, daí eu peguei dei uma arrumadinha e entrei novamente. Só falta trocar piso agora na casa, mas era uma casa boa.

Seu pai morava onde?

Na vila América.

Você voltou a estudar depois de quanto tempo?

Trinta e dois anos.

Como está sendo para você esta volta?

Ótimo, maravilhoso, uma terapia, eu to amando de verdade. Eu acho que eu to melhorando, porque eu era rude. Porque a situação que a gente passa devido ao casamento, quando há uma separação... dói, separação dói. Então você fica entristecido, parece que alguma coisa morre dentro de você. Tem mulher que não sabe trabalhar, só olha os filhos em vez de colocar aquele amor que tinha pelo esposo, passar pros filhos, não, ele passa a odiar o esposo e a colocar os filhos contra o pai e eu já não sou assim. Eu observei muito, vi muitas mulheres. Minha irmã mesmo não consegue nem ficar perto do ex-marido dela, agora eu não. O amor que eu tinha por ele eu passei para os meus filhos. Então eu sou tipo uma mãe coruja, sabe. Brinco, chamo a atenção, se for pra dar uns tapas, dou uns tapinhas. Então eu to amando eles dez vezes mais do que uma mãe normal ama uma criança. Eu acho assim. E to amando voltar a estudar porque eu falo pros meus filhos “a mãe tirou dez na prova” e eles falam “o louco mãe, eu tirei sete” (rindo), fica aquela disputa. Nossa, eu to amando.

Como você soube do supletivo?

Através da minha cunhada. Da minha irmã S. primeiro, né. Só que daí a D. estava com três aninhos. Aí eu decidi que quando ela tivesse cinco anos eu voltava a estudar. Daí ela fez cinco anos e eu voltei.

Do momento que você decidiu voltar a estudar até a sua matrícula demorou muito tempo?

Eu já tinha mais ou menos em mente, mas a filha era pequenininha e a outra filha veio a engravidar, então veio tudo em cima de mim...

Sua filha é casada?

Não ela é solteira. Agora ela tá noiva. Então... veio tudo em cima de mim, era uma pessoa só pra levar a família. Daí eu peguei e falei “não, quando minha filha tiver cinco anos, eu vou estudar. Pra me ajudar logicamente, e ajudar meus filhos também.

O que você faz no seu dia-a-dia, como são seus horários?

Eu acordo as cinco e quinze da manhã, troco de roupa, troco meus filhos, dou café pra eles, pego o ônibus de seis e dez. Daí deixo eles na escola, lá na Aurora (escola da vila América, outro bairro da cidade), daí vou trabalhar. Chego no serviço, lavo... não, lavar eu não lavo mais, eu limpo e passo roupa. Porque a casa é enorme, sabe. Cuido dos pássaros da minha patroa, entendeu? Pego o circular das cinco, volto pra casa, chego dez pras seis, chego em casa, tomo banho e venho pra escola. Pego o circular de seis e meia. Saio da escola as onze, chego em casa, tomo um copo de leite e durmo.

Você faz as refeições na casa da patroa?

Faço tudo lá. A janta é minha filha quem faz. Eu deixo feijão cozido, coloco nuns potinhos pra semana toda. Então não tem trabalho de ela ficar cozinhando feijão. Então ela só faz o arroz, uma salada pras crianças e uma mistura...

Como está seu rendimento na escola?

Eu acho que tô indo bem. Eu fiquei com média em todas, acho. Devido aos anos em que eu fiquei sem estudar, eu acho que na média é boa. Tem bastante coisa que tá vindo a tona agora, que eu vi fazia tempo, então agora tá vindo a tona. É mais fácil a aprendizagem agora do que antes. Eu acho que agora tô aprendendo mais. Porque antes tinha muito racismo. Era “o Pelé”, “o neguinha não sei que lá”, queira ou não queira... mexe, pra criança mexe no psicológico. Eu naquela época eu jogava basquete, eu era pivô. Então eu era rápida, eu era pivô no basquete, eu era capitã no... não lembro, no vôlei... é vôlei... em coisa de esporte eu era boa, porque eu era bem magra e tinha agilidade, sabe? Então as pessoas ficavam... tinham um certo ciúme. Ah eu era capitã não no voleibol, era no handebol. Eu era ótima no handebol, ninguém me pegava. Então tinha um certo ciúme por parte das alunas, entendeu? Negra na minha classe, só tinha eu e mais uma outra na época. Não tinha mais negro na escola. Aí o pessoal começou a ver que eu não era só negra. Uma vez teve um concurso de redação na escola que foi pego toda a região. O meu foi escolhido, ganhei diploma de melhor redação de Porto Feliz. Então isso aí gerava um certo ciúme por parte dos outros alunos. E eu sou falante, é a minha natureza. Tem gente que acha que eu sou metida, não, isso aqui é o natural, é verdadeiro. Eu sempre gostei de conversar, de rir. Meu pai que falava que eu vivia rindo. Isso é de mim mesmo. Não é coisa copiada. É única.

Você tem horário para estudar fora da escola?

Estudo de sábado e de domingo, depois que eu almoço.

Que material você utiliza para estudar?

Uso a apostila, uso alguns livros que tava lá que a minha irmã tinha pego e também uma amiga nossa que fez faculdade, tem bastante livro também e emprestou pra mim uns muito bons. Eles estão me incentivando também.

Como você compara a escola de hoje com a escola em que você estudou quando era criança?

Não foi o ensino que mudou, foram os adolescentes que mudaram, porque hoje não há educação por parte dos alunos. Porque o professor ele tá ali para ensinar. Se você quiser aprender, você vai aprender. Agora não, os alunos, os adolescentes não querem nada com nada e não tem regras hoje em dia. Se você falar não pro adolescente é a mesma coisa que falar nada. Só que se você for um pouco mais dura com o adolescente ele vai te bater, antes não tinha isso. Antes o professor falava não, era não. Se você insistisse você saía da classe, era levado direto na diretoria e lá era suspenso e hoje em dia, se você fala com o aluno ele faz o que pra você? Então olha a educação o que aconteceu? Eu acho que não é a educação que piorou e sim as pessoas. Porque acham que a escola tem a obrigação de educar. Não tem a obrigação de educar. Tem a obrigação de ensinar... o a, e, i, o, u e daí em diante. É só você ter força de vontade, se você não tiver, você só fica no a, e, i, o, u, não é verdade? Então não são os professores, são as pessoas, as famílias que se degradaram. Hoje os pais não se sentam mais na mesa pra tomar café com os filhos, não almoçam mais junto, não jantam mais junto. A mãe não sabe onde o filho de nove anos está. Hoje em dia as meninas se voltaram tanto pro corpo que hoje menina com dez anos já tá fazendo o pé. Antes a menina com dezessete não fazia ainda quase, não é verdade? Então não foi a educação, foi o homem que está ficando muito vagabundo assim... de cultura de tudo. Começa desde mãe, pai... não começa na escola, começa dentro da casa. Porque muitas vezes, como no caso de uma separação. Eu separei mas eu me ponho no lugar de uma mulher separada, mas eu tenho meus filhos eu não posso passar minha dor para os meus filhos. E hoje em dia as pessoas se separam e não tão nem aí. Quem sofre mais? É os filhos. E se você for falar com os meus filhos, você não fala que eles não tem pai, porque são crianças alegres, são crianças meigas. Porque eu saio com eles, eu converso com eles. Eu falo pra eles "a mamãe amou seu pai", independentemente da nossa separação. Porque pra mim eu acho que é mais fácil você lutar com amor do que com ódio. A raiva envenena o coração da gente. Então eu não sou mulher venenosa, pelo contrário, eu acho. Eu sou uma mulher assim... que sempre tem coisa boa pra passar. Se você não tiver então eu fico na minha. Se eu puder ajudar os outros eu ajudo, se não puder também... eu fico quietinha no meu canto. Como de fato, nós separamos, eu não atravessei o caminho dele, ele não atravessou o meu, também não liguei pra ele, nada. Eu acho que quando acabou, acabou...

Pra você é importante estudar?

É... muito, porque você aprende a falar melhor, você aprende a entender as coisas melhor, você aprende... tudo, sobre tudo, ter cultura, aprende a ouvir, porque hoje as pessoas não ouvem mais; só querem falar, falar, falar e não querem ouvir mais. Então aprende tudo.

O que você acha que poderia ser feito para melhorar o ensino?

Sinceridade... (rindo), colocar os pais de volta na escola pra que eles possam aprender primeiramente pra poder passar pros filhos; porque o ensino em si é bom, não é um ensino ruim, os pais é que são ruins. Pelo contrário, os pais deveriam ir para a escola pra poder passar pros filhos respeito pra depois a escola dar caminho aos alunos.

Para os alunos aprenderem melhor, você acha que está faltando alguma coisa?

Força de vontade, porque hoje eles acham que por serem jovens, as firmas hoje em dia pega qualquer um. Hoje em dia há trabalho, só que não há qualificação de mão de obra. Agora que adianta ser jovem e ser burro? Não adianta nada. Ser jovem e não saber ler, saber escrever, não saber nada, não adianta nada...

Você quer fazer mais algum comentário?

Não.

Então muito obrigada!

Por nada.

ENTREVISTA Nº 10 – SAMAMBAIA – 01/07

Seu nome e idade...

É inteiro o nome?

Pode ser só o primeiro.

Então é Samambaia, eu to com 40 anos.

Estado civil?

Casada.

Onde você mora?

Eu moro no limite de município entre Porto Feliz e Sorocaba, lá é o bairro Indaiatuba.

Como é o nome do sítio?

O sítio chama fazenda Indiana, eu trabalho lá na fazenda Indiana.

Com quem você mora?

Eu moro com meu esposo e com a minha filha. Eu tenho duas filhas, uma ta fazendo faculdade, então fica a outra comigo.

Essa que faz faculdade faz que curso?

Faz faculdade de Agronomia, lá em Registro.

Ela tem quantos anos?

Ela tem vinte anos. E a outra tem quinze.

A mais nova também estuda?

Estuda, ela ta no primeiro colegial.

Onde ela estuda?

No colégio Dom Aguirre, lá em Sorocaba.

Em que você trabalha na fazenda?

Eu sou encarregada de uma granja de suínos. Eu sou encarregada de uma maternidade.

E o seu marido também trabalha lá?

Ele é gerente dessa granja. Ele é geral e eu faço parte da maternidade.

A casa em que vocês moram é de vocês?

Não, é da fazenda. Eu tenho um apartamento lá em Mogi Mirim, a gente tem um pessoal que aluga lá, mas aqui eu não tenho aqui a casa é da fazenda mesmo.

Qual é a renda média de vocês?

Chega em torno de R\$ 4.000,00 por mês. A minha é menos um pouquinho, mas a dele já é melhorzinha.

Essa renda é de vocês dois juntos?

Os dois juntos.

Você paga os estudos das suas filhas?

O colégio eu pago, a faculdade não, mas a gente paga aluguel pra ela, né, o que ela come, o que ela veste.

Em qual faculdade ela estuda?

É... não é federal que fala, acho que é estadual, esqueci o nome. É muito grande a faculdade lá. É universidade mesmo, nossa, é enorme e muito gostoso o lugar.

Ela está em que ano?

Ela tá no primeiro.

O que você sabe da escolaridade dos seus pais?

Eles não tiveram a oportunidade, conforme eu também não tive. Porque o meu pai quando eu tinha cinco anos, ele faleceu, minha mãe ficou com oito filhos, quando ele foi embora a mais novinha tinha oito meses, mamava no peito ainda.

Que número você é de filho?

Eu era a número cinco. Na verdade era cinco mulher e hoje é cinco mulher e cinco homem, porque minha mãe casou novamente e teve dois filhos. Então no meio de todo mundo eu sou a número cinco. E não tive oportunidade de estudar naquele tempo. A gente teve que parar pra poder ajudar em casa também.

Você nunca frequentou escola?

Eu frequentei até o terceiro ano só e depois não pude mais.

Você morava onde nessa época?

Nesse tempo a gente morava lá em São João da Boa Vista. Fica lá pro lado de Poços de Caldas. E a gente morava numa fazenda também, né. Eu já fui cedo trabalhar na fazenda, trabalhar na roça. Eu tinha sete anos eu plantava feijão, plantava milho, então não tinha como ir. Então eu parei. Eu estudei o primeiro, segundo, até o terceiro, mas eu nem terminei e fui pra roça. Depois quando eu peguei a idade de doze anos fui trabalhar em casa de família e foi muito ruim. Aí quando eu tava com catorze eu tentei voltar a estudar e não deu. A gente olhava as crianças até a noite e não tinha jeito. Aí graças a Deus eu casei meu marido também, graças a Deus é de uma família muito boa, deu muito apoio pra mim e foi agora que eu consegui voltar. E eu to muito contente. Nossa! Eu falo que eu pareço uma criança, eu não vejo a hora de chegar a tarde pra mim tomar banho, trocar de roupa e vir pra escola. Nossa gente! Isso pra mim é muito bom.

Quando você era criança, com que idade você entrou na escola?

Com sete anos completos.

E parou de frequentar a escola com que idade?

Eu não tinha nem dez anos direito e já parei.

Depois disso você não voltou mais a estudar?

Não voltei; com 16 anos eu tentei, fiquei um mês, mas não deu certo. Depois eu casei, tentei com 26 anos, só que a escola era na roça e acabou não funcionou mais. Aí não deu pra mim mais.

Você sempre morou no sítio?

Sempre morei no sítio. A gente morava em outra granja, lá perto de Campinas, quando a gente veio de lá eu morei três meses em Itu. Aí a gente veio pra cá; já faz quinze anos que a gente tá aqui.

E você casou com que idade?

Eu tinha 17 anos. Com 18 anos eu tive essa filha minha. Depois quando ela completou 5 anos eu tive essa outra e támo aí.

Você lembra o nome da escola em que você estudava?

Olha, essa escolinha que eu estudei quando eu era criança chamava Três Fazendas, que tinha um bairro que chamava Três Fazendas então puseram essa escolinha lá. Até eu fiquei triste que tá fazendo acho que uns quatro meses que eu fui visitar essa fazenda e eles derrubaram a escolinha porque o pessoal começou a usar droga lá. Porque ficou parada, né, ela ficava assim no meio de um pasto. Nossa, no dia que eu vi aquilo lá... me cortou o

coração. Porque sempre a gente passava na pista e via ela, né. Até já levei minhas filhas lá pra conhecer, aí um dia a gente voltou. Perguntei pra minha irmã porque derrubou e ela falou que era porque a noite o pessoal vinha usar droga aí. Então o pessoal da fazenda mesmo foi lá e derrubou a escolinha. E essa outra escola que eu estudei aqui chamava escola do Leme, perto de Sorocaba. E a gente fazia tela aula, aquelas da televisão, sabe? E aí começaram a roubar as coisas da escola e a professora resolveu fechar, não quis mais.

Essa escola foi em que época?

Essa foi agora com 26 anos. Agora essa com 16 é em São João da Boa Vista, mas eu não lembro o nome da escola. Foi pouco tempo também...

Essa também era no sítio?

Não, essa era na cidade, que eu trabalhava durante o dia como doméstica e a noite eu ia estudar. Mas foi por pouco tempo. Agora essa do Leme foi uma pena, tinha muita gente, tava com 28 alunos, ninguém mais podia estudar.

A escola em que você estudou quando era criança era perto ou longe da sua casa?

Eu acho que dava uns cinco km da minha casa, eu ia a pé sozinha. Às vezes eu passava no meio daquele pasto, tinha muitas vacas, eu me escondia, eu via aquele mato alto, eu deitava, porque aquelas vacas vinham cheirando. Nossa gente era horrível! E tem uma história que eu conto pras minha filhas que era assim: quando minha mãe comprava pacote de arroz, a gente ficava querendo pra cortar, limpar e colocar nossas coisas de escola dentro (risos). Gente, a gente fazia uma guerra! Minha mãe comprava cinco pacotinhos e as vezes ela comprava um pequenininho e dois grandes e eram três irmãs... a gente ficava louco, as vezes a gente chorava por causa daquilo (risos). Então, eu andava cinco km e ia sozinha. Depois que minha irmã começou a estudar também e a gente ia junto.

Era de manhã?

Era de manhãzinha. Quando era umas vinte pras seis a gente saía. Aquele orvalho sabe, nossa! Aí tinha dia que eu ia pela estrada, mas a gente tinha medo, tinha medo de cigano, tinha muito cigano naquele tempo. A gente cortava pelo meio da invernoada. Chegava na escola, chegava “em sopa”, com um vestidinho que a gente tinha, aí... a minha filha fala: “ai mãe, nem conte pra mim essas coisas” e vê como são hoje... a minha filha estudou no Bambu era um orgulho pra ela. Tinha a professora Magali, que onde encontra fica assim...! e depois graças a Deus a gente tem essa renda que dá pra pagar escola. O primeiro, segundo e terceiro colegial... fez tudo lá na Dom Aguirre. Então agradeço muito tudo que a gente tem, sabe? A gente se esforça mesmo pra isso. Mas quando eu volto lá atrás, eu falo: “gente do céu...” e hoje graças a Deus eu to fazendo o que eu quero. Eu adianto meu serviço, eu entro as cinco da manhã no meu serviço, pra ficar liberada as quatro pra mim estudar. Então eu pego o livro, o que eu não consigo fazer, eu tento, eu pergunto, as vezes até choro. Outro dia eu falei pra minha filha: “mas eu não to entendendo essa conta” e ela fala: “mãe, mas não é assim”, eu não consigo fazer aí eu começo a chorar (rindo) “mas eu não to conseguindo”, “mãe se vai conseguir”. Aí chega aqui, graças a Deus tem a C., tem a A. que me dão muito a mão. A N. agora também. Mas a minha vida agora lá atrás, nos estudos, não foi fácil não...

Você gostava de estudar?

Gostava de estudar. Todo mundo da minha casa era assim, as minhas irmãs também não tiveram essa oportunidade. Nossa o dia que a minha mãe foi e falou, que eu lembro que eu cheguei no dia e tava a minha mãe na porta falando: “você não vai pra escola, ta encerrado lá, não tem mais”. Nossa aquele dia... eu não acreditava naquilo. Eu lembro que aquela cartilha Caminho Suave, eu olhava naquela cartilha, naquele caminho, que tinha um caminhozinho assim, eu imaginava eu voltando pra trás (risos). Gente, aquele cheiro

daquela cartilha... eu tenho até hoje. Hoje eu chego em casa com minha apostila e falo: “ó gente esse aqui é o meu “caminho suave”, porque lá atrás eu não tive chance” e hoje eu agradeço a Deus quando eu pego esses livros, meu Deus, é muito bom!

O que mais você lembra da escola de quando você era criança?

Eu lembro que tinha muitos cartazes. Sabe, a gente tinha medo de mexer porque tinha uma professora que era muito ruim, ela chamava dona E. e ela era muito brava, sabe? E eu lembro que quando chegou o esqueleto, assim do corpo humano, então a gente queria mexer, mas mexia escondido, sabe? E assim acima da lousa tinha uma foto de fruta, foto de comida, então quando chegava na hora do recreio, que a gente não tinha o que comer, então a gente começava, uma com a outra “ó, aquela fruta lá é minha”, a outra falava assim “não, mas eu quero aquele pão” (ri muito) tinha uns copos de leite assim desenhado, aí a gente ficava comentando, até a professora pediu pra tirar. Chegou uma outra professora, era muito legal essa professora, quando ela chegou ela pediu que tirasse de lá, acho que ela sentiu dó de nós, sabe? Aí chegou no outro dia e a gente falou: “mas porque que tirou?”, aí ela falou que era pra trocar e ela colocou outras figuras, uns animaizinhos assim. Parecia que matava a fome aqueles desenhinhos lá. O que eu lembro mais era isso daí.

O que fez você voltar a estudar agora?

É mais por causa do meu serviço. Porque ali a gente mexe com muita conta, a gente faz separação dos “leitãozinho”. A nossa granja ali é núcleo. Então tudo que é produzido ali a gente manda pras outras granjas. Então a gente trabalha muito com número. As vezes não dá nem tempo de usar a calculadora, você tem que fazer de cabeça mesmo, sabe? É rapidinho o negócio. Quanto que nasceu, quanto pesou... então tudo isso daí vai pesando. Esses patrão nosso de Itu, eles... nossa! Me incentivam, ficam em cima. Então chega final de ano eles juntam os funcionários e falam: “vocês tem que voltar a estudar, se precisar pagar curso a gente vai ajudar”. Então é assim, eles estão esperando eu acabar de fazer até a oitava série, aí no colegial se eu for fazer algum curso, então eles vão me ajudar, conforme já ajudou muita gente ali dentro. Tem um rapaz que se formou agora a pouco tempo e tá fazendo Administração de Empresa e foi a nossa granja que ajudou. Então eles são muito bons nisso daí. Eles pegam muito no pé de funcionário a respeito de voltar a estudar.

Você voltou a estudar, então, depois de quanto tempo?

Eu tinha 26 a última vez que eu fui, então é... 14 anos. E eu to muito feliz, antes eu ficava em casa depois do serviço eu só comia e assistia televisão. A gora eu não canso de fazer lição. As vezes minhas meninas tão lá estudando eu sento lá, eu viajo, juro mesmo que eu viajo... eu falo pros outros de lá “ó gente, vamos estudar também”, tem um senhor lá que só tem até o segundo ano daí eu falo pra voltar a estudar. Tem a minha irmã, aí ela fica meio assim... todo dia, eu sou chata, eu chego e falo “gente ‘ces tem que voltar a estudar, ‘ces tem que ir... lá é assim, assim, assado...”. Eu to muito feliz mesmo!

Como você ficou sabendo do supletivo?

Foi assim: na verdade eu ia pra Sorocaba, pra fazer lá, mas lá a gente não tem ônibus, só tem o que busca, pra trazer não tem. Aí tudo bem. Aí eu conversei um dia com uma senhora que tava na farmácia, eu escutei ela falando um negócio de estudo, aí eu perguntei pra ela onde que era, aí ela falou: “é lá na L.” (nome da escola) e eu disse “mas onde que fica essa L.?” ela explicou mais ou menos pra mim, ela falou que tinha do primeiro até a oitava série. Aí eu peguei do jeitinho que ela falou e vim, fui perguntando, perguntando, até que cheguei aqui. Daí eu falei com a moça e ela falou: “ó, pra senhora entrar na terceira direto, a senhora vai ter que ir lá na escolinha que a senhora estudava e trazer suas coisinhas pra mim”. E eu ia saindo da escola, deu um branco em mim e eu falei pro meu esposo que ia começar tudo de novo, porque eu não ia conseguir acompanhar. Meu esposo falou: “mas não, continua de

onde parou!”, e eu falei: “não, não quero”. Aí eu voltei e falei pra ela: “se eu pegar o primeiro ano eu preciso ir atrás de papel?” e ela falou: “não, a senhora só dá os documentos da senhora, uma conta de luz ou de água (e eu tinha no carro)” e eu falei: “então ta aqui”, eu decidi e fui. A hora que eu peguei a carteirinha do ônibus eu até chorei (rindo). Cheguei lá, falei pra moça e ela falou: “a senhora tem um papel assim, assim, assado? (pra fazer a carteirinha)” e eu falei: “tenho”; aí ela falou: “a senhora tem uma foto assim, assim, assado?” e eu falei: “tenho”. Ela carimbou minha foto assim. Aí meu Deus eu vim assim... até hoje eu fico olhando a minha carteirinha. E assim eu comecei, eu achei muito bom, eu ter começado no primeiro, passei no segundo... só numa noite eu passei em quatro salas. Quando foi no outro dia a professora me chamou, me deu uma prova, corrigiu e falou: “não, você tem que ficar na quinta série”. Nossa, naquele dia... o primeiro professor que eu vi foi o professor C. (de Português), que ele tava dando a aula dele, né. Nossa na hora que eu vi a lousa lotada eu pensei: “gente, eu não vou conseguir fazer isso aí...” mas eu sentei, ele explicou, o pessoal logo começou a conversar comigo, nossa... foi muito bom!

Como você está se saindo nas aulas?

Eu acho que eu to indo bem. Eu acho que a única que eu to tendo um pouquinho de dificuldade é matemática. Agora com as outras coisas eu acho que eu to indo bem.

Como é o seu dia-a-dia, os seus horários...

Eu levanto as cinco horas, eu dou uma ajeitada na minha casa, deixo alguma coisa pra minha filha fazer depois, quando ela não ta lá, a gente deixa já o almoço pronto, eu entro na granja faltando dez pras seis, eu faço tudo o serviço que a gente tem que fazer lá dentro da granja, saio as nove horas, volto as onze, tem duas meninas que trabalham comigo que saem as onze e eu fico sozinha até elas almoçarem e a gente fica fazendo tudo o que tem que fazer. Quando é as quatro horas da tarde eu saio, vou pra minha casa, eu estudo o que tenho que estudar, faço janta, arrumo a minha casa, se tiver que fazer mais alguma coisa, a gente faz tudo e quando é seis e dez eu vou até o portão, o ônibus passa eu venho, ele recolhe mais uns alunos que tem e quando é dez pras sete eu to chegando aqui no portão (da escola). Saio as onze, quando eu chego na minha casa, falta quinze pra meia noite. Eu chego na minha casa, eu ainda vou estudar mais um pouco, as vezes tem alguma roupa pra passar, eu deixo tudo arrumadinho pro outro dia. Aí eu deito e a gente não dorme na hora, né? Eu vou dormir na base de uma hora, uma e quinze. Aí no outro dia começa tudo de novo.

Quando chove tem problema com o ônibus?

Tem, quando chove... outro dia eu tava dentro do ônibus, e o professor C. pediu pra que não faltasse que a gente ia ter uma redação valendo nota... eu tava dentro do ônibus e o motorista falou assim: “ó, se eu fosse a senhora, eu não ia, porque o ônibus não ta subindo. Eu desci do ônibus, esperei meu esposo chegar, meu esposo chegou, entrei no carro, ele olhou e falou: “o carro não vai subir”. Eu fiquei com o coração na mão. Aí eu liguei pra A. (colega da classe). A A. falou: “ah L., fazer o que?“, aí eu pedi pra ela por favor explicar pra ele. Aí no outro dia que eu cheguei ele falou: “eu deixei pra fazer hoje”. Eu não acreditei naquilo. E a professora de Ciências fez a mesma coisa. Então eu só falto da escola por isso daí. Eu já vim doente, já vim com dor de dente, já vim com cólica forte, com dor nas costas, mas eu não deixo de vir por esse negócio de dor, o que acaba comigo é quando chove. Quando forma o tempo eu passo o dia inteiro quieta. A minha filha fala: “vai dar certo, mãe, eu vou ‘ponha’ um ovo pra Santa Clara (rindo)”. Mas eu já faltei acho que quatro vezes por causa da chuva. Não tem condição mesmo de sair de lá. É bom quando ta seco, mas quando chove...

Você acha que é importante estudar?

Muito importante! Nossa! Hoje por tudo que eu to vendo, do jeito que ta crescendo esse negócio de computador, nossa gente, eu acho que é o que tem pra fazer primeiro. É estudar, que nem eu falei pra J. (colega da classe): “você prefere passar pra sexta série estudando ou faltando, se você acha que a quinta série ta difícil, imagine se você passar pras outras, você não vai pra canto nenhum... você é nova ainda, presta atenção na sua vida...” aí ela ficou assim... hoje em dia tudo na vida da gente é o estudo. Até pra gente falar... eu não era assim de ficar conversando. Ainda tem muitas palavras que eu enrosco, mas aqui a gente ta conversando, ta brincando, ta rindo. Eu sempre fui uma pessoa afastada. Até no serviço, sempre na minha. E hoje não. Pra mim é o estudo que ta fazendo isso. Hoje as pessoas perguntam as coisas pra mim dentro do serviço, eu fico feliz quando eu posso responder: “ó essa palavra é assim, assado”. As vezes o professor coloca um negócio de ver o x, e eu lembro que eu deixava recado pro guarda, eu deixava tudo errado. Eu trago o recado e falo: “gente, olha o que fazia!”. Mudava o s, “ponhava” o z; olha pra você ver a importância. As meninas vem e falam: “L. como se escreve... esses dias elas não sabiam como escrevia infecção” e eu mostrei num recado velho como que eu escrevia e falei: “ó gente, infecção hoje em dia se escreve assim...” Isso aí pra mim é muito, muito bom mesmo.

O que você acha que precisa para melhorar o ensino?

Ó, eu acho assim, principalmente pra gente que mora lá na roça, é condução. Porque esses ônibus que buscam o pessoal aí, dá dó. O pessoal que trabalha, o pessoal que vem... nossa! O das crianças eles estão de parabéns. Agora aqui na escola eu não vejo o que tem que melhorar. Pra mim, da minha parte, eu acho que ta muito bom. Com os professores eu fico muito contente, as coisas que a gente não entende todo mundo explica, então eu acho que pra fora de escola hoje, pra trazer mais gente, é a condução. Os ônibus ta muito ruim pra trazer o povo. Aquele dia até que veio os policial a gente comentou isso. O cara da prefeitura perguntou e a gente falou que era horrível! Os ônibus, a gente chega em casa, parece que tava dentro do... sabe; o braço dói, a costa dói, não tem onde encostar, apoiar a cabeça, não tem... muito ruim... Agora aqui da escola eu não tenho nada pra reclamar. Eu falo porque quando eu era criança eu sonhava, criança não, agora depois com a minha idade, eu sonhava com lousa, eu sonhava que tava fazendo lição, então quando eu chego em casa eu falo: “ó, hoje eu fiz tudo aquilo que eu sonhei”; eu sonhava que tava escrevendo, que a ponta do meu lápis quebrava. Então agora eu to fazendo tudo o que eu sonhei. To muito contente.

E para os alunos aprenderem mais, o que falta?

Eu acho que ta faltando eles vir mais na aula. Eles faltam demais. Ali que eu vejo é cinco, seis que realmente ta com vontade. Eu acho que da parte dos professores não ta faltando nada não. Porque eles chegam, conversam, tem dia que a gente mais conversa, é tão gostoso ficar conversando... mais eu acho que pros alunos... é o pessoal que falta. Eles faltam muito, depois eles quer copiar. Eu já falei que eu ensino, mas não deixo copiar. Mesmo quando é pra mim, eu não quero copiar, eu peço pra explicar, porque eu quero aprender. Eles chegam e ficam só atrás do meu caderno e eu não empresto o meu caderno. Então eu acho que falta os alunos terem um pouco mais de vontade. Porque tem uns que acham que só eles sofrem, que só ele trabalhou o dia inteiro tem filho, só ele cozinhou. Não é assim... ta todo mundo aqui pra mesma coisa, não é verdade? Então eu acho que é o aluno que ta precisando ter um pouquinho mais de cabeça, vontade e gostar do que faz. Porque se não gostar, não vem então. Vai ver um jogo, vai ver uma novela...

Você quer fazer mais algum comentário?

Não, eu só tenho a agradecer a Deus e agradecer todo mundo que tá aqui. Porque eu fico muito contente quando eu vou lá pra outra sala, ver um filme. O professor de Inglês. Quem falava que eu ia falar inglês hoje (risos)? Nossa, eu tô muito contente mesmo. Com a aula da senhora, saber sobre a Terra, saber sobre o espaço, sobre os mapas... eu fiquei abismada com os mapas, eu chego em casa, eu fico medindo, sabe? Eu fico muito contente. A minha filha ligou esses dias pra mim e perguntou sobre o solo, eu falei pra professora de Ciência e ela falou: “é assim, assim, assado”, eu falei pra minha filha e ela falou: “mãe, aquelas três coisas que a senhora falou é importante pra mim”, e eu falei: “tá vendo”. Então eu fico muito contente. A professora de Arte... eu não tenho que reclamar de nenhum deles. Eu só ficava meio amedrontada era com o professor de Inglês, mas eu vi que não tem nada a ver. Nossa eu fico assim, sabe... falo “teacher”, mas eu falava: “o que é teacher” e as meninas falavam: “é o professor”, o meu Deus do Céu! Não, eu tô muito contente, não tenho nada pra reclamar, só tenho pra agradecer. De poder sair de lá e voltar com lição! Tô muito contente. Eu acho que eu tô de parabéns (risos)! E todo mundo aqui tá de parabéns. Então eu vou dar parabéns pra mim primeiro... eu tô muito feliz, nossa... Luiza (nome da escola) pra mim hoje em dia, “fia”... é um palavrão, mas pra mim palavrão é outra coisa, então eu fico muito contente de lavar minha blusa (do uniforme) de final de semana, esperar secar... minha filha fala: “tem que comprar outra mãe”, eu falo: “não, é assim que a gente tem que fazer, porque quem tem duas não dá valor. Então eu tô muito contente...”

Então, muito obrigada!

Eu que agradeço!

ANEXO

ANEXO A: Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa



Universidade de Sorocaba

Sorocaba, 27 de abril de 2009.

Protocolo CEP Nº: 002/09

Projeto de Pesquisa: Trajetórias de Exclusão: o aluno do supletivo e seu cotidiano escolar

Pesquisador Responsável: Eliete Jussara Nogueira

Pesquisadores Participantes: Érica Martelini Messias Borin

Parecer Consubstanciado CEP – Uniso

- Aprovado**
- Aprovado com Recomendação**
- Pendente**
- Reprovado**

O projeto de pesquisa intitulado “**Trajetórias de Exclusão: o aluno do supletivo e seu cotidiano escolar**”, pertencente à área do conhecimento “Ciências Humanas (Educação)”, sob responsabilidade da Professora Eliete Jussara Nogueira vinculada à Universidade de Sorocaba e, portanto, submetido ao CEP-Uniso. Tem como pesquisadora participante Érica Martelini Messias Borin. O projeto encontra-se adequadamente elaborado visto cumprir com todas às exigências constantes na Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 do Conselho Nacional de Saúde, órgão ligado ao Ministério da Saúde.

A pesquisa refere-se a um projeto de dissertação e tem como objetivo geral refletir sobre a influência da contemporaneidade na vida e nas escolhas dos alunos do supletivo. Em particular deseja-se: a) conhecer a trajetória dos alunos do Ensino Supletivo, b) identificar nos fragmentos dessa trajetória, indícios de exclusão, e c) relacionar a característica de “refugio humano”, com as atuações na escola.

Os autores propõem realizar uma pesquisa de campo junto a uma amostra não aleatória de até 20 alunos, não havendo riscos evidentes em participarem do estudo. Os dados (idade, estado civil, escolaridade, identificação de moradia, trabalho e questões sobre a trajetória escolar) serão coletados através da realização de entrevistas semi-estruturadas com base num roteiro pré-estabelecido, que terão seu áudio gravado. Todavia, os pesquisadores deixam claro que a gravação somente ocorrerá com o consentimento do aluno.

O projeto não contará com o patrocínio de qualquer natureza, sendo sua execução e responsabilidade do pesquisador e Instituição que o abriga, neste caso a Universidade de Sorocaba.



Universidade de Sorocaba

Os pesquisadores envolvidos no projeto estão devidamente identificados, sendo estes os responsáveis pela coleta dos dados, que ocorrerá mediante assinatura, por parte dos sujeitos da pesquisa, de termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Tal documento encontra-se adequadamente elaborado, cumprindo com as exigências realizadas pela Resolução 196/96, apresentando linguagem clara e objetiva, objetivos e procedimentos da pesquisa em curso, riscos e desconfortos esperados, além de informar sobre a não remuneração pela participação no estudo. Também garante o sigilo das informações fornecidas.

Frente ao exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Sorocaba (CEP-Uniso) considera não haver nada que desabone o referido projeto a aprovação.

Prof.ª. Dr.ª. Renata Lima
Coordenadora do CEP – UNISO

Obs.: Entregar relatório final até outubro de 2009.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)